

"O MELHOR JORNALISTA EM AÇÃO NO IRAQUE" - SEYMOUR MERSH

PATRICK COCKBURN



**A ORIGEM DO
ESTADO ISLÂMICO**

O FRACASSO DA "GUERRA AO TERROR" E A ASCENSÃO JIHADISTA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

O FRACASSO DA "GUERRA AO TERROR" E A ASCENSÃO JIHADISTA



patrick COCKBURN

A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

O FRACASSO DA “GUERRA AO TERROR” E A ASCENSÃO JIHADISTA

Tradução

Antonio Martins

Apresentação

Reginaldo Nasser

1º reimpressão



© 2015 Autonomia Literária, São Paulo, para a presente edição.

© Patrick Cockburn 2014 [All rights reserved]

Esta obra foi publicada originalmente em inglês sob o título *The Jihadis Return*, por or Books, Nova Yorke Londres, 2014. A versão atualiza desta obra foi publicada por Verso Books 2015, sob o título *The Rise of Islamic State*.

This is Portuguese edition published by agreement with or Books and Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução Ltda.

Coordenação editorial:

Caue Seignemartin Ameni, Hugo Albuquerque & Manuela Beloni Revisão Ortográfica: Denise Martinho Eid

Nota à primeira edição: Marco Antônio Eid

Foto de capa: Reuters

Projeto gráfico: Marcos Mendez & Manuela Beloni

Selo: Histórias Não Contadas | Ilustração: Malén Bruna **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)**

C665o

Cockburn, Patrick

A Origem do Estado Islâmico: o fracasso da guerra ao terror e a ascensão jihadista/Patrick Cockburn; tradução Antônio Martins. - São Paulo (SP): Autonomia Literária. 2015.

208 p. : 14x21 cm

Título original: The jihadis return

ISBN 978-85-69536-00-0

1. Estado Islâmico. 2. Fundamentalismo islâmico. 3. Islamismo e política. 4. Jihad. I. Antônio Martins. II. Título editora autonomia literária

Rua Conselheiro Ramalho, 945

01325-001 São Paulo-SP Brasil

editora@autonomialiteraria.com.br

www.autonomialiteraria.com.br

SUMÁRIO

Mapas

Apresentação: *Uma serpente entre as pedras*

prefácio: Os 100 Dias

capítulos

I. A ascensão do isis

II. A Batalha de Mosul

III. Em Estado de Negação

IV. A Marcha dos Jihadistas

V. O ressurgimento sunita no Iraque

VI. Os jihadistas sequestram a rebelião Síria

VII. A Arábia Saudita tenta voltar atrás

VIII. Se Sangrar é Manchete

IX. Choque e Guerra

posfácio

agradecimentos

glossário

sobre o tradutor



Histórias não contadas

O Selo *Histórias Não Contadas* da Autonomia Literária é, sem dúvida, o espaço dedicado às narrativas malditas, ocultadas pelas fontes oficiais ou simplesmente ignoradas na arena da conflituosa sociedade global.

Para tanto, recorreremos ao trabalho de jornalistas

investigativos, testemunhas oculares das histórias e pesquisadores desses eventos.

Aqui, nosso objetivo é ajudar a desmontar mitos e su-

perstições sobre fatos e figuras em destaque na mídia

global trazendo-os à luz do debate público.

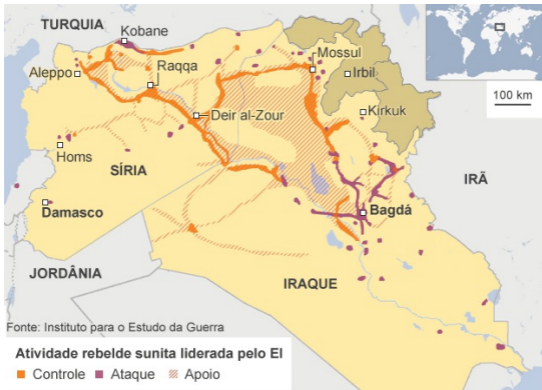
Na era da informação total, vivemos sob a ditadura

das versões e pontos de vista oficiais, a qual nos dá uma visão cômoda e nem sempre verdadeira do nosso tempo.

É preciso, pois, realizar um esforço radical: encontrar e publicar os testemunhos desses insiders, pois a cura de muitos males demanda apenas a luz do Sol.

•





idades e campos de petróleo no iraque e na síria

fonte: bbc

zonas de atividade do estado islâmico

fonte: bbc

Prefácio: Os 100 dias

ApRESENTAÇÃO:

UMA SERPENTE

ENTRE AS PEDRAS

- PATRICK COCKBURN -

Reginaldo Nasser

Pelas lentes da mídia ocidental, o Estado Islâmico (isis) aparece como um grupo irracional que age sem motivos

políticos, movido apenas pelo ódio religioso. As imagens de vídeos com requintes técnicos e estéticos produzidos pelos próprios militantes decapitando reféns são nar-radas, à exaustão, pelos meios de comunicação como

sendo combatentes furiosos que não poupam mulheres

ou crianças. Construiu-se uma imagem no Ocidente, desde o início da década de 1990, e que se intensifica atualmente, que esses jihadistas são capazes de fazer as piores atrocidades. Evoca-se, no imaginário do Ocidente, semelhanças com um passado longínquo, associando-os às “tribos

bárbaras” que varreram o Império Romano ou às hordas

mongóis de Gengis Khan que devastaram cidades inteiras, massacrando seus habitantes como se estivessemos diante de um choque de civilizações. Em curto espaço de tempo, o isis destronou aquela que, até então, era considerada a maior ameaça à segurança internacional, responsável pelos atentados terroristas no dia 11 de setembro de 2001. O

grupo Al-Qaeda já era coisa do passado.

O impacto desse fenômeno sobre a comunidade in-

ternacional foi devastador. Nos Estados Unidos, Canadá, Europa e até mesmo no Brasil, começou-se a especular

sobre a possibilidade da existência de células do grupo, 10 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

cooptando jovens ou mesmo planejando ataques terro-

ristas. Um dos autores do atentado ao semanário *Charlie*

Hebdo, em 2014, em Paris, revelou com orgulho o pertencimento ao grupo. Em vídeo, que teve ampla circulação

pelas redes sociais, um jovem canadense aparece rasgando seu passaporte, fazendo ameaças, em inglês, e depois, em árabe: “[Esta] é uma mensagem aos poderes do Canadá e

da América. Estamos chegando, e vamos destruí-los”.

Mas, afinal de contas, quem são esses terroristas que conseguiram, de forma inédita, unir Estados Unidos e

Irã, adversários de longa data, sem ter um único aliado no cenário internacional? Apesar de realmente usar táticas cruéis, próprias de um grupo terrorista, como conseguem a adesão voluntária de milhares de jovens europeus?

Como foi possível ocupar um território de tamanho equi-valente à Jordânia, com cerca de oito milhões de pessoas, incorporando partes significativas da Síria e do Iraque?

Pois bem, é a ascensão desse novo ator numa comple-

xa rede de conexões com atores internacionais (Estados Unidos, França e Grã-Bretanha) e regionais (Arábia

Saudita, Turquia e Paquistão), bem como seus impactos

políticos, sociais e humanitários no xadrez geopolítico do Grande Oriente Médio, que Patrick Cockburn, um dos

mais credenciados jornalistas na região, ao lado de Robert Fisk, se esmera em explicar em linguagem clara e objetiva.

Pode-se dizer que Patrick Cockburn mantém vivo o

legado de seu pai, o lendário jornalista Claud Cockburn, que sugeria que a única forma de um correspondente internacional fazer seu trabalho, com dignidade, era repetir continuamente a pergunta: “Por que esses bas-tardos estão mentindo para mim?”. Cockburn examina

os caminhos dos diversos atores no Oriente Médio com

uma lupa, indo aos mínimos detalhes, mas sem deixar

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 11

- PATRICK COCKBURN -

de conjugar essas informações com uma visão mais am-

pla do processo histórico em que as grandes potências

e os poderes regionais imprimem sua marca. Em certos

trechos da obra temos a impressão de que se trata de um livro de história, em outros, de um romance histórico e, algumas vezes, nota-se até mesmo a linguagem do pes-quisador acadêmico preocupado com a adequação dos conceitos. Conhecedor como poucos da região, Patrick

Cockburn fez dezenas de viagens à Síria e ao Iraque, durante os últimos vinte anos, recolhendo informações

extremamente persuasivas que ganham um colorido es-

pecial por meio de relatos de diálogos e entrevistas com oficiais da inteligência, jornalistas e, principalmente, com os homens e mulheres que vivem o cotidiano da violência.

O líder do isis, Abu Bakr al-Baghdadi, descreveu a es-

tratégia militar de seu grupo como “uma serpente que se move entre as pedras” usando suas forças como tropas

de assalto quando se trata de atingir alvos considerados frágeis, mas evitando se atolar em batalhas prolongadas quando a correlação de forças se equilibra. Creio que o trabalho meticuloso de Cockburn é acompanhar a serpente desde seu nascimento, desvendar quem a alimenta, como ela se move e quais são as condições do ambiente

que permite com que se fortaleça e se prolifere.

Assim como outros jornalistas e analistas internacionais, Cockburn não foge à regra ao usar o termo

jihadismo para relacionar essa ideologia às ações dos

grupos terroristas islâmicos, em geral, e ao isis em particular. Embora não comprometa significativamente sua

rica análise sobre o isis, creio que, por vezes, o uso in-discriminado do termo permite leituras menos atentas

às especificidades dos grupos que a utilizam, o que acaba por atribuir à religião um peso maior do que realmente 12 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

possui nas ações violentas. A palavra árabe “jihad” é

muitas vezes traduzida como “guerra santa”, mas, em

um sentido puramente linguístico, a palavra signifi-

ca luta ou esforço. Em sentido religioso, como descrito pelo Alcorão, “jihad” tem muitos significados. Pode se referir aos esforços pessoais para ser um bom muçulmano ou crente, bem como o trabalho para informar as

pessoas sobre a fé no Islã. Assim, é preciso considerar a interpretação e o uso arbitrário que os diferentes grupos islâmicos fazem do conceito de jihad.

Importante notar que Cockburn alerta para o fato

de que a ideologia da Al-Qaeda e do isis é uma inter-

pretação extremada do wahabismo, a ideologia oficial

do Estado saudita, uma versão fundamentalista do Islã, nascida no século xviii, que enxerga os xiitas e sufistas como não muçulmanos que devem ser perseguidos assim como cristãos e judeus. Os maiores responsáveis pela difusão do wahabismo no mundo são os países árabes

aliados dos governos ocidentais: Arábia Saudita, Catar e Emirados Árabes.

Citando uma autoridade em questões

islâmicas, Cockburn vai direto ao ponto: “Se você quiser fundar um seminário ou mesquita em qualquer lugar do

mundo, não há muitos locais fora da Arábia Saudita em

que possa obter 30 mil dólares”. Se a mesma pessoa desejar opor-se ao wahabismo, será uma luta ingrata.

Aliás, o controverso papel da Arábia Saudita na po-

lítica do Oriente Médio é um dos temas principais

perseguidos por Cockburn em todo o livro. O jornalista chega a afirmar que o jihadismo não será derrotado se

os Estados Unidos e seus aliados não atuarem de forma

decidida contra a influência que têm na promoção do extremismo islâmico. De um lado, a política saudita age por dois motivos contraditórios diante dos jihadistas: medo o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadiStã | 13

- PATRICK COCKBURN -

de que operem na própria Arábia Saudita e desejo de

usá-los contra os poderes xiitas no exterior. Os Estados Unidos também agem de modo contraditório em relação

à Arábia Saudita: medo do suporte financeiro e político que dão aos jihadistas e crença de que manter os sauditas como aliados é imprescindível para a estabilidade geopolítica na região. Nada mais, nada menos do que

o vice-presidente norte- americano, Joe Biden, chegou

a afirmar: “A Arábia Saudita, a Turquia e os Emirados

Árabes estavam muito determinados a derrubar Assad

e, em essência, provocar uma guerra por procuração

entre sunitas e xiitas. O que fizeram? Destinaram cen-

tenas de milhões de dólares e dezenas de toneladas de

armas a qualquer um disposto a lutar contra Assad.

Porém, as pessoas que estavam sendo abastecidas eram

da Al-Nusra, Al-Qaeda e extremistas da jihad vindos de outras partes do mundo”. Mesmo diante dessa evidência, os Estados Unidos, de Bush a Obama, nunca tomaram

qualquer atitude mais drástica.

Mas, se a ideologia adotada é importante para com-

preender a violência e o sectarismo propagado pelo isis, Cockburn não descuida dos aspectos estruturais (sociais e econômicos) que permitem a realização dessa mesma ideologia. No Iraque, o isis tem atraído o apoio de membros da minoria sunita que foi marginalizada sob

o domínio do governo autoritário de Nouri al-Maliki, o primeiro-ministro xiita, patrocinado por Washington e

Teerã. O apadrinhamento baseado em partido, família

ou comunidade determinava quem deveria conseguir

emprego e ser visto como cidadão, e quem seria um pá-

ria. Cockburn procura dar vida a esses aspectos recordando uma experiência pessoal que teve no Iraque: “Tentei contratar um motorista recomendado por um amigo. Ele me

14 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

disse que precisava do dinheiro, mas era sunita, e o risco de ser parado num posto de controle era grande demais.

‘Estou tão amedrontado’, disse, ‘nunca saio de casa depois das seis da tarde.’” Assim, a hostilidade disseminada aos sunitas pelo governo iraquiano, como promotor do

sectarismo, permitiu ao isis aliar-se com vários grupos militantes sunitas, com quem antes travava combate.

Esse sectarismo governamental difundiu a percepção

entre os sunitas de que sua única chance de sobreviver e mesmo de vencer a luta pelo poder no Iraque é enfrentar a hegemonia xiita.

O rápido avanço do Estado Islâmico, em todo o norte

do Iraque, em junho de 2014, capturando sua segunda

maior cidade, Mosul, e ameaçando avançar em direção

a Bagdá, atordoou especialistas em segurança interna-

cional e lideranças políticas do Ocidente. O colapso e verdadeira debandada de milhares de soldados do exército iraquiano era uma demonstração cabal do fracasso

da chamada política de reconstrução dos Estados Unidos e seus aliados no Iraque,

depois de dez anos de ocupação e mais de 100 bilhões de dólares investidos em infraestrutura e segurança. Esse fato é atualmente comentado

por todos como decisivo para a ascensão do grupo, mas

é importante lembrar que, mesmo antes da queda de

Mosul, Patrick Cockburn intuiu que algo estava por vir.

Em 2013, ele elegeu al-Baghdadi como o “homem do

ano” no Oriente Médio no jornal em que é colaborador

(*The Independent*). A atenção de Cockburn já se dirigia para o grupo que vinha obtendo muitas vitórias simbó-

licas, como a captura de Fal ujah (a cidade onde houve batalhas sangrentas contra forças anglo-americanas durante a ocupação do Iraque), ou o assalto à prisão de Abu Ghraib (local das torturas praticadas pelas forças o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 15

- PATRICK COCKBURN -

de segurança dos Estados Unidos). Cockburn julga-

va que, provavelmente, essas vitórias impulsionariam o credenciamento do isis junto à população iraquiana sunita marginalizada. As fontes e as informações colhidas por Cockburn ganham uma dimensão toda especial nos

seus relatos, não como curiosidades de um suposto exo-

tismo árabe-islâmico, mas sim como frestas de luz que

permitem iluminar os tortuosos caminhos dos conflitos

armados no Oriente Médio.

Segundo uma fonte iraquiana de Cockburn, em mui-

tos aspectos o governo iraquiano já não detinha o poder mesmo antes da queda militar de Mosul. Segundo essa

mesma fonte, o isis já cobrava impostos de vendedores

de verduras no mercado, de empresas de telefones ce-

lulares e de construção. Essas informações permitiram

Cockburn aferir que a renda com estas cobranças alcan-

çava por volta de 8 milhões de dólares ao mês. Aliás, ele observa o mesmo tipo de “tributação” em Tikrit, onde um amigo relatou que as pessoas não comiam em nenhum

restaurante que não estivesse em dia com os pagamentos ao isis, por medo de que o local fosse atingido por uma bomba durante o jantar.

Cockburn cita outra fonte iraquiana que lhe permitiu

compreender o intrincado jogo dos atores internacionais como um dos fatores que permitiu a ascensão isis. De

acordo com essa revelação, no período de 2011 a 2013, a inteligência militar turca estimulou experientes oficiais iraquianos da era Saddam a trabalhar com o movimento

jihadista desempenhando um papel crucial no planeja-

mento militar cuidadoso e no aprimoramento tático do

grupo. O mesmo passou a ocorrer na Síria após os mo-

vimentos da Primavera Árabe quando, de acordo com

um ex-comandante do Exército Sírio Livre (fsa) citado

16 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

por Cockburn, funcionários das agências de inteligência dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, e representantes dos governos da Arábia Saudita, Emirados Árabes, Jordânia e Qatar circulavam livremente nas fileiras da oposição síria.

Do alto de sua experiência, Cockburn questiona o pró-

prio termo “repórter de guerra”, que dá a falsa impressão de que os conflitos podem ser melhor compreendidos

com uma cobertura centrada unicamente na descrição

do combate militar, pois é fundamental que seja interpretado sob o prisma da política. E exemplifica: “Em 2003, as tvs mostraram colunas de tanques iraquianos esmagados e em chamas, após os ataques norte-americanos

na autoestrada principal a norte de Bagdá. Se não fosse pelo cenário de deserto, os telespectadores poderiam estar observando imagens do exército alemão derrotado na Normandia, em 1944. Porém, subi em alguns dos tanques

e pude constatar que haviam sido abandonados muito

antes de serem atingidos. Era algo importante, porque

mostrava que o exército iraquiano não estava disposto

a lutar e morrer por Saddam. Também permitia prever

o futuro da ocupação”. Outro risco que acompanha os

“repórteres de guerra” é que há uma tendência a drama-

tizar os eventos em prol da audiência e em prejuízo da complexidade da história.

Quem não se sente atraído

pelos cenas que mostram bombas explodindo e veícu-

los militares em chamas ao fundo? O problema, adverte

Cockburn, é que essas “ultrassimplificações” articuladas à propaganda política dos governantes permitem apresentar os conflitos como uma batalha entre o bem e o

mal, suprimindo toda e qualquer forma de nuances que

possam existir nessas situações.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 17

- PATRICK COCKBURN -

Dizer que em todas as guerras há uma diferença entre

o que é reportado e o que de fato ocorreu é senso co-

mum, mas nas guerras travadas no Afeganistão, Iraque,

Líbia e Síria nos últimos 10 anos houve informações

completamente erradas, inclusive sobre a identidade dos vitoriosos e dos derrotados – o que, segundo Cockburn, talvez explique “por que houve tantas surpresas e reversões inesperadas dos fatos”. Cockburn observa que boa

parte da mídia ocidental difundiu a crença equivocada

de que as inovações tecnológicas mudavam rapidamente

as realidades políticas. Os jornalistas estrangeiros se juntaram à oposição na demonização dos governos de

Assad, na Síria, e Muammar Gaddafi, na Líbia, sem se

preocupar em investigar quem eram os opositores. De

forma sarcástica, Cockburn observa que era como se

um “admirável mundo novo” estivesse sendo criado em

alta velocidade nas telas das tvs. Novamente destilando ironia, Cockburn dá sua dica para o sucesso: “O ingrediente essencial de uma boa história de atrocidades é

ser chocante e não refutável imediatamente”. Entre tantas ilustrações sobre histórias fraudulentas relatadas por Cockburn, cito esta: “Um correspondente internacional

visitou um campo de refugiados sírios onde encon-

trou uma criança de dez anos assistindo a um clipe de

YouTube mostrando dois homens sendo executados com

uma motosserra. A narração dizia que as vítimas eram

sunitas sírios e os assassinos, alawitas. Na verdade o filme era do México e os assassinatos haviam sido praticados pelo cartel das drogas”.

Cockburn mostra como uma série de erros cometidos

pelos Estados Unidos e seus aliados ocidentais criou as condições para o surgimento do isis. Em primeiro lugar, a invasão do Iraque em 2003 fez com que os sunitas fossem 18 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

marginalizados. Em segundo lugar, o apoio ocidental aos insurgentes na Síria criou o cenário propício para tipo de combate implementado pelo isis. Assim, conclui que

a “Guerra ao Terror” promovida pelos Estados Unidos

foi um grande fracasso. Isso é verdade, desde que você acredite que realmente era esse o objetivo visado pelos políticos e agentes de segurança norte-americanos e britânicos. Sem negar completamente essa versão, creio

que também é possível levantar outra hipótese que não

aparece no livro. Não é conveniente, para alguns, ter um inimigo permanente que se transmuta em formas cada

vez mais assustadoras? Que o diga a indústria bélica, que precisa justificar seu crescimento, as empresas privadas de segurança, que precisam justificar sua expansão, e os ideólogos da ocupação do Oriente Médio, que precisam

justificar a presença militar norte-americana na região.

Cockburn mostra, fartamente, exemplos de ações mi-

litares e diplomáticas completamente equivocadas por

parte dos Estados Unidos, que, ao invés de derrotar o

isis, só o fortaleceu. Sim, é possível e provável que erros de análise e de compreensão de fenômenos sociais

e políticos sejam cometidos, mas será que é razoável

supor que o aparato diplomático-militar dos Estados

Unidos seja tão despreparado a ponto de cometer, rei-

teradamente, erros grosseiros? Ou podemos ter também

como hipótese que talvez o fracasso da guerra possa ser de fato o seu sucesso? Os líderes políticos e generais em Washington e Londres podem estar recebendo pesadas

críticas domésticas por seus erros no Iraque e Síria, mas alguns analistas do mundo árabe observam que, na verdade, estão sendo muito bem-sucedidos na execução de

um plano para dividir o país. No fundo, a unidade entre o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 19

- PATRICK COCKBURN -

a resistência sunita e xiita sempre foi motivo de preocupação por parte desses líderes.

Seja como for, o fato é que a ascensão meteórica do isis e sua declaração de restabelecer o Califado são algo sem precedentes na história do sistema estatal árabe que teve início após o fim do Império Otomano e a Conferência

de Paz de Paris, em 1919. Pela primeira vez, um ator não-estatal islâmico, que agora é simultaneamente nacional e transnacional, esculpiu uma nova unidade política no mundo árabe, onde as fronteiras permaneceram relativa-mente inalteradas ao longo de todo o século xx.

Embora mencione em vários momentos, Cockburn

não explora em profundidade o surgimento de uma

nova forma de espacialidade política ligada à criação do Estado Islâmico no Oriente Médio, negando claramente

a essência geográfica do campo das relações internacionais: o Estado com um território claramente delimitado.

Ainda que se possa duvidar de sua durabilidade, trata-

-se, evidentemente, de uma demonstração da fraqueza

do processo de criação artificial de estados-nação na re-gião do Oriente Médio, caracterizado pelo arroubo das

potências ocidentais em construir um sistema político

na região à sua imagem e semelhança. O fracasso do

nacionalismo como uma ideologia política no Oriente

Médio influenciou o surgimento de movimentos radicais

islâmicos que reivindicam a constituição de uma nova

ordem política nesses territórios: o Califado. O colapso do Iraque e da Síria como estado-nação tem dado a estes movimentos força para consolidar o seu projeto e alargar os seus objetivos sobre um território que pode cobrir a região do Oriente Médio e além. De fato, este espaço geopolítico deve ser analisado também sob a perspectiva

do que novas possibilidades de exploração de recursos

20 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

(petróleo, principalmente) podem dar ao novo Califado

em termos de poder dentro do sistema internacional.

O isis é especialista em estimular o medo. Os vídeos

que produz, de seus combatentes executando soldados e

pilotos de avião, tiveram um papel importante para aterrorizar e desmoralizar seus inimigos. Entretanto, esse medo também pode unir um amplo arco de oponentes

do isis que eram antes hostis uns em relação aos outros.

Como nota Cockburn, se o apelo do Estado Islâmico

aos muçulmanos sunitas na Síria, no Iraque e em todo

o mundo funciona, em parte, com base num sentimento

de que suas vitórias são presentes de Deus e inevitáveis, isso também pode ser sinal de fragilidade, já que qualquer derrota pode afetar a alegação de apoio divino.

Ainda que seja improvável cumprir a promessa de

garantir a viabilidade de seu Califado no Iraque e na

Síria contra o poderio militar dos Estados Unidos e sua coalizão dentro do

território governado por dois governos xiitas, sua ideologia provavelmente continuará a

inspirar seguidores. Quer se trate de um isis abrigado nos centros urbanos de Mosul e Raqqa ou espalhado

nas periferias, ainda assim será capaz de lançar ataques esporádicos dentro das cidades iraquianas e sírias, em particular por meio de carros-bombas e ataques suicidas. O Estado Islâmico poderia rasgar o Oriente Médio

e causar ainda mais agitação para as gerações futuras, onde os Estados não têm uma ideologia que lhes permite competir como um foco de lealdade baseada em

religiosas ou grupos étnicos. A capacidade do isis para apelar a um imaginário islâmico através de fronteiras e sua restauração do Califado representa a cristalização de uma ideologia jihadista que se desenvolveu ao longo dos últimos trinta anos. Seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do JiHadisTa | 21

- PATRICK COCKBURN -

propaga que o Califado é um tipo de Estado onde “árabes e não árabes, homens brancos e negros, orientais e ocidentais são todos irmãos... A Síria não é para os sírios e o Iraque não é para os iraquianos. A Terra é de Alá”.

O grande pensador da guerra, C. Von Clausewitz, jul-

gava que sempre reinará uma grande incerteza durante

os confrontos armados, já que é simplesmente impossível

ter conhecimento pleno de todas as informações em

jogo. Como consequência, toda ação, em certa medida,

será planejada na “névoa da guerra”, que pode dar apa-

rência deturpada às coisas. Portanto, o leitor não deve se espantar se, mesmo após a leitura desse livro, ainda reinar algumas incertezas. É impossível dissipar a névoa, mas o leitor perceberá com certeza que, após a leitura dessa obra, poderá acompanhar com mais segurança as

inúmeras peças em movimento nesse verdadeiro xadrez

geopolítico do Oriente Médio.

São Paulo, Junho, 2015

•

Reginaldo Nasser é mestre em Ciência Política (Unicamp) e doutor em Ciências Sociais (puc-sp). Professor do

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

– San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e puc) e chefe do

Departamento de Relações Internacionais da puc-sp.

22 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

Prefácio: Os 100 dias

pREFÁCIO:

OS 100 DIAS

- PATRICK COCKBURN -

No verão de 2014, ao longo de 100 dias, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante I (isis) transformou a política do Oriente Médio. Combatentes jihadistas combinaram

fanatismo religioso e expertise militar para alcançar vitó-

rias espetaculares e inesperadas contra forças do Iraque, da Síria e dos curdos. O isis chegou a controlar a oposição sunita aos governos de Bagdá e Damasco e se espalhou

por toda parte, do Curdistão do Iraque à fronteira desse país com o Irã e às periferias de Aleppo, maior cidade síria. Durante essa rápida ascensão, agiu como que in-toxicado por seus próprios triunfos. Não se preocupou

com a expansão de sua lista de inimigos, que passou a

incluir nações como os Estados Unidos e o Irã, adversá-

rios de longa data, mas unidos pelo medo comum dos

fundamentalistas. A Arábia Saudita e as monarquias su-

nitadas do Golfo Pérsico aliaram-se aos ataques aéreos dos norte-americanos sobre o isis na Síria, porque sentiram que o grupo representava ameaça à sua própria sobrevivência e status político no Oriente Médio, maior do que qualquer outro fato, desde que Saddam Hussein invadiu

o Kuwait em 1990.

1. Nota do Tradutor: isis na maior parte da imprensa, mas também escrito isil na sigla em inglês para Islamic State on Iraq and the Levant. No Oriente Médio, o grupo é conhecido em árabe como ad-Dawlah al-Islâmiyah fî 'l-Irâq wa-sh-Shâm, levando ao acrônimo árabe Da'ish ou Daesh.

24 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

O Iraque e a Síria chegaram à beira da desintegração

quando suas diversas comunidades – xiitas, sunitas, curdos, alawitas e cristãos – perceberam que precisavam

lutar por sua própria existência. Ao exigir obediên-

cia sem perdão à sua variante particular e exclusiva do Islã, o isis matou ou forçou a fuga de todos aqueles que rotulou como “apóstatas” e “politeístas” ou que simplesmente se colocaram contra seu domínio. Seus líderes

eram produtos de uma década de guerra no Iraque e na

Síria, e o martírio deliberado, por meio de bombas suicidas, foi uma prática central entre suas táticas militares.

O mundo nunca havia visto algo semelhante a seu uso

de violência pública, para aterrorizar oponentes, desde o Khmer Vermelho no Camboja, 40 anos antes. A data

crucial foi 10 de junho de 2014, quando o isis capturou Mosul, capital do norte do Iraque, após quatro dias de luta. Em 23 de setembro, os Estados Unidos ampliaram

o uso de força militar na Síria, para prevenir a expansão dos jihadistas. Nos 105

dias que separaram os dois eventos, o isis avançou sobre o Iraque e a Síria, derrotando com facilidade inimigos superiores em número e melhor

equipados. Como seria de se esperar, atribuiu esses sucessos à intervenção divina.

Em contraste, o governo iraquiano dispunha de um exército com 350 mil soldados, no qual havia investi-

do 41,6 bilhões de dólares, entre 2011 e 2014. Porém, essas forças derreteram sem resistência significativa.

Uniformes e equipamentos abandonados foram encontrados dispersos ao longo das estradas que levavam ao

Curdistão e a lugares seguros. Em duas semanas, as áreas do oeste do Iraque não controladas pelos curdos passaram às mãos do isis, que, no fim do mês, anunciou a

criação de um Califado, que avançava profundamente no

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 25

- PATRICK COCKBURN -

Iraque e Síria. Seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, afirmou tratar-se de “um Estado onde árabes e não árabes, homens brancos e negros, orientais e ocidentais são todos irmãos... A Síria não é para os sírios e o Iraque não é para os iraquianos. A Terra é de Alá”.

As palavras de Al-Baghdadi revelavam uma intoxicação pela vitória militar que foi crescendo à medida

que seus homens enfrentaram e derrotaram oponentes

na Síria e no Curdistão iraquiano. Em agosto, a ameaça do isis à capital curda, Erbil, deflagrou ataques aéreos dos Estados Unidos no interior do Iraque, que foram

mais tarde estendidos à Síria, em 23 de setembro. O poder aéreo norte-americano pode não ter sido suficiente para eliminar ou mesmo conter o isis, mas forçou os

combatentes a abandonarem a guerra semiconvencio-

nal, realizada com colunas de veículos (frequentemente, Humvees americanos, capturados do exército do Iraque)

cheios de combatentes bem armados. Ao invés disso, o

isis recuou para táticas de guerrilhas, já não esperando desencadear um ataque devastador contra o presidente

sírio, Bashar al-Assad, os curdos sírios ou outros grupos rebeldes sírios contra os quais combatia na guerra civil desde janeiro de 2014.

Ao longo desses 100 dias, a geografia política do Iraque mudou diante dos olhos de seu povo e surgiram sinais

concretos dessa transformação em toda parte. Os mora-

dores de Bagdá passaram a cozinhar com gás propano,

porque o abastecimento de eletricidade tornou-se totalmente inconstante. Logo, houve um desabastecimento

crônico de cilindros de gás, que chegavam de Kirkuk a estrada para o norte havia sido interrompida por combatentes do isis. Alugar um caminhão por um só dia,

para percorrer 350 quilômetros da capital curda, Erbil, 26 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

a Bagdá, passou a custar 10 mil dólares – contra 500 dó-

lares, um mês antes. Existiam sinais abundantes de que os iraquianos temiam um futuro de violência, pois as armas e munições haviam ficado muito mais caras. O valor de uma bala para um rifle de assalto ak-47 rapidamente triplicou – para quatro mil dinares iraquianos, aproximadamente dois dólares. Tornou-se impossível comprar

Kalashnikovs de traficantes de armas, embora pistolas ainda fossem encontradas pelo triplo do preço da semana anterior. Subitamente, quase todo mundo tinha armas, inclusive os guardas de trânsito de Bagdá, barrigudos e de camisas brancas, que passaram a usar submetralhadoras.

Muitos dos homens armados que começaram a aparecer nas ruas de Bagdá e outras cidades xiitas eram

milicianos xiitas – alguns do Asaib Ahl aq-Haq, um racha do grupo populista xiita, seguidor do clérigo nacionalista Muqtada al-Sadr. Essa organização era controlada pelo primeiro-ministro Nouri al-Maliki e os iranianos. O fato de o governo apoiar-se em milícias sectárias para defender a capital foi um sinal do colapso das forças de seguran-

ça do Estado e do exército. Ironicamente, até então, um dos poucos feitos de Maliki como primeiro-ministro tinha sido enfrentar as milícias xiitas em 2008; mas, agora, ele as encorajava a retornar às ruas. Logo, corpos passaram a ser despejados à noite. Seus documentos de identidade haviam sido levados, mas se assumia que fossem vítimas sunitas dos esquadrões da morte das milícias. O Iraque parecia estar escorregando na beira de um abismo, no qual massacres e contra massacres sectários seriam comparáveis aos da guerra civil entre sunitas e xiitas, em 2006 e 2007.

Os 100 dias do isis em 2014 marcaram o fim de um período particular na história do Iraque, que começou com a derrubada de Saddam Hussein pela invasão dos

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 27

- PATRICK COCKBURN -

Estados Unidos e Grã-Bretanha, em março de 2003.

Desde então, houve uma tentativa, da oposição iraquia-

na, de derrubar o velho regime e seus aliados externos e criar um novo Iraque, no qual as três comunidades com-partilhassem o poder em Bagdá. A experiência fracassou desastrosamente, e parece que será impossível ressuscitar o projeto, porque as linhas de batalha entre curdos, sunitas e xiitas são hoje muito mais rígidas e amargas.

O balanço do poder no interior do país está mudan-

do. Também estão se alterando as fronteiras de fato do Estado, com um Curdistão ampliado e cada vez mais independente – tendo os curdos usado oportunisticamente

a crise para obter territórios que sempre reivindicaram

– e o fim da divisa entre Iraque e Síria.

O isis é especialista em estimular o medo. Os vídeos

que produz, de seus combatentes executando soldados e

pilotos de avião, tiveram um papel importante para aterrorizar e desmoralizar militares xiitas à época da captura de Mosul e Tikrit. Em seguida, houve mais cenas sinistras publicadas na internet, quando o isis derrotou a

peshmerga (soldados curdos) do Governo Regional do

Curdistão, em agosto. Entretanto, o medo também uniu

um amplo arco de oponentes do isis que eram antes

hostis uns em relação aos outros. No Iraque, os Estados Unidos e os iranianos ainda se denunciam recíproca-mente. Porém, a incursão de milícias xiitas controladas pelo Irã, ao norte de Bagdá, em setembro, para terminar com o cerco à cidade xiita turcomana de Amerli, somente foi possível graças aos ataques aéreos dos norte-americanos às posições do isis. Quando o primeiro-ministro

desacreditado do Iraque, Nouri al-Maliki, foi substituído por Haider al-Abadi, no mesmo período, a mudança foi

apoiada tanto por Washington quanto por Teerã. Maliki

28 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

considerou brevemente uma resistência à sua substitui-

ção, mobilizando unidades militares leais a si no centro de Bagdá, mas foi duramente advertido contra uma tentativa de golpe por oficiais iranianos e norte-americanos.

Claro que porta-vozes dos Estados Unidos e do Irã

negam a existência de colaboração ativa entre as duas partes, mas estão, no momento, adotando políticas paralelas diante do isis, comunicando suas intenções

por meio de intermediários e serviços de inteligência. Não é algo exatamente novo. Os iraquianos sempre disseram, cnicamente, que quando se trata do Iraque “os americanos e iranianos gritam uns com ou outros sobre, mas se dão as mãos por baixo”. Tais teorias conspiratórias podem ser exageradas, mas é verdade que nas relações entre os Estados Unidos e seus aliados europeus, por um lado, e os governos sírio e iraniano, por outro, há uma distância maior do que nunca entre o que Washington diz e o que faz.

O assalto do isis contra os curdos e, em especial, as

guerrilhas curdas Yazidi, no início de agosto, abriu um novo capítulo no envolvimento dos Estados Unidos no

Iraque. A rápida derrota da força, supostamente constitu-

ída por combatentes superiores aos do exército regular do Iraque, foi uma demonstração clara da capacidade militar do isis. É possível que o poderio da peshmerga tenha sido superestimado: seus integrantes não haviam combatido

contra ninguém, exceto entre si mesmos, por um quarto

de século. Um observador externo que a conhecia bastante referia-se a ela como a “pêche melba”², acrescentando que era boa apenas para emboscadas nas montanhas.

Sacudidos pelas vitórias do isis, os Estados Unidos intervieram para lançar ataques aéreos e proteger a capital 2. N. do T.: sobremesa de pêssegos, amoras e sorvete.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do JiHadiTa | 29

- PATRICK COCKBURN -

curda, Erbil. A partir de então, voltaram à guerra no

Iraque, embora mais cautelosos e alertas para as perigosas complexidades da atividade militar no país do que

em 2003. Por diversas vezes, o presidente Barack Obama e seus assessores disseram que precisavam de um parceiro confiável em Bagdá, um governo mais inclusivo e

menos sectário do que o de Maliki, para que Washington pudesse empregar sua força. O objetivo era inteligente: dividir a comunidade sunita, separá-la do isis e

isolar os extremistas, de modo semelhante ao do “Avanço” no deslocamento de soldados em 2007. Os norte-americanos

argumentaram que para pacificar ao menos um setor dos sunitas era preciso que houvesse em Bagdá um governo disposto a dividir poder, dinheiro e empregos.

Como é comum no Iraque e na Síria, foi mais fácil dizer do que fazer. Muitos dos sunitas vivendo sob o Califado instituído pelo isis não gostavam de seus no-

vos governantes e sentiam-se amedrontados por eles. No entanto, temiam ainda mais o exército iraquiano, as milícias xiitas e os curdos no Iraque, ou o exército da Síria e as milícias favoráveis a Assad nesse país. O dilema com que se deparam os sunitas no Iraque e na Síria é graficamente descrito num e-mail enviado em setembro, depois

que seu bairro foi bombardeado pela aviação iraquiana, por uma amiga sunita em Mosul, que tem todas as razões para não gostar do isis. Vale a pena reproduzi-lo na íntegra, porque ele revela como será difícil para os sunitas iraquianos enxergarem no governo de Bagdá algo além

de um inimigo odiado:

O bombardeio foi executado pelo governo. Os ataques visaram bairros totalmente civis. Talvez desejassem atingir duas bases do isis, mas nenhuma das roda-

30 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

das de bombas acertou os alvos. Um deles é uma casa, ligada a uma igreja, onde vivem homens do isis. Fica próxima ao gerador do bairro e distante 200 a 300 metros de nossa casa. O bombardeio ape-

nas feriu civis e demoliu o gerador. Desde ontem à noite, não temos mais eletricidade. Escrevo de um aparelho na casa de minha irmã, que está vazia. O bombardeio do governo não atingiu nenhum homem do isis. Acabo de ouvir de um parente que nos visitou para saber se estamos bem, depois daquela noite terrível, que, em razão do bombardeio, jovens estão juntando-se ao isis às dezenas ou centenas, porque cresceu o ódio contra o governo, que não se preocupa com a morte de sunitas. As forças do governo foram para Amerli, uma vila xiita cercada por dezenas de vilas sunitas, embora Amerli jamais tenha sido tomada pelo isis. As milícias do governo atacaram as vilas sunitas que a cercam, matando centenas, com auxílio dos ataques norte-americanos.

Muito disso é verdadeiro na Síria. O isis é mais po-

pular nas cidades e vilas sunitas capturadas em torno de Aleppo do que muitos outros grupos rebeldes semibandidos. Nesse país, o isis está na ofensiva e impôs as mais sérias derrotas que o exército oficial sofreu em três anos de guerra, como a captura de uma base aérea bem defendida em Tabqa, na região leste. Karen Koenig Abu-Zaid, membro da Comissão de Inquérito da Onu na Síria, disse, àquela época, que cada vez mais rebeldes estavam

desbandando para o isis. “Veem que é melhor, que suas armas são fortes, que vencem batalhas, que trazem dinheiro e que podem treiná-los”.

- PATRICK COCKBURN -

Os ataques aéreos dos Estados Unidos farão vítimas no

isis e tornarão mais difícil que suas colunas de veículos movam-se nas estradas. Entretanto, ser alvo dos aviões norte-americanos também representa vantagens para os

rebeldes, porque haverá inevitavelmente vítimas civis. A força militar não substitui um aliado confiável no solo e pode ser contraprodutiva, à medida que aliena a população local. Pode matar numerosos combatentes do isis – mas

muitos foram ao Iraque e Síria com a intenção expressa de se tornar mártires. No início de outubro, os resultados da tentativa de fazer o isis recuar por meio de força aérea apenas tornaram-se evidentes: os combatentes do grupo

continuavam a avançar contra os sírios em Kobani e contra as forças do governo iraquiano, a oeste de Bagdá.

A fraqueza política da coalizão liderada pelos Estados Unidos estava se tornando evidente, porque membros destacados, como a Arábia Saudita, os Emirados

Árabes e a Turquia, eram tão hostis ao governo Assad,

aos curdos sírios e aos que combatiam o isis quanto este próprio. O vice-presidente norte-americano, Joe Biden, deu a Washington uma visão real sobre seus aliados na

região e na Síria, com franqueza não diplomática, ao falar, no Fórum John F. Kennedy Jr, no Instituto de Política da Universidade de Harvard, em 2 de outubro de 2014:

A Arábia Saudita, a Turquia e os Emirados Árabes esta-

vam muito determinados a derrubar Assad e, em essência, provocar uma guerra por procuração entre sunitas e xiitas. O que fizeram? Destinaram centenas de milhões de

dólares e dezenas de toneladas de armas a qualquer um

disposto a lutar contra Assad. Porém, as pessoas que estavam sendo abastecidas eram da Al-Nusra e Al-Qaeda

e extremistas da jihad vindos de outras partes do mundo.

32 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Prefácio: os 100 dias -

Ele acrescentou que o isis, sob pressão no Iraque, ti-

na sido capaz de reconstruir sua força na Síria. E sobre a política norte-americana, de recrutar “moderados” sírios para lutar tanto contra o isis quanto contra Assad, Biden disse que “os Estados Unidos descobriram não haver nenhum centro moderado na Síria, porque os moderados

são compostos de comerciantes, não de soldados”. Raras vezes as forças que agiram para criar o isis e a crise atual no Iraque foram descritas com tanta precisão.

•

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão JiHadisTa | 33

A ASCENÇÃO DO ISISx

I.

A ASCENSÃO DO ISIS

- A ASCENSÃO DO ISIS -

A ASCENÇÃO DO ISISx

Atualmente, movimentos do tipo Al-Qaeda governam

uma vasta área no norte e oeste do Iraque e no norte e leste da Síria, centenas de vezes maior do que qualquer território controlado, em algum momento, por Osama

bin Laden. Foi depois de sua morte que filiais ou clo-

nes da Al-Qaeda tiveram seus maiores êxitos, incluindo a captura de Raqqa, na região leste da Síria, que se tornou, em março de 2013, a primeira capital provincial a cair em mãos dos rebeldes. Em janeiro de 2014, o isis

tomou Fal ujah, pouco mais de 60 quilômetros distante

de Bagdá, uma cidade cercada e atacada pelos marines norte-americanos, 10 anos antes, num episódio que se tornou famoso. Em poucos meses, eles também capturaram Mosul e Tikrit. As linhas de fronteira podem continuar a mudar, mas será difícil reverter a expansão global de seu poder. Com seu ataque rápido e multi-direcionado de junho de 2014, os militantes do isis superaram a Al-Qaeda como o mais poderoso e eficaz grupo jihadista no mundo.

Esses fatos chocaram muitos no Ocidente, inclusive os políticos e especialistas, cujo olhar parecia estar sempre atrasado em relação aos acontecimentos. Uma

razão é que se tornou muito difícil para jornalistas e observadores externos visitar as áreas onde o isis operava, com enorme risco de sequestro ou assassinato. “Aqueles que costumavam proteger os jornalistas estrangeiros já o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do JihadisTa | 35

- PATRICK COCKBURN -

não podem proteger nem a si mesmos”, contou-me um correspondente intrépido, explicando por que não retornaria às áreas controladas pelos rebeldes na Síria.

A falta de cobertura chegou a ser conveniente para os governos dos Estados Unidos e de outras nações ocidentais. Permitiu-lhes esconder a extensão do fracasso catastrófico da “Guerra ao Terror” lançada após o 11 de Setembro. Esse insucesso também foi mascarado pelas

ilusões e autoilusões, por parte dos governos. Em 28 de maio de 2014, ao falar na Academia Militar de West Point sobre o papel dos norte-americanos no mundo,

o presidente Obama afirmou que a maior ameaça não era representada pela Al-Qaeda central, mas por “suas filiais descentralizadas e extremistas, muitos com agendas focadas nos países em que operam”. E acrescentou:

“À medida que a guerra civil na Síria extravasa suas fronteiras, amplia-se a capacidade dos grupos extremistas, fortalecidos pelas batalhas, em nos perseguir”.

Era verdade, mas a solução de Obama diante da amea-

ça seria, segundo ele disse, “ampliar o apoio àqueles que, na oposição síria, oferecessem a melhor alternativa diante dos terroristas”. Em junho, ele solicitou ao Congresso 500 milhões de dólares para treinar e equipar membros

da oposição síria “apropriadamente examinados”. Havia

aí intenção real de enganar, porque, conforme o vice-

presidente Joe Biden admitiria cinco meses mais tarde, a oposição militar síria é dominada pelo isis e o grupo Frente al-Nusra, o representante oficial da Al-Qaeda,

além de outros extremistas ligados à jihad. Na verdade, não havia muro de separação algum entre eles e os aliados supostamente moderados de Washington.

Um membro da inteligência de um país do Oriente

Médio vizinho à Síria revelou-me que os integrantes do 36 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- A ASCENSÃO DO ISIS -

isis “dizem que ficavam sempre satisfeitos quando ar-

mas sofisticadas eram enviadas para qualquer tipo de

grupo anti-Assad, porque eles podem sempre obtê-las

por ameaça ou pagamentos em dinheiro”. Não são pa-

lavras vazias. Armas fornecidas às forças anti-Assad na Síria, por aliados dos Estados Unidos, como a Arábia

Saudita e o Qatar, foram frequentemente capturadas no Iraque. Vivi um pequeno exemplo das consequências desse fluxo de armas, mesmo antes da queda de Mosul, quando, no inverno de 2014, tentei reservar um voo para Bagdá na mesma empresa de aviação europeia que havia usado um ano antes. Disseram-me que ela havia interrompido a rota para a capital do Iraque, por temer que insurgentes tivessem obtido mísseis antiaéreos portáteis originalmente fornecidos às forças anti-Assad na Síria e que os usassem contra aviões comerciais voando para o Aeroporto Internacional de Bagdá. O apoio ocidental para a oposição síria pode ter sido insuficiente para derrubar Assad, mas foi usado com sucesso para desestabilizar o Iraque, como haviam previsto, desde há muito, políticos iraquianos.

O fracasso da “Guerra ao Terror” e o ressurgimento da Al-Qaeda são também explicados por um fenômeno evidenciado horas depois do 11 de Setembro. Os primeiros movimentos de Washington deixaram claro que ela seria conduzida sem nenhum confronto com a

Arábia Saudita e o Paquistão, dois aliados próximos dos Estados Unidos, apesar do fato de que, sem o envolvimento desses dois países, os ataques ocorridos em Nova York e Washington provavelmente não teriam ocorrido.

Dos 19 sequestradores daquele dia, 15 eram sauditas.

Bin Laden era originário da elite saudita. Documentos

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 37

- PATRICK COCKBURN -

oficiais norte-americanos frisam repetidamente que o

financiamento à Al-Qaeda e outros grupos jihadistas

era proveniente da Arábia Saudita e das monarquias do

Golfo Pérsico. No caso do Paquistão, exército e serviço militar haviam desempenhado um papel central desde o

início dos anos 1990, ao impulsionar a tomada do poder pelo Talibã, no Afeganistão, onde abrigaram Bin Laden e a Al-Qaeda. Após um breve hiato, durante e após o 11 de Setembro, o Paquistão reiniciou seu apoio ao Talibã afegão. Ao falar sobre o papel central do Paquistão no apoio ao Talibã, o representante especial dos Estados Unidos para esse país e o Afeganistão, Richard C. Holbrooke,

afirmou: “Nós podemos estar lutando contra o inimigo errado, no lugar errado”.

A importância da Arábia Saudita na ascensão e retorno da Al-Qaeda é frequentemente mal compreendida e

avaliada. O país é influente porque suas vastas reservas de óleo e riqueza o tornam poderoso no Oriente Médio

e além. Contudo, não são apenas os recursos financeiros que o transformam em ator tão importante. Outro fator

é seu papel na propagação do wahabismo, a versão fun-

damentalista do Islã, nascida no século xviii, que impõe a lei da sharia, relega as mulheres ao papel de cidadãs de segunda classe e enxerga os xiitas e sufistas como não muçulmanos, que devem ser tão perseguidos quanto

cristãos e judeus.

Tais intolerância religiosa e autoritarismo político, com prontidão para o uso da violência, que têm muitas similitudes com o fascismo europeu dos anos 1930, estão se tornando cada vez piores. Por exemplo, há poucos anos, o saudita que montou um website em que clérigos podiam ser criticados foi condenado a mil chibatadas e sete 38 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- A ASCENSÃO DO ISIS -

anos de prisão. A ideologia da Al-Qaeda e do isis é em grande parte originária do wahabismo. Os críticos dessa nova tendência do Islã originários de outras partes do mundo muçulmano não sobrevivem muito: são forçados

a fugir ou assassinados. Ao denunciar os líderes jihadistas em Kabul, em 2003, um editor afegão descreveu-os

como “fascistas sagrados”, que usavam o Islã como “um

instrumento para tomar o poder”. Como era de se prever, foi acusado de insulto e teve de deixar o país.

Um fato notável no mundo islâmico, nas últimas dé-

cadadas, é a forma como o wahabismo está sobrepujando o

sunismo islâmico tradicional. Em um país após o outro, a Arábia Saudita injeta dinheiro para treinar pregadores e construir mesquitas. Um resultado é a difusão da tendência sectária entre sunitas e xiitas. Os últimos veem-se alvo de ataques sem precedentes, da Tunísia à Indonésia.

Esse sectarismo não está confinado a vilarejos vizinhos a Aleppo ou ao Punjab: envenena as relações entre as duas vertentes em qualquer agrupamento islâmico. Um amigo

muçulmano em Londres relatou-me: “Olhe as agendas

de qualquer sunita ou xiita na Grã-Bretanha e você en-

contrará pouquíssimos nomes de pessoas fora de sua

própria comunidade”.

Mesmo antes de Mosul, Obama começou a perceber

que grupos do tipo Al-Qaeda eram muito mais fortes do

que haviam sido antes, mas sua receita para lidar com

eles repete e exacerba erros anteriores. “Precisamos de parceiros para lutar ao nosso lado contra os terroristas”, disse aos que o escutavam em West Point. No entanto,

quem seriam eles? Arábia Saudita e Qatar não foram

mencionados, embora continuem ao lado dos Estados

Unidos na Síria. Ao invés desses dois países, Obama

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 39

- PATRICK COCKBURN -

apontou “Jordânia e Líbano, Turquia e Iraque” como

aliados a receberem ajuda para “enfrentar os terroristas que atuam além das fronteiras da Síria”. Há algo absurdo nisso, já que os jihadistas estrangeiros na Síria e no Iraque, os que Obama admite e entende como a principal ameaça, só podem chegar a esses países porque cruzam

a fronteira de 800 quilômetros entre a Turquia e a Síria sem serem incomodados pelas autoridades turcas. A

Arábia Saudita, Turquia e Jordânia podem agora estar assustadas com o Frankenstein que ajudaram a criar, mas

há pouco que possam fazer para detê-lo.

Um objetivo oculto da insistência de Washington em

que Arábia Saudita, Emirados Árabes, Qatar e Bahrein

participassem ou apoiassem os ataques aéreos na Síria, em setembro, foi forçá-los a romper seus laços anteriores com os jihadistas. Houve sempre algo fantástico na aliança dos Estados Unidos e outras potências ocidentais com as monarquias absolutistas, teocráticas e sunitas, da Arábia Saudita e do Golfo Pérsico, a pretexto de levar a democracia à Síria, Iraque e Líbia. Em 2011, os norte americanos eram, no Oriente Médio, um poder mais dé-

bil do que haviam sido em 2003, porque seus exércitos

fracassaram no Iraque e Afeganistão. Nas rebeliões de

2011, os destinatários das injeções maciças de dinhei-

ro dos reis e emires do Golfo Pérsico foram os setores jihadistas e sunitas sectários, a ala militarizada dos movimentos. Os oponentes seculares e não sectários dos

estados policiais há muito estabelecidos na região foram rapidamente marginalizados, silenciados ou mortos. A

mídia internacional foi muito lenta ao notar a que pon-to a natureza desses movimentos havia mudado, embora

os islamistas fossem muito claros sobre quais eram suas prioridades sectárias. Na Líbia, um dos primeiros atos dos 40 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- A ASCENSÃO DO ISIS -

rebeldes triunfantes foi exigir a legalização da poligamia, que havia sido banida pelo regime de Muamar Gaddafi.

O isis é filho da guerra. Seus membros buscam re-
desenhar o mundo a partir de si mesmos, por atos de

violência. Sua combinação tóxica, porém eficaz, de cren-

ças religiosas extremas com capacidade militar é produto da guerra no Iraque desde a invasão norte-americana em 2003 e da guerra na Síria, desde 2011. Exatamente no

momento em que a violência declinava no Iraque, foi re-avivada na Síria pelos árabes sunitas. É consenso entre os governos e a mídia, no Ocidente, que a guerra civil no Iraque foi reacendida pelas políticas sectárias do primeiro-ministro iraquiano Nouri al-Malik. Na verdade, foi a guerra na

Síria que desestabilizou Bagdá, quando grupos jihadistas como o isis, à época chamado de Al-Qaeda no Iraque,

encontraram um novo campo de batalha, onde puderam

lutar e florescer. Foram os Estados Unidos, a Europa e seus aliados regionais na Turquia, Arábia Saudita, Qatar, Kuwait e Emirados Árabes que criaram as condições

para a ascensão do isis. Eles sustentaram um levante sunita na Síria, que se espalhou para o Iraque. Mantiveram a guerra na Síria, embora fosse óbvio, desde 2012, que Assad não cairia. Ele nunca controlou menos de treze ou catorze capitais provinciais da Síria, e foi apoiado pela Rússia, Irã e o Hezbollah. Ainda assim, as únicas chances de paz que lhe foram propostas nas conversações de Genebra II, em janeiro de 2014, implicavam que deixasse o poder. Ele não

aceitaria, e se criaram condições ideais para que o isis prosperasse.

Agora, os Estados Unidos e seus aliados tentam colo-

car as comunidades sunitas, no Iraque e Síria, contra o grupo, mas será difícil, num momento em que esses pa-

íses estão convulsionados pela guerra. O ressurgimento o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 41

- PATRICK COCKBURN -

de facções do tipo Al-Qaeda já não é uma ameaça con-

finada à Síria, Iraque e vizinhos. O que está ocorrendo nessas nações, combinado com a dominância crescente

de crenças wahabitas intolerantes entre as comunidades sunitas, significa que 1,6 bilhão de muçulmanos – quase um quarto da população mundial – serão crescentemente afetados. Parece improvável que os não muçulmanos,

inclusive os ocidentais, deixem de ser atingidos por esse conflito. Após ter transformado a cena política no Iraque e Síria, o jihadismo ressurgente já produz efeitos remotos na geopolítica global, com consequências sobre todos nós.

•

42 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

A BATALHA DE MOSULx

II.

A bATALHA DE MOSUL

- PATRICK COCKBURN -

Em 6 de junho de 2014, os combatentes do isis lançaram um ataque a Mosul, segunda maior cidade do Iraque,

que caiu quatro dias depois. Foi uma vitória espantosa, alcançada por uma força de 1.300 homens contra outra

que nominalmente teria 60 mil, incluindo o exército iraquiano e as polícias locais. Como em muitos casos no

Iraque, contudo, a disparidade numérica não era o que parecia ser. A corrupção das forças de segurança era tal que apenas um em cada três de seus homens estava de fato presente em Mosul. Os demais pagavam até metade de seus salários a seus superiores para ficar em permanente licença. Mosul já era muito insegura havia bastante tempo. A Al-Qaeda no Iraque (como o ISIS foi anteriormente conhecido) sempre manteve forte presença nessa cidade de dois milhões de habitantes, a maioria esmagadoramente sunita. Durante algum tempo, o grupo obteve dinheiro vendendo regularmente proteção a empresários. Em 2006, um comerciante com quem eu tinha amizade em Bagdá contou que estava fechando sua loja de celulares em Mosul por conta dos pagamentos que tinha de fazer à Al-Qaeda.

Relatos exagerados do sucesso da ofensiva norte-america, no ano seguinte, garantindo que a Al-Qaeda havia sido esmagada, ignoravam a presença dos combatentes em Mosul. Algumas semanas após a queda da cidade, encontrei um empresário turco em Bagdá. Ele relatou que

44 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a BaTaLHa de MosUL -

havia mantido um grande contrato de construção em Mosul, nos anos anteriores. O emir local, líder do ISIS, exigiu 500 mil dólares mensais como taxa de proteção de sua empresa. “Reclamei diversas vezes em Bagdá, mas não fizeram nada a

respeito, exceto dizer que eu poderia acrescentar o valor cobrado por eles ao preço do contrato”.

O isis tinha outra vantagem, que lhe dá até o momen-

to grande superioridade em relação a seus principais

inimigos. Os vales do Eufrates e do Tigre e a estepe vazia e deserta onde opera, nas regiões norte e oeste do Iraque e leste da Síria, parecem-se muito, não importando de

que lado do vale você esteja. Porém, as condições militares e políticas são totalmente distintas nos dois países, o que permite aos comandantes do Califado mover-se em

todas as direções nesse território, tirar proveito de oportunidades e apanhar os inimigos de surpresa. Por isso, o isis tomou Mosul e Tikrit em junho, mas não atacou

Bagdá. Em julho, impôs uma série de derrotas ao exército sírio. Em agosto, invadiu o Curdistão iraquiano. E, em setembro, estava invadindo o enclave do Curdistão sírio em Kobani, na fronteira com a Turquia. O grupo fica

mais forte à medida que opera em dois diferentes países.

•

A queda de Mosul, em junho de 2014, foi um ponto

de virada tão grande na história do Iraque, da Síria e do Oriente Médio que vale a pena descrevê-la detalhadamente. Na campanha para o cerco da cidade, o isis

começou com o que pareceu ser um ataque diversionista

contra outros alvos no norte do Iraque. Foi provavelmente

mente uma tática para manter, tanto quanto possível, o exército e o governo iraquiano confusos a respeito do

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 45

- PATRICK COCKBURN -

objetivo real. Primeiramente, uma coluna de veículos

cheios de atiradores portando metralhadoras pesadas penetrou em Samarra, na província de Salahuddin, em 5 de junho, e se apoderou de boa parte da cidade. Isso só poderia desencadear uma resposta governamental pesada, já que Samarra, ainda que majoritariamente sunita, é o local de Al-Askari, uma das sedes xiitas mais sagradas. Um ataque a bomba, em 2006, provocou resposta xiita furiosa, com massacre de sunitas em toda

Bagdá. Previsivelmente, o exército iraquiano enviou, por helicópteros, reforços de sua Divisão Dourada, para expulsar os combatentes inimigos. Houve outras ações diversionistas. Numa delas, atiradores tomaram o campus universitário de Ramadi, a capital da província de Anbar, e aprisionaram por tempo breve centenas de estudantes. Em outra, em Baquba, a nordeste de Bagdá, um carro-bomba atingiu o escritório de contraterrorismo.

Neste caso, como em tantos outros, o grupo de assalto não atacou casas e se retirou rapidamente.

O assalto a Mosul foi muito mais sério, embora a princípio não parecesse. Começou com quatro ataques suicidas a bomba, amparados por fogo de morteiros. O isis foi apoiado por outros grupos paramilitares sunitas, dentre eles o Naqshbandi, baathista, o Ansar al-Islam

e o Exército Moujahedin, embora não estivesse claro, até então, se facções operavam fora de sua autoridade.

Combatentes jihadistas destruíram postos de controle governamentais que paralisavam o tráfego da cidade há muito tempo, mas se provaram inúteis como apara-

tos de segurança. Esses ataques não diferiram das ações diversionistas mais ao sul anteriormente, mas, em 7 de junho, os Estados Unidos e o Ministério do Interior

curdo detectaram, à distância, um comboio do isis

46 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a BaTaLHa de MosUL -

movimentando-se da Síria em direção a Mosul. A luta

do dia seguinte foi crítica, porque esquadrões de com-

batentes do isis apoderaram-se de edifícios importantes, dentre eles o quartel da Polícia Federal. Em Bagdá, o

governo foi totalmente incapaz de compreender a gravi-

dade da situação, dizendo aos preocupados diplomatas

norte-americanos que, em uma semana, reforços che-

gariam a Mosul. Também desprezou uma proposta de

Massoud Barzani, o líder curdo, para enviar sua pesh-

merga a Mosul e combater o isis, considerando-a uma

ação oportunista de grilagem.

A derrota tornou-se irreversível em 9 de julho, quando três generais iraquianos destacados – Abboud Qanbar,

vice-comandante; Ali Ghaidan, comandante das for-

ças terrestres; e Mahdi Gharawi, cabeça das Operações

Nineve – subiram num helicóptero e fugiram para o

Curdistão. Isso provocou o colapso moral e a desintegra-

ção das forças do exército. Em 11 de junho, ficou clara a incapacidade do governo Al-Maliki de saber o que estava ocorrendo ou tomar decisões, quando aprovou o

deslocamento de uma peshmerga à cidade, um dia após

ter fracassado. A história de um soldado do exército iraquiano revela como era ser aprisionado nessa derrota

vergonhosa. No início de junho, Abbas Saddam, do dis-

trito xiita de Bagdá, que servia na 11ª divisão do exército iraquiano, foi transferido de Ramadi para Mosul. A luta começou pouco depois de ele chegar, mas, na manhã de

10 de junho, seu comandante ordenou aos subordina-

dos que deixassem de atirar, entregassem suas armas aos insurgentes, livrassem-se dos uniformes e saíssem da cidade. Antes que pudessem obedecer, suas barracas foram invadidas por uma massa de civis.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 47

- PATRICK COCKBURN -

“Apedrejavam-nos”, lembra-se Abbas, relatando que

gritavam: “Não queremos vocês em nossa cidade! Vocês

são filhos de Maliki. Vocês são filhos da mutta [a tradição xiita de casamento temporário, desprezada pelos sunitas].

Vocês são safavidas [xiitas]! Vocês são o exército do Irã”.

O ataque da multidão revelou que a queda de Mosul

resultou de uma incursão militar, mas também de um

levante popular. O exército iraquiano era odiado como

uma força de ocupação exercida por soldados xiitas, vistos em Mosul como servidores de um regime fantoche

do Irã, dirigido por Maliki no Iraque. O soldado Abbas relata que havia combatentes do isis – chamado de Daesh no Iraque, um nome derivado de seu acrônimo em ára-be – misturados à multidão. Eles diziam aos soldados:

“Entreguem suas armas e vão. Se não, vamos matá-los”.

Abbas viu mulheres e crianças com armas militares.

Moradores ofereceram aos soldados túnicas árabes, para que pudessem fugir. Ele voltou para sua família em Bagdá, mas não comunicou ao exército, por medo de ser levado

a julgamento por deserção, como ocorreu com um amigo.

Embora os sunitas de Mosul se alegrassem por ver o

exército iraquiano pelas costas e temessem seu retorno, estavam cientes de que a cidade havia se convertido num lugar perigoso. Entretanto, nada podiam fazer a respeito.

Em 11 de junho, uma amiga, sunita e profissional liberal, enviou-me um e-mail no qual revelava a ansiedade com-partilhada por muitos:

Mosul caiu completamente nas mãos do isis. A

situação aqui é muito calma. Parecem tratar a população com cortesia e protegem todas as instituições governamentais contra saqueadores. O governo de Mosul e todo o exército do Iraque, a

48 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a BaTaLHa de MosUL -

polícia e as forças de segurança deixaram suas posições e fugiram da batalha. Tentamos fugir para o Curdistão, mas não permitiram. Vão nos colocar, como refugiados, em tendas sob o calor do sol.

Por isso, a maioria das pessoas voltou para casa e decidiu que não pode se ver como refugiada, mas não sabemos o que pode acontecer nas próximas

horas. Deus proteja todo mundo. Reze por nós.

Não foi apenas em Mosul que as forças de seguran-

ça do Iraque desintegraram-se e fugiram, liderados por seus comandantes. A cidade de Baiji, sede da maior re-finaria do país, foi abandonada sem luta, assim como

Tikrit. Outra vez, um helicóptero surgiu para resgatar os comandantes do exército e os oficiais mais graduados. Os soldados de Tikrit que se renderam foram divididos em

dois grupos – sunitas e xiitas. Muitos, no segundo grupo, foram metralhados diante de uma trincheira. Sua execução foi gravada em vídeo para intimidar as unidades

restantes das forças de segurança. Os norte-americanos disseram que cinco das 18 divisões do exército desintegraram-se durante a queda da região norte do Iraque. Ao mesmo tempo, até mesmo o isis pareceu chocado pela

extensão de seu próprio sucesso.

“Tanto os inimigos quanto os apoiadores estão boquiabertos”, afirmou o porta-voz do isis, Abu Mohammed al-Adnani. A celebração, contudo, foi acompanhada de um aviso: os combatentes do isis não deveriam impressionar-se com todo o material militar norte-americano que haviam capturado. “Não sejam presas de suas vaidades e egos”, disse a eles, “mas marchem rumo a Bagdá antes que os xiitas possam recompor-se”.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do JiHadisTa | 49

- PATRICK COCKBURN -

Cheguei a Bagdá em 16 de junho, quando a cidade ainda estava em estado de choque após o colapso do

exército. As pessoas não podiam acreditar que o período iniciado em 2005, quando os xiitas tentaram dominar o

Iraque como os sunitas haviam feito antes, sob Saddam

Hussein e a monarquia, tivesse subitamente terminado.

O desastre, de seu ponto de vista, era tão inesperado e inexplicável que qualquer outra calamidade parecia possível. Em teoria, a capital era segura: tinha uma maioria xiita e era defendida pelos remanescentes do exército regular, além de dezenas de milhares de milicianos xiitas.

O mesmo, todavia, poderia ter sido dito de Mosul e Tikrit.

A primeira reação do governo à derrota foi descren-

ça e pânico. Maliki atribuiu a queda de Mosul a uma

conspiração profunda, embora nunca identificasse os

conspiradores. Parecia ao mesmo tempo perplexo e de-

safiador, mas não demonstrava sentir responsabilidade

pessoal pela derrota, apesar de ter nomeado pessoalmente todos os comandantes de divisão do exército.

Nos primeiros dias após a queda de Mosul, havia um

senso de histeria semissuprimida nas ruas vazias. As pessoas permaneciam em casa, amedrontadas, para seguir as últimas notícias na tv. Muitas haviam estocado comida e combustível horas depois de ouvir a respeito do colapso do exército.

Lojas de doces e padarias produziam pastéis especiais para quebrar o jejum ao final do dia, durante o Ramadan, mas poucos os compravam. Casamentos eram

cancelados. A cidade foi varrida por rumores segundo

os quais o isis planejava um ataque súbito ao centro de Bagdá e a tomada da Zona Verde, apesar de sua imensa

fortificação. Um jornal da capital relatou que não menos de sete ministros e 42 parlamentares haviam se refugiado na Jordânia, junto com suas famílias.

- a BaTaLHa de MosUL -

O maior medo era de que os combatentes do isis, que

estavam a apenas uma hora de carro, em Tikrit e Fal ujah, planejassem seu ataque para coincidir com um levante

dos enclaves sunitas da capital. Estes, embora animados pelas notícias da queda das províncias sunitas para os insurgentes, temiam que os xiitas se sentissem tentados a promover um massacre preventivo contra a sua minoria na cidade, vista como uma potencial quinta coluna.

Redutos sunitas, como Adhamiya, na margem leste do

Tigre, pareciam desertos.

Por exemplo: tentei contratar um motorista reco-

mendado por um amigo. Ele me disse que precisava do

dinheiro, mas era sunita, e o risco de ser parado num

posto de controle era grande demais. “Estou tão ame-

drontado”, disse, “que nunca saio de casa depois das seis da tarde”. Era fácil entender a que ele se referia. Homens de aparência sinistra em roupas civis, que poderiam ser dos serviços de inteligência governamentais ou de mi-lícias xiitas, haviam surgido subitamente nos pontos de controle, levando suspeitos. Esses novos oficiais, inteira-mente uniformizados, estavam claramente em posição

de dar ordens aos policiais e soldados.

Nos escritórios, trabalhadores sunitas pediam para

voltar para casa mais cedo, para não serem presos.

Outros simplesmente deixavam de ir ao trabalho. Ser detido num posto de controle em Bagdá implica uma carga

extra de medo, porque todo mundo, particularmente os

sunitas, recorda o que isso significava durante a guer-ra civil sectária de 2006 e 2007: muitos dos pontos de controle eram dominados por esquadrões da morte, e

possuir a carteira de identidade errada significava execu-

ção inevitável. Relatos da imprensa davam conta de que os matadores eram “homens vestidos como policiais”,

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 51

- PATRICK COCKBURN -

mas todo mundo em Bagdá sabe que a condição de policial e soldado é frequentemente intercambiável.

Não havia nada de paranoico ou irracional na sensação sempre presente de ameaça. O conselheiro de segurança nacional do Iraque de então, Safa Hussein, disse-me:

“Muitas pessoas pensam que o isis irá sincronizar ata-

ques de dentro e de fora de Bagdá”. Ele acreditava que tal assalto fosse possível, embora acreditasse que levaria o isis e os rebeldes sunitas que se juntassem a ele à derrota.

Os sunitas são minoria, mas não seria muito difícil para uma força de ataque proveniente dos bastiões sunitas na província de Anbar articular-se com os distritos da cidade, como Amariya.

•

52 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

Em estado de negação

III.

EM ESTADO DE NEGAÇÃO

- PATRICK COCKBURN -

Em 8 de agosto, a aviação norte-americana começou a bombardear o isis no Iraque. Em 23 de setembro, os

generais acrescentaram o isis e o Frente al-Nusra, representante da Al-Qaeda na

Síria, à sua lista de alvos. Os combatentes, que haviam removido seus homens e equipamentos dos edifícios e outros locais que poderiam ser facilmente atingidos, passaram a táticas de guerrilha, que haviam adotado com sucesso no passado.

Nos Estados Unidos e Grã-Bretanha (que começou

operações aéreas no Iraque em 27 de setembro), houve

fanfarra sobre “atingir e destruir” o isis, mas não apareceu evidência de um plano de longo prazo, além de

conter e ameaçar os jihadistas por meios militares. Como era muito frequente, durante a intervenção militar norte-americana entre 2003 e 2011, a mídia colocou foco

excessivo sobre as ações dos governos ocidentais como

motor principal dos acontecimentos. Isso foi acompa-

nhado por uma compreensão frágil e equivocada sobre

os novos acontecimentos no Iraque e na Síria e a verdadeira força que impulsionava a crise nos dois países.

Do mesmo modo, houve muita celebração nas capitais

ocidentais quando o Iraque finalmente livrou-se do primeiro-ministro Nouri al-Maliki, substituído por Haider al-Abadi. O novo governo foi visto como mais inclusivo com árabes sunitas e curdos do que no tempo de Maliki, mas ainda era dominado pelo partido Dawa – que tinha

54 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- eM esTado de NeGaçÃo -

mais membros no gabinete do que antes – e por outras

legendas religiosas xiitas. Abadi prometeu aos sunitas que não haveria mais bombardeios em áreas civis sunitas, mas, algumas semanas depois, Fal ujah foi bombardeada

por seis dias, com 28 civis mortos e 118 feridos, segundo o hospital local.

O grau da mudança política foi superestimado e não

se deu suficiente atenção ao fato de Abadi não ter sido capaz, mesmo com os combatentes do isis a poucos quilômetros de Bagdá, de obter do Parlamento aprovação

para suas escolhas nos cruciais ministérios da Defesa

e do Interior. Reidar Visser, um especialista norueguês em assuntos do Iraque, classificou esse fracasso como

“muito mais significativo do que a grande quantidade de encontros internacionais que estão agora ocorrendo, em nome da vitória sobre o isis no Iraque”.

Um sintoma do estado real das coisas, àquela época, foi o desfecho de um cerco de uma semana ao redor da base

do exército do Iraque em Saqlawiyah, vizinha a Falujah, ao fim do qual o isis conquistou a posição, matando ou capturando a maior parte da guarnição que a defendia.

Um oficial iraquiano que escapou teria dito que “dos estimados mil soldados que havia em Saqlawiyah, apenas 200

conseguiram fugir”. O isis anunciou que tinha capturado ou destruído cinco tanques e 41 Humvees, ao liberar a área

“da inundície dos safavidas”. Soldados iraquianos sobreviventes queixaram-se de que, durante o cerco, não haviam recebido qualquer reforço de munição ou suprimentos,

comida ou água, embora estivessem a apenas 60 quilô-

metros de Bagdá. Em outras palavras, três meses e meio depois da queda de Mosul e seis semanas depois do início das incursões aéreas norte-americanas, o exército iraquiano permanecia incapaz de suportar um ataque do isis ou o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascenSÃO JiHadisTa | 55

- PATRICK COCKBURN -

executar uma operação militar elementar. Assim como em Mosul e Tikrit, o sucesso aparentemente napoleônico do isis era parcialmente explicado pela incapacidade do exército iraquiano.

Na Síria, os ataques aéreos igualmente levaram o isis

a recuar para operações em estilo de guerrilha, ao lado de duas ofensivas que lançou na região norte contra enclaves curdos. Algumas unidades rebeldes em torno de

Damasco, capital da Síria, que haviam antes dado a si

próprios nomes islâmicos para atrair financiamento da

Arábia Saudita e dos Estados do Golfo, oportunística-

mente os trocaram para títulos de sentido secular, num esforço para atrair apoio norte-americano. O Frente al-

-Nusra, que foi atacado pelos norte-americanos, para sua própria surpresa, condenou as investidas aéreas e passou a propor uma ação com um com outros jihadistas contra

“as Cruzadas”. Assim como no Iraque, não seria fácil manipular os sunitas e os rebeldes contra o isis, agora que os Estados Unidos haviam passado a ser vistos como um

aliado de *facto* de Assad, apesar das alegações contrárias.

•

Em junho, muitas pessoas em Bagdá haviam temido que

o isis lançasse um ataque à capital, mas ele nunca veio.

À medida que as atenções do mundo voltaram-se para

um avião malásio derrubado sobre a Ucrânia, suposta-

mente por rebeldes municiados pelos russos, e para os

bombardeios israelenses em Gaza, que mataram dois

mil palestinos, o isis consolidou sua posição na província iraquiana de Anbar, que, esmagadoramente sunita,

espraia-se pelo oeste do Iraque. Na Síria, ele derrotou ou incorporou a suas fileiras outros grupos rebeldes e 56 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- eM esTado de NeGaçÃo -

capturou diferentes bases, infringindo perdas graves e obtendo muito equipamento pesado. Foram as piores

derrotas sofridas pelo governo de Damasco desde o início do levante.

O recém-declarado Califado expandia-se dia a dia. Ele agora abrangia uma área maior do que a Grã-Bretanha, habitada por cerca de seis milhões de pessoas – uma população maior do que a da Dinamarca, Finlândia ou

Irlanda. Em poucas semanas de luta na Síria, o isis havia se estabelecido como a força dominante na oposição, expulsando a filial oficial da Al-Qaeda, Frente al-Nusra, da província de Deir Ezzor, rica em petróleo, e executando seu comandante local, que tentara fugir. No norte da Síria, cerca de cinco mil combatentes do isis usavam tanques e artilharia capturados do exército iraquiano, em Mosul, para sitiar meio milhão de curdos em seu enclave em Kobani, na fronteira com a Turquia. No centro da

Síria, perto de Palmira, o isis combateu o exército oficial ao tomar o campo de gás de al-Shaer, um dos maiores do país, num ataque de surpresa, que deixou cerca de 300

soldados e civis mortos. Repetidos contra-ataques do governo finalmente permitiram a retomada do campo, mas o isis ainda controlava a maior parte da produção de petróleo e gás da Síria. A aviação norte-americana deveria concentrar-se em explodir as instalações petrolíferas controladas pelos isis, quando começou seus bombardeios. Contudo, um movimento que clama estar

realizando a “vontade de Deus” e cultua o martírio não irá, por falta de dinheiro, deixar suas atividades ou sequer sofrer decepção moral grave.

O nascimento do novo Estado foi a mudança mais

radical na geografia política do Oriente Médio desde o Acordo Sykes-Picot, implementado após fim da I Guerra

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 57

- PATRICK COCKBURN -

Mundial. Entretanto, no início, surpreendentemente,

essa transformação explosiva provocou pouco alar-

me internacional, ou mesmo entre aqueles, no Iraque e

na Síria, ainda não submetidos à lei do isis. Políticos e diplomatas tenderam a tratar o isis como se fosse um

grupo beduíno de ataque, que aparece dramaticamente

do deserto, obtém vitórias devastadoras e depois se retira para seus bastiões, deixando o *status quo* quase intacto.

A rapidez extrema e o caráter imprevisível de sua ascensão levaram os governantes do Ocidente – e os locais – a esperarem que a queda do isis e a implosão do Califado pudessem ser igualmente súbitas e suaves. Como em

qualquer grande desastre, o ânimo das pessoas alternou-

-se entre o pânico e um pensamento positivo particular, segundo o qual a calamidade não era tão ruim como se

havia imaginado.

Em Bagdá, com uma população de sete milhões de

habitantes, majoritariamente xiita, as pessoas sabiam o que esperar se as forças do isis, mortalmente antixiitas, capturassem a cidade, mas se encorajavam com o fato de nada ter acontecido ainda. “Estávamos apavorados pelo

desastre militar no início, mas nós nos acostumamos a

crises nos últimos 35 anos”, disse uma mulher. Mesmo

com o isis na porta, os políticos iraquianos continuaram brincando, enquanto mexiam-se lentamente para substituir o desacreditado primeiro-ministro Nouri

al-Maliki.

“É realmente surreal”, disse-me um ex-ministro iraquiano. “Quando você conversa com qualquer líder político

em Bagdá, ele fala como se não tivesse acabado de per-

der metade do país”. Voluntários foram mandados ao

front após uma fatwa³ do grande aiatolá Ali al-Sistani, o 3. Nota do Editor: pronunciamento no Islã feito por especialista em lei religiosa.

58 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- eM esTado de NeGaçÃo -

mais influente clérigo xiita do Iraque. Porém, em meados de julho, esses milicianos haviam retornado a suas casas, reclamando de que estavam semifamintos, e foram forçados a usar suas próprias armas e comprar sua munição. O

único contra-ataque em larga escala lançado pelo exército regular e pela recém-surgida milícia xiita foi uma desastrosa incursão em Tikrit, em 15 de julho – emboscada e derrotada com perdas pesadas. Não há nenhum sinal de

que a natureza disfuncional do exército iraquiano tenha mudado. “Eles usavam apenas um helicóptero no apoio

às tropas em Tikrit”, afirmou o ex-ministro, questionando:

“Por isso, pergunto-me o que terá acontecido aos 140 helicópteros que o Estado iraquiano adquiriu recentemente”.

A resposta provável é que o dinheiro para as 139 aeronaves restantes tenha simplesmente sido roubado.

Diante desses desastres, a maioria dos xiitas confor-

tou-se com duas ideias que, se verdadeiras, significariam que a situação presente era menos perigosa do que parecia. Argumentavam que os sunitas iraquianos haviam se

levantado em revolta e que os lutadores do isis eram apenas as tropas de choque de vanguarda, num movimento

provocado pelas políticas e ações antissunitas de Maliki.

Uma vez que ele foi substituído – algo que parecia inevitá-

vel, consideradas as pressões do Irã, dos Estados Unidos e da hierarquia clerical xiita –, Bagdá proporia aos sunitas um novo acordo de partilha do poder, assegurando

autonomia regional semelhante à oferecida aos curdos.

Então, as tribos sunitas, os ex-comandantes militares e os baathistas (do partido secular Baath, que foi liderado por Saddam Houssein), que haviam permitido ao isis

liderar a revolta sunita, iriam voltar-se contra o aliado feroz. Apesar dos inúmeros sinais contrários, os xiitas em todos os níveis acreditavam nesse mito reconfortante,

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão JiHadisTa | 59

- PATRICK COCKBURN -

segundo o qual o isis era fraco e poderia ser facilmente descartado pelos sunitas moderados, assim que estes alcançassem seus objetivos. Um xiita afirmou para mim:

“Tenho dúvidas se o isis realmente existe”.

Infelizmente, o isis não apenas existe, mas é uma or-

ganização eficiente e implacável, sem nenhuma intenção de esperar para que seus aliados sunitas o traiam. Em

Mosul, ele exigiu que todos os combatentes da oposição jurassem obediência ao Califado ou entregassem suas

armas. No final de junho e início de julho, os militantes detiveram ex-oficiais da época de Saddam Hussein, inclusive dois generais. Grupos que haviam exibido fotos de Saddam receberam ordens de retirá-las ou sofreriam

as consequências. “Não parece provável”, disse Aymenn

al-Tamimi, um especialista em jihadistas, “que o restante da oposição militar sunita seja capaz de se voltar contra o isis com sucesso. Se o fizerem, terão de

agir tão rapidamente quanto possível, antes que o grupo torne-se forte demais”. Ele frisou que a ala supostamente mais moderada da oposição sunita nada havia feito para impedir que os remanescentes da antiga comunidade cristã de Mosul

fossem forçados a fugir, depois que o isis lhes disse que deveriam converter-se ao Islã e pagar tributos especiais

– ou seriam mortos. Membros de outras seitas e grupos

étnicos, denunciados como xiitas ou politeístas, eram

perseguidos, aprisionados ou assassinados. Parecia estar passando o momento em que uma oposição não ligada

ao isis pudesse representar um desafio para o grupo.

Os xiitas iraquianos ofereceram uma segunda expli-

cação para a forma como seu exército foi desintegrado: ele teria sido apunhalado pelas costas pelos curdos.

Buscando transferir sua culpa, Maliki afirmou que Erbil, 60 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- eM esTado de NeGaçÃo -

a capital curda, “é um quartel-general para o isis, baathistas, Al-Qaeda e terroristas”. Muitos xiitas acreditam na explicação, que os faz sentir que suas forças de segurança (350 mil soldados e 650 mil policiais) fracassaram porque foram traídas, não porque não puderam lutar.

Um iraquiano contou-me que participou de um iftar4

“com 100 profissionais xiitas, principalmente médicos e engenheiros, e todos eles assumiram como certa a teoria da punhalada nas costas, para explicar o que deu errado”. O confronto com os curdos foi importante porque

tornou possível criar uma frente com um contra o isis.

Ele mostrou como, mesmo quando desafiados por um

inimigo comum, os líderes xiitas e curdos são incapazes de cooperar. O líder curdo, Massoud Barzani, teria aproveitado a luta do exército iraquiano para obter territórios

– inclusive a cidade de Kirkuk, que tem sido disputada por curdos e árabes desde 2003. Barzani tem agora uma fronteira comum de mil quilômetros com o Califado e deveria ter sido um aliado óbvio para Bagdá, onde os curdos são parte do governo.

Ao tentar usar os curdos como bodes expiatórios, Maliki assegurou que os xiitas não teriam aliados no confronto com o isis, se este retomasse o ataque em dire-

ção a Bagdá. Os sunitas provavelmente não se satisfariam com a autonomia regional para as suas províncias e uma parcela maior das receitas do petróleo e dos empregos.

Seu levante converteu-se numa completa contrarrevolução, que busca tomar o poder em todo o Iraque. Nos dias escaldantes do verão de julho, Bagdá tinha uma atmosfera de guerra farsesca, como Londres e Paris no final de 1939 ou início de 1940, por razões similares.

4. N. do T.; Refeição de quebra de jejum, no Ramadã, mês sagrado.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 61

- PATRICK COCKBURN -

As pessoas haviam temido um ataque iminente à capital após a queda de Mosul, mas ele não havia ocorrido

ainda, e os otimistas acreditavam que não aconteceria jamais. A vida era mais desconfortável do que costumava

ser, com apenas quatro horas de eletricidade em alguns dias, mas ao menos a guerra não havia chegado ao cora-

ção da cidade. Fui jantar no Alwiyah Club, em Bagdá, e tive dificuldades para reservar uma mesa.

Os líderes xiitas do Iraque não haviam compreendido que sua dominação sobre o Estado iraquiano, alcançada pela derrubada de Saddam Hussein pelos norte-americanos, havia terminado. Acabou devido à sua própria incompetência e corrupção, e porque o levante sunita na Síria, em 2011, desestabilizou o balanço de forças entre as seitas no Iraque.

Na Síria, a vitória sunita liderada pelo isis no Iraque ameaçou romper o impasse militar. Antes disso, o presidente sírio, Bashar al-Assad, havia encurralado lentamente a oposição enfraquecida. Em Damasco e em sua periferia, nas montanhas de Qalamoun ao longo da fronteira com o

Libano e em Homs, as forças do governo haviam avançado lentamente e estavam próximas de cercar o grande enclave rebelde de Aleppo. Porém, as tropas de combate de Assad são notavelmente reduzidas. Precisam poupar-se de perdas pesadas e têm força para lutar em apenas uma frente de cada vez. A tática do governo é devastar um distrito controlado pelos rebeldes com fogo de artilharia e bombas disparadas de helicópteros, forçar a maior parte da população a fugir, isolar o que se converteu, então, num mar de ruínas e, ao fim, forçar os rebeldes à rendição. Contudo, a chegada de grande número de combatentes do isis, bem

62 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- eM esTado de NeGaçÃo -

armados e reforçados por vitórias anteriores, impunha um novo e perigoso desafio para o regime sírio.

Uma teoria conspiratória muito difundida pelo resto

da oposição síria e por diplomatas ocidentais, segundo a qual o isis e Assad estariam ligados, demonstrou-se falsa quando o grupo rebelde obteve vitórias no campo

de batalha. Do mesmo modo, em Bagdá, a teoria cons-

piratória segundo a qual o isis e os curdos estariam coligados explodiu dramaticamente quando a facção lançou seu ataque surpresa contra as regiões curdas, derrotou a peshmerga em Sinjar e forçou os Yazidis a fugirem, ameaçando a capital Erbil e provocando a reentrada dos Estados Unidos na guerra do Iraque.

À medida que o isis tornou-se a maior força na oposição síria, colocou o Ocidente e seus aliados regionais

– Arábia Saudita, Qatar, Emirados Árabes e Turquia –

diante de um dilema: sua política oficial era livrar-se de Assad, mas o isis era agora a segunda maior força militar na Síria. Se o regime caísse, o grupo estaria em boa posição para preencher o vácuo. Como os líderes xiitas em Bagdá, os Estados Unidos e seus aliados responderam à

emergência do isis mergulhando em fantasia. Fingiram

que estavam impulsionando uma “terceira força” de re-

beldes moderados sírios para combater tanto Assad

quanto o isis, ao passo que, reservadamente, os diplomatas ocidentais admitiam que esse grupo na realidade não existia, exceto em bolsões sitiados. Aymenn al-Tamimi, especialista na expansão do jihadismo, confirmou que

essa oposição apoiada pelo Ocidente “está ficando cada vez mais frágil”. Ele acredita que abastecê-la com mais armas não fará muita diferença.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 63

- PATRICK COCKBURN -

Quando seus ataques aéreos começaram, os norte-

americanos passaram a informar o governo sírio sobre

quando e onde eles ocorreriam, mas não fizeram o mes-

mo com os rebeldes “moderados” aos quais publicamente amparavam. Presumivelmente, calcularam que qualquer

coisa que dissessem ao Exército Sirio Livre, a tênue articulação das unidades rebeldes “moderadas”, chegaria em minutos aos ouvidos do isis e Frente al-Nusra.

•

O medo do isis cresceu em escala internacional após a queda de Mosul, mas apenas tornou-se profundo e pene-

trante quando o grupo cercou as forças curdas em Sinjar, no início de agosto, e pareceu posicionado para tomar

a capital curda, Erbil. Houve um súbito reordenamento de alianças e prioridades nacionais. Como argumenta-

do anteriormente, os patrocinadores do isis e de outros movimentos jihadistas no Iraque e na Síria haviam sido a Arábia Saudita, as monarquias do Golfo Pérsico e a

Turquia. Isso não significa que os jihadistas não tivessem fortes raízes locais, mas sua ascensão foi crucialmente apoiada por poderes sunitas externos. A ajuda saudita

e do Qatar foi principalmente financeira, em geral por meio de doações privadas. Richard Dearlove, ex-chefe

da agência de inteligência britânica mi6, julga terem sido centrais na tomada das províncias sunitas no norte do

Iraque: “Essas coisas não acontecem espontaneamente”.

Num discurso em Londres, em julho de 2014, ele dis-

se que a política saudita diante dos jihadistas tem dois motivos contraditórios: medo de que operem na própria

Arábia Saudita e desejo de usá-los contra os poderes xiitas no exterior. Ele disse que os sauditas são “profundamente 64 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- eM esTado de NeGaçÃo -

atraídos por qualquer militância que possa efetivamente desafiar o xiitismo”.

Seria improvável que a comunidade sunita no Iraque

como um todo tivesse alinhado-se ao isis sem o apoio

que a Arábia Saudita deu, direta ou indiretamente, para muitos movimentos sunitas. O mesmo ocorre na Síria,

onde o príncipe Bandar bin Sultan, ex-embaixador sau-

dita em Washington e chefe da inteligência saudita entre 2012 e fevereiro de 2014, fez tudo o que pôde para apoiar a oposição jihadista, até sua demissão.

Temerosos do que ajudaram a criar, os sauditas passaram a atuar em outra direção, aprisionando voluntários jihadistas, ao invés de fazerem vistas grossas, quando eles dirigiam-se à Síria e Iraque. Mas pode ser tarde demais. Os jihadistas sauditas têm pouca consideração pela Casa de Saud. Em 23

de julho de 2014, o isis lançou um ataque contra uma

das últimas fortalezas do exército sírio na província de Raqqa, ao norte. Começou com o ataque suicida de um

carrobomba; o veículo era dirigido por um saudita de

nome Khatab al-Najdi, que decorou as janelas do carro

com fotos de três mulheres presas em cárceres sauditas, uma das quais era Hila al-Kasir, sua sobrinha.

O papel da Turquia tem sido diferente, mas não menos

significativo do que o da Arábia Saudita na ajuda ao isis e a outros grupos jihadistas. Sua ação mais importante é manter aberta a fronteira de 900 quilômetros com a Síria.

Isso deu ao isis, Al-Nusra e outros grupos de oposição uma base de retaguarda segura, de onde chegam homens

e armas. Os pontos de passagem na fronteira foram os

lugares mais disputados durante a “guerra civil dentro da guerra civil” dos

rebeldes. A maior parte dos jihadistas estrangeiros atravessou a Turquia em seu caminho para

a Síria e o Iraque. É difícil obter números precisos, mas o fracasso da “Guerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 65

- PATRICK COCKBURN -

o Ministério do Interior do Marrocos revelou recentemente que 1.122 jihadistas marroquinos penetraram

na Síria, incluindo 900 que o fizeram em 2013, 200 dos quais foram mortos. A segurança iraquiana suspeita que a inteligência militar turca possa ter se envolvido pesadamente no apoio ao isis quando o grupo reconstituiu-se, em 2011. Relatos da fronteira turca dizem que o isis já não é bem-vindo, mas com as armas obtidas do exército

iraquiano e a captura de campos de petróleo e gás sírio, a ajuda externa não é mais tão necessária.

Os curdos turcos e sírios acusaram ainda a Turquia de

ser, secretamente, corpo e alma do isis, mas é provavelmente um exagero. Seria mais correto dizer que esse país soube ver o papel que o isis poderia desempenhar no

enfraquecimento de Assad e dos curdos sírios. Quando o bombardeio da Síria começou, em setembro, os Estados

Unidos jactaram-se de ter constituído uma coalizão de

40 nações. Esta, porém, além de frouxa, era pesada e seus membros tinham agendas muito distintas, o que paralisava uma ação comum.

Para os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e as outras

potências ocidentais, a ascensão do isis e o Califado são o desastre final. Quaisquer que fossem seus planos, na invasão do Iraque em 2003 e nos esforços para derrubar Assad na Síria desde 2011, eles não incluíam a criação de um Estado jihadista abrangendo o norte do Iraque e

da Síria, dirigido por um movimento 100 vezes maior e

muito melhor organizado do que a Al-Qaeda de Osama

bin Laden. A guerra contra o terror, em nome da qual as liberdades civis foram golpeadas e centenas de bilhões de dólares gastos, fracassou miseravelmente. A crença de que o isis está interessado apenas em lutas “de muçulmanos contra muçulmanos” é apenas outro tipo de ilusão.

66 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- eM esTado de NeGaçÃo -

O grupo mostrou que combaterá qualquer um que não adira à sua variante violenta, puritana e fanática do Islã.

O isis difere da Al-Qaeda pelo fato de ser uma organização militar bem dirigida, muito cuidadosa em escolher seus alvos e o momento preciso de atacá-los.

Muitos em Bagdá esperavam que os excessos do isis

– por exemplo, explodir mesquitas que julgam ser santuários, como a de Younis (Jonah), em Mosul – fossem

afastar os sunitas. Em longo prazo, à medida que o grupo imponha suas normas sociais e religiosas primitivas, isso pode ocorrer. Vale relatar um incidente, numa área dominada pelo isis, que ilustra o ânimo popular. A testemunha, uma mulher, relata:

Exatamente nesta tarde, fui, com minha velha mãe, fazer compras e buscar remédios em meu carro, com roupas finas, que mostravam apenas meus olhos. O que posso fazer? Na semana passada, uma mulher estava diante de um quiosque e descobriu o rosto para beber uma garrafa de água. Um deles [isis] aproximou-se dela e a golpeou na cabeça com um bastão. Não

percebeu que o marido estava ao lado. Ele espancou o agressor, que saiu correndo atirando aleatoriamente para o céu, enquanto as pessoas, em simpatia, tentavam alcançá-lo para agredi-lo. Esta é apenas uma história da brutalidade em que estamos vivendo.

Numa terra de compulsivos tabagistas, as fogueiras de cigarros organizadas pelo isis não são populares, mas se opor ao grupo é muito perigoso. Ademais, apesar de sua brutalidade, ele garantiu uma vitória para uma comunidade sunita perseguida e esmagada. Mesmo os sunitas de Mosul, que não gostam do grupo, temem a volta de o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 67

um governo iraquiano vingativo e dominado pelos xiitas. Até agora, a resposta militar de Bagdá à sua derrota foi bombardear Mosul e Tikrit aleatoriamente, o que deixou clara, para os moradores, a indiferença diante de seu bem-estar ou sobrevivência. O medo não vai se alterar, mesmo com a substituição de Maliki por um primeiro-ministro mais conciliatório. Um sunita em Mosul, escrevendo logo depois que um míssil disparado por forças governamentais explodiu na cidade, disse-me: “As forças de Maliki já demoliram a Universidade de Tikrit.

Ela foi reduzida a destroços e pedras, como toda a cidade. Se Maliki puser as mãos sobre nós, em Mosul, ele irá matar a população ou transformá-la numa horda de refugiados. Reze por nós”. Tais visões são comuns e tornam menos provável que a população sunita levante-se contra o isis ou o Califado. Um novo e terrível Estado surgiu – e ele não desaparecerá facilmente.

•

a marcha dos jihadistasx

Iv.

A MARCHA DOS JIHADISTAS

- PATRICK COCKBURN -

Um vídeo postado na primavera iraquiana de 2014, pelo

Estado Islâmico do Iraque, antes denominado Al-Qaeda

no Iraque, mostra jihadistas estrangeiros, provavelmente em algum lugar da Síria, queimando seus passaportes para demonstrar um compromisso permanente com a

jihad. O filme, feito profissionalmente, é revelador para quem imagina que a guerra em curso na Síria pode ser

contida. Ele mostra, ao contrário, como o conflito na

grande faixa de território entre o rio Tigre e a costa do Mediterrâneo já começou a convulsionar toda a região.

A capa dos passaportes sugere que a maior parte é sau-

ditá (verde-gramá) ou jordaniano (azul escuro), embora muitas outras nacionalidades estejam representadas no

grupo. À medida que rasga seu passaporte e o atira às

chamas, cada homem faz uma declaração de fé, uma pro-

messagem de lutar contra o governante de seu país de origem.

Um canadense faz um curto discurso em inglês, antes de mudar para árabe, dizendo: “[Esta] é uma mensagem aos

poderes do Canadá e da América. Estamos chegando, e

vamos destruí-los”. Um saudita, um egípcio e um tchet-

cheno fazem ameaças similares, sublinhando a intenção

declarada dos jihadistas de atuar em qualquer parte do mundo. O que torna as ameaças particularmente alarmantes é o fato de o território controlado pelo isis

ser imensamente maior do que o alcançado antes por qualquer grupo ligado à Al-Qaeda.

70 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a Marcha dos Jihadistas -

Se olhar o mapa do Oriente Médio, você verá que or-

ganizações do tipo Al-Qaeda tornaram-se uma força

poderosa e letal num território que se estende da província de Diyala, a nordeste de Bagdá, à província de Lataká, na costa síria do Mediterrâneo. Todo o vale do Eufrates, no oeste do Iraque e leste da Síria, até a fronteira com a Turquia, está hoje sob domínio do isis ou da Frente

al-Nusra, representante oficial do que funcionários nor-americanos chamam de “coração” da Al-Qaeda no

Paquistão. Grupos do tipo Al-Qaeda no oeste e norte do Iraque e no norte e leste da Síria agora controlam um

território do tamanho da Grã-Bretanha, e a área em que organizam operações é muito mais extensa.

•

A fronteira entre a Síria e o Iraque deixou, em grande parte, de existir. Vale a pena examinar separadamente a situação nos dois países. No Iraque, quase todas as áreas sunitas, aproximadamente um quarto do seu território,

estão inteira ou parcialmente sob controle do isis. Antes de capturar Mosul e Tikrit, o grupo mobilizava seis mil combatentes, mas o número multiplicou-se muitas vezes depois de a facção ganhar prestígio e capacidade de apelo entre jovens sunitas, logo após suas vitórias espetaculares. Seu próprio nome – Estado Islâmico do Iraque e do Levante - expressa sua intenção: construir um Estado islâmico no Iraque e no “al-Sham”, ou Grande Síria. Não planeja partilhar o poder com ninguém. Dirigido desde 2010 por Abu Bakr al-Baghdadi, também conhecido

como Abu Dua, provou-se mais violento e sectário do

que o “coração” da Al-Qaeda, dirigido por Ayman al-

-Zawahiri, baseado no Paquistão.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão JiHadista | 71

- PATRICK COCKBURN -

Abu Bakr al-Baghdadi começou a surgir das sombras

no verão de 2010, quando se tornou líder da Al-Qaeda no Iraque, depois que seus antecessores foram mortos num

ataque conduzido por tropas desse país e dos Estados

Unidos. A Al-Qaeda no Iraque andava mal das pernas, já que a rebelião sunita, em que havia antes desempenhando um papel de liderança, estava sucumbindo. Foi reavivada pela revolta dos sunitas na Síria, em 2011, e, nos três anos seguintes, por uma série de campanhas cuidadosamente planejadas, tanto nesse país quanto no Iraque.

Não se sabe até que ponto al-Baghdadi foi diretamente

responsável pela estratégia militar e táticas da Al-Qaeda no Iraque e, posteriormente, do isis. Ex-funcionários

graduados do exército e inteligência iraquianos, à época de Saddam Hussein, desempenharam um papel central,

mas estão sob a liderança geral de al-Baghdadi.

Detalhes da carreira de al-Baghdadi variam segundo

a fonte – ou o próprio isis, ou a inteligência norte-americana ou iraquiana. Porém, o quadro geral é bastante

claro. Ele nasceu em Samarra, uma cidade majorita-

riamente sunita ao norte de Bagdá, em 1971. Teve boa

educação, com graduação em Estudos Islâmicos (in-

cluindo Poesia, História e Genealogia), na Universidade de Bagdá. Uma foto de al-Baghdadi, feita quando era

prisioneiro dos norte-americanos em Bocca Camp, sul

do Iraque, mostra um iraquiano normal na faixa dos 25 anos, com cabelos pretos e olhos castanhos.

Acredita-se que seu nome real seja Awwad Ibrahim

Ali al-Badri al-Samarrai. Ele pode ter sido um militante islâmico sob Saddam, como pregador na província

de Diyala, ao norte de Bagdá, onde, depois da invasão norte-americana de 2003, constituiu seu próprio grupo armado. Movimentos insurgentes têm motivos

72 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a Marcha dos Jihadistas -

fortes para fornecer informação desconhecida sobre sua estrutura de comando e liderança, mas parece que al-Baghdadi passou cinco anos, entre 2005 e 2009, prisioneiro dos norte-americanos.

Depois que passou a dirigir a Al-Qaeda no Iraque, o grupo tornou-se cada vez melhor organizado, emitin-

do inclusive relatórios anuais sobre suas operações em cada província iraquiana. Por saber do destino de seus predecessores na liderança da Al-Qaeda no Iraque, al-

-Baghdadi existiu em extremo sigilo. Poucas pessoas sabiam quem ele era. Os prisioneiros da Al-Qaeda no Iraque dizem que nunca o encontraram ou que, quando o fizeram, ele usava uma máscara.

Tirando proveito da guerra civil síria, al-Baghdadi enviou combatentes e fundos ao país, para organizar a

Frente al-Nusra, filiado à Al-Qaeda. Ele separou-se do grupo em 2013, mas manteve controle de uma larga faixa de território no norte da Síria e Iraque.

Contra uma oposição fragmentada e disfuncional, al-Baghdadi moveu-se rapidamente para se estabelecer como um líder efetivo, ainda que esquivo. A rápida ascensão do isis, depois que ele assumiu a liderança, foi em grande medida auxiliada pelo levante sunita em 2011, na Síria. O movimento encorajou os seis milhões de sunitas no Iraque a agir contra a marginalização política e econômica que sofriam desde a queda de Saddam Hussein.

O isis lançou uma campanha bem planejada em 2013,

que incluiu um assalto exitoso à prisão de Abu Ghraib, no verão iraquiano daquele ano, para libertar seus líderes e outros combatentes experientes. A sofisticação militar do isis é muito maior do que a que tinha (mesmo em seu auge, em 2006 e 2007) a organização tipo Al-Qaeda da

qual o grupo emergiu.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 73

- PATRICK COCKBURN -

O isis tem a enorme vantagem de ser capaz de operar

em ambos os lados da fronteira sírio-iraquiana. Embora na Síria esteja engajado numa guerra civil interjihadista contra a Frente al-Nusra, o Ahrar al-Sham e outras

facções, ele ainda controla Raqqa e boa parte do leste, exceto os enclaves mantidos pelos curdos, próximos à

fronteira turca. Jessica D. Lewis, do Instituto de Estudos da Guerra, descreveu-o, num ensaio sobre o movimento

jihadista no final de 2013, como “uma organização ex-

tremamente vigorosa, resiliente e capaz, que pode operar de Basra à costa síria”. Embora o poder crescente do isis fosse óbvio para quem acompanhasse os fatos, o significado do que estava ocorrendo foi percebido por poucos

governos estrangeiros, mesmo após o vasto choque que

se seguiu à queda de Mosul.

Ao expandir sua influência no Iraque, o isis foi capaz de capitalizar dois fatores: a revolta sunita na vizinha Síria e a marginalização dos sunitas por um governo

liderado pelos xiitas, em Bagdá. Os protestos sunitas, que começaram em dezembro de 2012, foram inicialmente pacíficos, mas a falta de concessões por parte do primeiro-ministro Nouri al-

-Maliki, somada a um massacre no acampamento de paz de Hawijah, em abril de 2013, que foi devastado pelo exército iraquiano e terminou com a morte de mais de 50 manifestantes, converteu um protesto pacífico numa resistência armada. Nas eleições parlamentares de abril de 2014, Maliki apresentou a si mesmo, em primeiro lugar, como o líder dos xiitas que iria enfrentar uma contrarrevolução sunita com base na província de Anbar. Depois da queda de Mosul, o primeiro-ministro foi culpado por se recusar a fazer reformas que teriam neutralizado o apelo do isis, mas ele não foi o único líder xiita a acreditar que os sunitas nunca aceitariam a perda de sua antiga posição de comando.

74 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a Marcha dos JiHadiTas -

A hostilidade geral dos sunitas a Maliki, como promo-

tor do sectarismo, havia permitido ao isis aliar-se com sete ou oito grupos militantes sunitas, com quem antes travava combate. Maliki não deve ser culpado por tudo o que ocorreu de ruim no Iraque, mas teve um papel decisivo

ao empurrar a comunidade sunita às armas do isis – algo que talvez, algum dia, lamente. Paradoxalmente, embora tenha se saído bem nas eleições parlamentares de abril de 2014, ao amedrontar os eleitores xiitas com o fantasma de uma contrarrevolução sunita, ele agiu como se isso fosse apenas um truque eleitoral e pareceu não perceber quão próximos os sunitas estavam de uma insurreição real, na qual o isis serviu como tropa de choque.

Em sua queda, ele ignorou alguns sinais de alerta cla-

ríssimos. No início de 2014, o isis havia tomado Fal ujah, apenas 65 quilômetros a oeste de Bagdá, assim como vasto território em Anbar, a enorme província que compreende muito da região oeste do país. Em março, atiradores do grupo desfilaram pelas ruas de Fal ujah para exibir sua recente captura de veículos norte-americanos blindados Humvees, antes pertencentes ao exército iraquiano.

Foi uma humilhação final para os norte-americanos que

a bandeira negra da Al-Qaeda tremulasse de novo numa

cidade que havia sido capturada pelos marines em 2004, após uma dura vitória, acompanhada por muita retórica

autocongratatória. O isis controla agora não apenas a cidade, mas a represa de Fal ujah, o que lhe permite regular o fluxo do Eufrates, podendo inundar ou secar as cidades ao sul. Incapaz de desalojá-los pela força, o governo de Bagdá desviou a água do rio para um velho canal fora do controle dos combatentes, o que evitou uma crise imediata. No entanto, a luta em Anbar mostrou como o balanço de poderes mudou em favor do isis. O exército iraquiano, o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 75

- PATRICK COCKBURN -

com cinco divisões estacionadas na província, sofreu uma derrota devastadora, perdendo cinco mil homens, mortos ou feridos, e mais 12 mil que desertaram.

Mais ao norte, em junho de 2014, o isis, somando

forças com grupos sunitas locais, assumiu o controle

de Mosul (a segunda maior cidade do Iraque, com uma

população de mais de um milhão de habitantes), expulsando rapidamente o exército da cidade. Contudo, como

frisou um iraquiano, em muitos aspectos “Mosul já não

estava sob autoridade governamental havia muito tem-

po”. Antes da tomada, o isis já cobrava impostos de todo mundo, de vendedores

de verduras no mercado a empresas de telefones celulares e de construção. Segundo uma estimativa, sua renda apenas com essa cobrança era de

oito milhões de dólares ao mês. O mesmo tipo de “tri-

butação” ocorria em Tikrit, ao norte de Bagdá, onde um amigo relatou que as

pessoas não comiam em nenhum

restaurante que não estivesse em dia com os pagamentos ao isis, por medo de que o local fosse atingido por uma bomba durante o jantar.

•

Olhando agora para a Síria: hoje, a oposição armada ao governo Assad é dominada por jihadistas que desejam

estabelecer um Estado islâmico. Aceitam combatentes

estrangeiros e têm uma história sinistra de massacres

contra minorias sírias, especialmente alawitas e cristãos.

Com exceção das áreas controladas pelos curdos, todo o leste do país, inclusive muitos dos campos de petróleo, estão agora sob controle dos jihadistas. O governo conserva alguns poucos postos, nessa vasta área, mas não

tem forças para recapturá-la.

76 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a Marcha dos JiHadistas -

Diferentes grupos jihadistas competem uns com os

outros na região e, desde o início de 2014, engajaram-se num combate mortífero. Em 2012, o isis fundou a Frente al-Nusra, captando uma oportunidade em meio à esca-lada rápida da guerra civil na Síria e temendo que sua própria luta fosse marginalizada. Enviou ao novo grupo dinheiro, armas e combatentes experimentados. Um

ano atrás, tentou reafirmar sua autoridade sobre o grupo incipiente, que havia se tornado independente demais,

aos olhos dos líderes do isis, buscando enquadrá-lo

numa organização maior, abrangendo Síria e Iraque. A

Frente al-Nusra resistiu a esse esforço e os dois grupos envolveram-se numa complicada guerra civil interjihadista. A Frente Islâmica, poderosa aliança de brigadas de oposição estabelecida há pouco, apoiada pela Turquia e o Qatar, também está combatendo o isis, embora com-partilhe seus objetivos de estrita imposição da sharia.

No tocante a temas sociais e religiosos, o isis e a Frente al-Nusra não apresentam divergências marcantes, ainda que a segunda tenha reputação de ser menos rígida.

No entanto, foram lutadores da Frente al-Nusra em Deir Ezzor, na região do Eufrates, no leste da Síria, que invadiram uma festa de casamento numa casa particular,

espancando e prendendo mulheres que ouviam música

alta e não usavam vestes islâmicas.

Apesar desse conflito, os grupos não jihadistas são hoje periféricos na oposição síria. Em particular o Exército Livre Sírio (fsa), cujo braço político já foi designado pelo ocidente como o futuro ocupante do poder no país, está

marginalizado. O isis controla a província de Aleppo,

a leste, enquanto boa parte da recente luta nessa cidade foi liderada pela Frente al-Nusra e o Ahrar al-Sham, outro movimento tipo Al-Qaeda. Um recente ataque ao

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão JiHadisTa | 77

- PATRICK COCKBURN -

território controlado pelo governo sírio em Latakia, na costa do Mediterrâneo, teve como pontas de lança jihadistas marroquinos e tchetchenos. Ao mesmo tempo,

combatentes da Frente al-Nusra controlam alguns dos

subúrbios de Damasco e um conjunto de vilas e cidades

que se estende até a fronteira turca. A luta entre o isis e outros jihadistas é na verdade uma disputa por espólios, mais um reflexo de quão fortes eles são do que um sinal de diferenças em relação a seus objetivos de longo prazo.

•

Esse aumento nítido na força e alcance das organizações jihadistas na Síria e Iraque não havia sido, em geral, destacado até há pouco por políticos e mídia no Ocidente. A razão principal para isso é que os governos e suas forças de segurança definem de modo muito estrito a ameaça

jihadista – para eles, restrita às forças diretamente controladas pelo centro ou “coração” da Al-Qaeda. Isso lhes permite apresentar, em relação a seu suposto sucesso na chamada “Guerra ao Terror”, um retrato muito mais otimista do que

a situação real permitiria. Na verdade, a ideia de que os únicos jihadistas com os quais se preocupar são aqueles que têm as bênçãos oficiais da Al-Qaeda é ingênua e autoenganadora. Ignora, por exemplo, o

fato de que o isis foi criticado pelo líder da Al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri, por violência e sectarismo excessivos. Depois de conversar recentemente com um leque

de jihadistas sírios não diretamente ligados à Al-Qaeda, no sul da Turquia, uma fonte disse-me que “todos eles, sem exceção, expressaram júbilo pelos ataques de 11 de Setembro e desejo de que algo semelhante possa acontecer na Europa”.

78 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a Marcha dos Jihadistas -

Grupos jihadistas ideologicamente próximos à Al-

Qaeda foram rotulados como “moderados” e suas ações

são vistas como coerentes com os objetivos políticos dos Estados Unidos. Na Síria, os norte-americanos apoiam um plano da Arábia Saudita para abrir uma “frente

sul”, baseada na Jordânia, que seria hostil ao governo de Assad e, ao mesmo tempo, aos rebeldes tipo Al-Qaeda

no norte e leste. Esperava-se que a poderosa, mas su-

postamente moderada Brigada Yarmouk, que receberia

mísseis antiaéreos da Arábia Saudita, fosse o elemento de liderança nessa nova formação. Porém, diversos vídeos

mostram que a Brigada Yarmouk lutou frequentemente

em colaboração com a Frente al-Nusra, a filiada oficial da Al-Qaeda. Como era provável que, em meio à batalha, esses dois grupos trocassem munições, Washington estava efetivamente permitindo que armamento avançado

fosse entregue a seu inimigo mais mortal. Autoridades

do Iraque confirmam ter capturado, do isis, armas sofisticadas, originalmente fornecidas por potências externas a forças consideradas anti-Al-Qaeda na Síria.

O nome Al-Qaeda foi sempre empregado de modo

flexível para identificar um inimigo. Em 2003 e 2004, no Iraque, enquanto crescia a oposição armada à ocupação

pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, a maior parte dos oficiais norte-americanos atribuía os ataques à Al-Qaeda, embora muitos fossem executados por grupos nacionalistas e baathistas. Esse tipo de propaganda ajudou a persuadir quase 60% dos eleitores norte-americanos, antes da invasão, de que havia uma conexão entre Saddam Hussein e

os responsáveis pelo 11 de Setembro, ainda que não existisse evidência alguma em favor da hipótese. No próprio Iraque e em todo o mundo muçulmano, essas acusações

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 79

- PATRICK COCKBURN -

beneficiaram a Al-Qaeda, ao exagerar seu papel na resistência contra a ocupação norte-americana e britânica.

Táticas de relações públicas diametralmente opostas

foram empregadas pelos governos ocidentais em 2011,

na Líbia, quando foi descartada qualquer similaridade

entre a Al-Qaeda e os rebeldes apoiados pela Otan, que

lutavam para derrubar o líder líbio, Muammar Gaddafi.

Apenas os jihadistas que tinham um link operacional direto com o “coração” da Al-Qaeda sob Bin Laden foram

considerados perigosos. A falsidade da alegação segundo a qual os jihadistas contrários a Gaddafi na Líbia eram menos ameaçadores do que aqueles em contato direto

com a Al-Qaeda teve de ser exposta, ainda que de ma-

neira trágica, quando o embaixador norte-americano

Chris Stevens foi morto por combatentes jihadistas em

Benghazi, em setembro de 2012. Eram os mesmos “guerreiros” elogiados pelos governos e mídia ocidentais por seu papel no levante contra Gaddafi.

A Al-Qaeda é, há muito tempo, uma ideia, muito mais

do que uma organização. Por cinco anos, a partir de 1996, ela teve de fato quadros, recursos e acampamentos no

Afganistão, mas tudo isso foi eliminado após a derru-

bada do Talibã, em 2001. Em seguida, o nome Al-Qaeda

converteu-se principalmente num chamado à ação, num

conjunto de crenças e costumes islâmicos centrado na

criação de um Estado islâmico, na imposição da sha-

ria, na submissão das mulheres e numa guerra sagrada

contra outros muçulmanos, em especial os xiitas, considerados hereges que merecem a morte. No centro dessa

doutrina de guerra está uma ênfase no autossacrifício e no martírio, como símbolos de fé e compromisso religiosos. Isso resultou na mobilização de homens-bombas, destreinados, mas fanatizados, com efeitos devastadores.

80 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a Marcha dos Jihadistas -

Sempre foi do interesse dos Estados Unidos e de outros governos apresentar a Al-Qaeda como uma organização

com uma estrutura de comando e controle como um mi-

ni-pentágono ou como a máfia norte-americana. É uma

imagem reconfortante para o público, já que grupos or-

ganizados, ainda que demoníacos, podem ser rastreados

e eliminados por meio do encarceramento ou morte.

Muito mais alarmante é a realidade de um movimento cujos aderentes são autorrecrutados e podem despontar em qualquer parte.

O grupo de militantes de Osama bin Laden, que ele não chamava de Al-Qaeda até o 11 de Setembro, era apenas um, dentre muitas facções jihadistas, há 12 anos.

Hoje, porém, suas ideias e métodos são predominantes entre os jihadistas, devido ao prestígio e publicidade que obtiveram por meio da destruição das Torres Gêmeas,

da guerra no Iraque e da demonização por Washington,

como a fonte de todo o mal anti-americano. Atualmente, as diferenças entre as crenças dos jihadistas estão se es-treitando, independentemente de serem ou não ligados

ao núcleo da Al-Qaeda.

Não é surpreendente que os governos prefiram uma

visão de fantasia da Al-Qaeda. Ela lhes permite cantar vitórias quando são capazes de eliminar os membros e

aliados mais famosos da rede terrorista. Frequentemente, tratam-se essas pessoas eliminadas como se tivessem

patentes quase militares, como “comandantes de operações”, para sublinhar o significado de tirá-las de combate.

O cúmulo desse aspecto altamente publicizado, mas qua-

se irrelevante, da “Guerra ao Terror” foi o assassinato de Bin Laden, em Abbottabad, Paquistão, em 2011. O fato

permitiu ao presidente Obama aparecer diante do público norte-americano como o homem que presidiu a caça

- PATRICK COCKBURN -

ao líder da Al-Qaeda. Em termos práticos, no entanto, sua morte teve pequeno impacto sobre os grupos jihadistas do tipo Al-Qaeda, cuja maior expansão ocorreu depois.

•

As decisões centrais que permitiram à Al-Qaeda sobreviver e, em seguida, expandir-se, foram tomadas nas horas que se sucederam ao 11 de Setembro. Quase todos os

elementos significativos no plano de explodir aviões nas Torres Gêmeas e em outras edificações icônicas para os Estados Unidos conduziam à Arábia Saudita. Bin Laden

era membro da elite saudita e seu pai fora um aliado pró-

ximo da família real saudita. Citando um relatório da

cia de 2002, o documento oficial sobre o 11 de Setembro conta que a Al-Qaeda dependia, para seu financiamento, de “diversos doadores e captadores de recursos, em especial nos países do Golfo e particularmente na Arábia Saudita”. Os investigadores encarregados do relatório

tiveram sua ação repetidamente limitada, quando bus-

caram informações na Arábia Saudita. Entretanto, o

presidente George W. Bush aparentemente nunca sequer

considerou apontar os sauditas como os responsáveis pelo

ocorrido. A saída de líderes sauditas, inclusive parentes de Bin Laden, dos Estados Unidos foi facilitada pelo governo norte-americano nos dias que se sucederam ao 11

de Setembro. Ainda mais significativo: em nome da “se-

gurança nacional”, 28 páginas do relatório da comissão encarregada de investigar os acontecimentos, dedicadas às relações entre os terroristas e a Arábia Saudita, foram suprimidas e nunca publicadas, apesar das promessas do

presidente Obama em sentido contrário.

82 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a Marcha dos Jihadistas -

Em 2009, oito anos após o 11 de Setembro, um des-

pacho da secretária de Estado norte-americana, Hilary Clinton, revelado pelo Wikileaks, queixava-se de que

doadores sauditas constituíam a fonte mais significativa no financiamento de grupos de terror sunitas em todo

o mundo. Contudo, a despeito dessa admissão privada,

os Estados Unidos e a Europa Ocidental permaneceram

indiferentes aos pregadores sauditas, cuja mensagem,

difundida a milhões por satélite, tv, YouTube e Twitter, pedia o assassinato de xiitas como heréticos. Tais apelos foram feitos quando as bombas da Al-Qaeda estavam

dizimando pessoas nos bairros xiitas no Iraque. Um sub-título em outro despacho do Departamento de Estado,

no mesmo ano, pergunta: “Arábia Saudita – anti-xiitismo como Política Externa?”. Agora, cinco anos mais tarde, grupos apoiados pelos sauditas acumularam um histórico de sectarismo extremo contra muçulmanos não sunitas.

O Paquistão ou, melhor dizendo, a inteligência militar paquistanesa, na forma do Inter-Services Intelligence, foi o outro pai da Al-Qaeda, do Talibã e dos movimentos

jihadistas em geral. Quando o Talibã estava se desintegrando sob o peso dos bombardeios norte-americanos em

2001, suas forças no norte do Afeganistão foram embos-

çadas por tropas contrárias a ele. Antes de se renderem, centenas de membros do Inter-Services Intelligence, instrutores e conselheiros militares foram apressadamente evacuados por ar. Apesar das evidências mais claras sobre o patrocínio do Inter-Services Intelligence ao Talibã e aos jihadistas em geral,

Washington recusou-se a enfrentar o Paquistão. Assim, abriu caminho para o ressurgimento

do Talibã após 2003 – o que nem os Estados Unidos nem

a Otan foram capazes de reverter.

o fracasso da “Guerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 83

- PATRICK COCKBURN -

A “Guerra ao Terror” fracassou porque não visou o

movimento jihadista como um todo e, acima de tudo,

não focou na Arábia Saudita e Paquistão, os dois países que impulsionaram o jihadismo como um credo e um

movimento. Os Estados Unidos não o fizeram porque

esses países eram importantes aliados, que não deveriam ser ofendidos. A Arábia Saudita era um mercado enorme

para as armas norte-americanas e cultivou, até o ponto de comprar, membros influentes do *establishment* político norte-americano. O Paquistão é uma potência nuclear com população de 180 milhões de habitantes e laços militares estreitos com o Pentágono.

O ressurgimento espetacular da Al-Qaeda e seus

semelhantes ocorreu apesar da imensa expansão do or-

çamento dos serviços de inteligência norte-americanos

e britânicos, após o 11 de Setembro. Desde então, os

Estados Unidos, seguidos de perto pela Grã-Bretanha,

travaram guerras no Afeganistão e no Iraque e adotaram procedimentos normalmente associados a Estados policiais – como encarceramento sem julgamento, detenção,

tortura e espionagem doméstica. Os governos conduzem a

“Guerra ao Terror” alegando que os direitos dos cidadãos precisam ser

sacrificados para assegurar a segurança de todos. Apesar dessas medidas de segurança controversas, os grupos contra os quais elas se dirigem não foram derrotados – ao contrário, fortaleceram-se. No tempo do 11

de Setembro, a Al-Qaeda era uma organização pequena

e em geral ineficaz. Em 2014, havia muitos grupos poderosos do tipo Al-Qaeda. Em outras palavras, a “Guerra

ao Terror”, que moldou muito da paisagem política desde 2001, claramente fracassou, mas, até a queda de Mosul, ninguém havia prestado muita atenção.

84 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

o ressurgimento sunita no iraquex

v.

O RESSURGIMENTO SUNITA

NO IRAQUE

- O RESSURGIMENTO SUNITA NO IRAQUE -

No Iraque, os fatos não são sempre o que parecem.

Dois acontecimentos recentes ilustram a diferença en-

tre aparência e realidade. O primeiro está relacionado à recaptura de Fal ujah, em janeiro de 2014, pelo isis, apoiado por milícias tribais. Foi um grande choque para o governo iraquiano. Fal ujah fica apenas 65 quilômetros a oeste de Bagdá. É um famoso bastião sunita e uma porta de entrada para a capital. Logo depois do isis retomar a cidade e posicionar entre 300 e 500 homens fortemente armados em sua periferia, apoiadores do governo difundiram um vídeo reconfortante no Twitter e Facebook

Incluía alguma narrativa em árabe iraquiano, foi filmado a partir do ar e mostrava os insurgentes sendo alvejados e eliminados por mísseis. Era algo para elevar a moral dos apoiadores do governo. Infelizmente, para eles, poucas horas após o início da circulação do vídeo, alguém percebeu que ele havia sido filmado no Afeganistão e

era, na verdade, o registro de um avião norte-americano disparando contra combatentes do Talibã. É altamente

duvidoso que a força aérea iraquiana seja capaz de executar ataques de tal precisão. Mais tarde, ela limitou-se a despejar bombas em Fal ujah. O fracasso, por seis meses, na tentativa de retomar a cidade e a necessidade de inventar vitórias simbólicas para o exército iraquiano mostraram a fraqueza das forças de segurança do país,

que têm um milhão de homens – 350 mil soldados e

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 87

- PATRICK COCKBURN -

650 mil policiais. Isso seria revelado de modo ainda mais chocante quando o isis varreu as marcas da autoridade

governamental de todo o norte do país, em junho de 2014.

Tais enganos não ocorrem apenas do lado do governo.

Um ano antes, em dezembro de 2012, a prisão dos guar-

da-costas do ministro das Finanças, Rafi al-Issawi, um sunita moderado, pelo governo, levou a protestos numerosos, porém pacíficos, nas províncias sunitas do norte e centro do país. Os árabes sunitas são cerca de um quinto da população iraquiana, de 33 milhões. No início, os manifestantes foram bem comportados, reivindicando o

fim da discriminação política, civil e econômica contra a comunidade sunita. Entretanto, logo perceberam que o

primeiro-ministro Nouri al-Maliki oferecia apenas mu-

danças cosméticas. Muitos deixaram de participar das

manifestações semanais.

Na cidade sunita de Tikrit, capital da província de

Salah Ad-Din, 10 mil pessoas participavam no início das ações, mas o número caiu para apenas mil. Um observador local relatou: “Decidiu-se que todas as mesquitas devem ser fechadas às sextas-feiras, exceto uma, o que forçará todos os fiéis a se dirigirem para o mesmo lugar, nas orações deste dia. Câmeras filmaram orgulhosa-mente e fotografaram a multidão, para sugerir que eram todos manifestantes. As imagens foram difundidas no

Golfo Pérsico, onde os patrocinadores das manifestações enganaram-se (ou talvez não...), pensando que os protestos ainda atraíam grande número de participantes”. Essa testemunha de Tikrit sugere cingidamente que o dinheiro supostamente despendido em alimentar e transportar

manifestantes fictícios foi embolsado pelos líderes dos protestos. A mensagem não era de que os sunitas estavam 88 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- O RESSURGIMENTO SUNITA NO IRAQUE -

menos irados do que antes, mas de que os protestos pacíficos estavam se convertendo em resistência armada.

•

Essas duas histórias ilustram uma importante verdade política no Iraque contemporâneo: nem o governo, nem

qualquer outro dos movimentos políticos institucionais são tão fortes quanto fingem ser. O poder está dividido, e as divisões ajudaram o isis a emergir muito mais forte e rapidamente no Iraque do que qualquer observador esperaria.

Embora o isis tenha ganhado impulso e notoriedade

de antes de junho de 2014, sua vitória em Mosul surgiu como uma grande surpresa – inclusive para o próprio

isis. “Inimigos e apoiadores estão boquiabertos”, disse o porta-voz do grupo, Abu Mohammed al-Adnani. É difícil

lembrar de outros exemplos na história em que forças de um milhão de homens e 15 divisões desmoronaram

tão rapidamente após ataque de um grupo inimigo, com

contingente estimado em seis mil pessoas. Para tornar

isso possível, foi decisivo o fato de que a população sunita como um todo, ao sentir que o fim de sua opressão era possível, ofereceu ao menos apoio tácito.

A falta de moral e disciplina do exército iraquiano foi, evidentemente, outro fator crucial. Indagado sobre a causa da derrota militar, um general iraquiano

recentemente passado à reserva foi enfático: “Corrupção! Corrupção!

Corrupção!”. Começou, segundo ele, quando os norte-

-americanos recomendaram ao exército terceirizar o

fornecimento de comida e outros suprimentos, por volta de 2005. Um comandante de batalhão era pago por unidade de 600 soldados, mas tinha apenas 200 em armas:

embolsava a diferença, o que significava lucros enormes.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 89

- PATRICK COCKBURN -

O exército tornou-se uma máquina de fazer dinheiro para oficiais graduados e, frequentemente, um instrumento

de extorsão para soldados ordinários que atuavam nos

postos de controle. No cúmulo disso tudo, oficiais sunitas bem treinados foram marginalizados. “O Iraque não tem

um exército nacional de fato”, concluiu o general.

A corrupção nos quadros militares ocorria em todos

os níveis. Um general poderia tornar-se comandante de

divisão ao custo de dois milhões de dólares. Teria, então, de recuperar o investimento, obtendo comissões nos postos de controle em estradas, cobrando cada veículo

comercial que passasse. Um empresário iraquiano con-

tou-me, há alguns anos, que havia parado de importar

bens através do porto de Basra, porque as somas de di-

nheiro que tinha de gastar em propinas para oficiais e soldados, em cada etapa de movimentação das cargas,

das docas até Bagdá, acabavam com o lucro do negócio.

Outro amigo em Bagdá (lamento que qualquer relato

sobre o Iraque esteja repleto de fontes que desejam permanecer anônimas) disse-me: “Sob Saddam Hussein, os

soldados frequentemente queriam desertar, pois eram

muito mal pagos, mas sabiam que seriam mortos se o

fizessem. Por isso, era melhor morrer na batalha. O exército atual nunca foi uma força nacional. Seus soldados estão interessados apenas em seus salários e não temem mais o que ocorrerá se forem embora”.

•

Os iraquianos não são ingênuos. As experiências amargas com seus governantes, nos últimos 50 anos, levaram-nos a enxergar na elite um grupo ganancioso, brutal e incom-petente. Há 10 anos, algumas pessoas tinham esperança

90 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- O RESSURGIMENTO SUNITA NO IRAQUE -

de poder escapar vivendo sob estado de emergência per-

manente, quando os Estados Unidos e a Grã-Bretanha

preparavam-se para derrubar Saddam Hussein. Outros

temiam os iraquianos que voltavam do exterior prome-

tendo construir uma nova nação.

Alguns meses antes da invasão e ocupação de 2003,

um servidor público civil, entrevistado secretamente em Bagdá, fez uma previsão sombria: “Os iraquianos exila-dos são a réplica exata dos que hoje nos governam... com a única diferença de que os últimos já estão saciados, depois de roubarem durante os últimos 30 anos. Os que

acompanham as tropas norte-americanas serão vorazes”.

Muitos dos iraquianos que regressaram ao país após

a invasão liderada pelos Estados Unidos eram gente de

bons princípios e haviam perdido muito por se opor a Saddam Hussein. Todavia, avançando uma década, a pre-
visão do servidor público anônimo sobre a capacidade do novo governo terá se provado totalmente verdadeira. Como disse um ex-ministro, “o governo iraquiano é uma cleptocracia institucionalizada”.

“A corrupção é inacreditável”, disse o cientista político e ativista Ghassn al-Attiya. “Você não consegue um emprego no exército se não pagar; você nem pode sair da

prisão se não o fizer. Talvez um juiz o liberte, mas você precisará pagar a papelada, ou permanecerá encarcerado.

Mesmo quando livre, você poderá ser capturado por um

oficial que pagou de 10 mil a 50 mil dólares por seu posto e precisa recuperar o dinheiro”. Numa versão iraquiana do romance *Catch 22*, tudo está à venda. Um ex-detento 5. N. do E.: *Catch-22* (*Ardil 22*, no Brasil) é um romance satírico-histórico de Joseph Heller, publicado originalmente em 1961. O

livro, situado durante os estágios finais da Segunda Guerra Mundial, passou a ter um significado idiomático para uma situação sem saída, uma armadilha.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 91

- PATRICK COCKBURN -

contou que tinha de pagar aos guardas 100 dólares por

um simples banho de chuveiro. A extorsão era, e conti-

nua a ser, a norma: um empreendedor construiu sua casa acima de um oleoduto enterrado, desviou-o e roubou

grandes quantidades de combustível.

A corrupção complica e envenena a vida diária dos iraquianos, especialmente daqueles que podem pagar, mas

a frequente demanda de propina não é o que golpeia o estado da economia. O Governo Regional do Curdistão, que tem alto grau de autonomia, é considerado extremamente corrupto, mas a economia da região vive um **boom** e seu manejo é apontado como modelo para o país.

Muito mais nocivo ao Iraque foi o roubo generalizado de fundos públicos. Apesar das dezenas de bilhões de dólares gastos, há um contínuo racionamento de eletricidade e outros serviços. Poucos iraquianos lamentam a queda

de Saddam Hussein, mas muitos lembram-se de que,

após os ataques aéreos devastadores dos Estados Unidos contra a infraestrutura, em 1991, as estações de energia foram rapidamente restauradas, com uso apenas de recursos iraquianos.

A corrupção iraquiana envolve mais do que o roubo

das receitas de petróleo por uma casta criminalizada de políticos, partidos e funcionários. Os críticos do primeiro-ministro Maliki, que esteve no poder desde 2006,

dizem que seu método de controle político foi oferecer contratos a apoiadores, aliados vacilantes ou inimigos que desejava afastar. Porém, isso não é tudo. Os beneficiários dessa lambança eram “ameaçados de investigação e exposição públicas, se saíssem da linha”, disse um observador iraquiano. Mesmo aqueles que não haviam

obtido contratos sabiam que eram vulneráveis a ações

dos corpos anticorrupção. “Maliki tem arquivos sobre

92 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- O RESSURGIMENTO SUNITA NO IRAQUE -

seus inimigos, como J. Edgar Hoover”, acrescentou o observador, em referência ao primeiro diretor do Escritório Federal de Investigações (FBI) dos Estados Unidos. O

governo não pode reformar o sistema porque estaria

atingindo o próprio mecanismo por meio do qual gover-

na. As instituições estatais de combate à corrupção foram sistematicamente amputadas, marginalizadas ou intimidadas. Por que a corrupção no Iraque é tão grave? A

resposta simples dada pelos iraquianos é que “as sanções da onu devastaram a sociedade nos anos 1990 e os norte-americanos destruíram o país a partir de 2003”. Sob o governo de Maliki, dominado pelos xiitas, o apadrinhamento baseado em partido, família ou comunidade

determina quem consegue um emprego, o que contribui

ainda mais para a marginalização dos sunitas, iniciada após a queda de Saddam Hussein.

•

É evidente que o isis foi capaz de explorar o sentimento crescente de alienação e perseguição entre os sunitas iraquianos. “Desprezado, demonizado e submetido a uma repressão crescente pelo governo central, o movimento popular está lentamente convertendo-se em luta armada”, relata o *think tank* International Crisis Group.

“Muitos árabes sunitas concluíram que sua única opção

realista é o conflito violento, cada vez mais moldado em termos confessionais.”

Em outras palavras, eles percebem que sua melhor chance de sobreviver e mesmo de

vencer a luta pelo poder no Iraque é lutar, como sunitas, contra a hegemonia xiita.

O governo dominado por xiitas poderia ter se livrado

de sua postura de confronto antes de 2011. No entanto, o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 93

- PATRICK COCKBURN -

quando o tema proeminente da Primavera Árabe na

Síria assumiu a forma de uma revolta da maioria sunita, apoiada pela Arábia Saudita, as monarquias sunitas do

Golfo Pérsico e a Turquia, o balanço de poderes sectários na região começou a mudar.

Antes disso, os sunitas iraquianos viviam ressentidos, porém em grande medida resignados à dominação xiita-curda do Iraque, estabelecida em 2003. Temiam ser

novamente esmagados pelas milícias xiitas e forças de segurança controladas pela seita, que haviam expulsado os sunitas de boa parte de Bagdá, na guerra civil sectária de 2006 e 2007. Um relato da embaixada norte-americana

em 2007 dizia: “Mais da metade de todos os bairros de

Bagdá têm hoje clara maioria xiita. Os sunitas fugiram em grande número para áreas afastadas, cercadas por

bairros xiitas”. Em grande medida, isso continua a ser verdade hoje.

A rápida dinâmica de poder ao longo das linhas sec-

tárias, mais evidente logo após os eventos de junho de 2014, também provocou reações de medo na comunidade xiita do Iraque. “Os xiitas iraquianos veem o que ocorre não como reação justificada dos sunitas contra

o governo que os oprimia, mas como uma tentativa de

restabelecer o velho governo de dominação sunita”, disse um observador na capital. Dos dois lados, as tensões haviam se acumulado ao ponto de tornar inevitável um

confronto sectário sangrento.

A corrida de jovens homens xiitas a milícias foi in-

citada por um apelo do grande ayatolá Ali al-Sistani, o reverenciado clérigo xiita. “A rua está fervendo”, disse um observador. Cerca de mil voluntários deixaram Kerbala

e foram para a cidade fronteiriça de Samarra, local da 94 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- O RESSURGIMENTO SUNITA NO IRAQUE -

mesquita al-Askari, um dos templos xiitas mais sagrados, numa cidade em que a maioria da população é sunita.

A polarização entre os dois grupos religiosos apenas

intensificou-se pela guerra quente e fria entre os Estados Unidos e a Rússia. Aqui, há procuradores de guerra sempre em jogo, com a Arábia Saudita e as monarquias do

Golfo, apoiadas pelos norte-americanos, confrontando-

-se com Irã, Síria e o Hezbol ah no Líbano, amparados

pela Rússia. O presidente iraniano, Hassan Rouhani,

que apoiou o governo xiita iraquiano, prometeu auxílio a Maliki contra o levante sunita, afirmando: “O Irã fará todos os esforços, nos planos internacional e regional, para enfrentar o terrorismo”. Com uma longa fronteira

em comum, o Iraque é o mais importante aliado do Irã,

mas até do que a Síria. Os iranianos apavoraram-se com o súbito colapso militar iraquiano, que criou problemas para o Irã na Síria, onde lutavam com algum sucesso para estabilizar o governo do presidente Assad. Em resposta ao controle do isis sobre o Iraque, em 2014, acreditava-se que um grupo de conselheiros do

Corpo de Guardas

Revolucionários iranianos estivesse organizando uma nova força militar, a partir do exército e das milícias.

•

O Iraque sempre suspeitou que a mão oculta do waha-

bismo, a variante do Islã adotada pela Arábia Saudita, estivesse por trás de boa parte de seus problemas. Em

março de 2014, o primeiro-ministro Maliki culpou cla-

ramente a Arábia Saudita e o Qatar, numa entrevista à tv France 24, pela violência em seu país. Afirmou que “esses dois países são os principais responsáveis pela crise de segurança sectária e terrorista no Iraque”.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 95

- PATRICK COCKBURN -

Acrescentou que as alegações segundo as quais margi-

nalizaria os sunitas eram difundidas por “sectários ligados a agendas externas, com incitação saudita e do Qatar”.

Suas acusações foram iradas e diretas, alegando que Riad e Doha haviam oferecido apoio aos combatentes, inclusive

“comprando armas para essas organizações terroristas”.

Havia bastante verdade em seus ataques. Parte da ajuda que os países do Golfo Pérsico oferecem à oposição armada da Síria sem dúvida chega aos militantes jihadistas no Iraque. A Turquia permite que armas e voluntários jihadistas, muitos deles possíveis homens-bombas, cruzem

sua fronteira de 810 quilômetros com a Síria. É inevitável que parte das armas, combatentes e homens-bombas di-rijam-se ao Iraque. Não chega a ser surpresa, já que o isis opera em ambos os países como se fossem um único.

Nos últimos dois anos, a violência cresceu de maneira

aguda. Cerca de 10 mil civis iraquianos foram mortos em 2013 e quase cinco mil

em apenas cinco meses de 2014, segundo o Contador de Mortes no Iraque. Um funcionário

graduado dos Estados Unidos, falando em agosto de 2013

e citado por Jessica D. Lewis, do Instituto para o Estudo da Guerra, afirmou: “Tivemos uma média de cinco a 10

homens-bombas por mês. Nos últimos 90 dias, o número

desses atentados aproximou-se de 30 por mês, e suspeitamos que a maior parte dos praticantes venha da Síria”.

Um ponto cego para os Estados Unidos e outras po-

tências ocidentais é seu fracasso em enxergar que, ao

apoiar o levante armado na Síria, iriam desestabilizar inevitavelmente o Iraque e abrir uma nova rodada em

sua guerra civil sectária. Em 2010, a Al-Qaeda no Iraque, como era então chamada, estava em sua maré mais baixa.

Havia sido perseguida com vigor pelos norte-america-

nos e estava sob ataque da Sahwa ou “Despertar”, grupos 96 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- O RESSURGIMENTO SUNITA NO IRAQUE -

de combatentes anti-Al-Qaeda, a maior parte dos quais

atraídos a partir das tribos sunitas. Perdera muitos de seus veteranos, mortos ou aprisionados. Os sobreviventes eram impopulares entre os sunitas comuns, por sua sede de sangue e sua tendência a matar até funcionários de

baixo escalão do governo, que podiam ser sunitas. Acima de tudo, havia fracassado em sua tentativa de derrubar o governo xiíta-curdo. Até 2012, muitos sunitas esperavam arrancar ao menos algumas concessões do governo sem

ter de voltar à guerra.

O ressurgimento espetacular dos jihadistas no Iraque

ocorreu por meio de uma campanha bem planejada,

que teve como um de seus elementos importantes ata-

ques sistemáticos às prisões. Conhecida como companhia

“Quebrando os Muros”, ela envolveu oito ataques para libertar prisioneiros, culminando num assalto bem-sucedido às prisões de Abu Graib e Taji, no verão iraquiano de 2013, quando ao menos 500 presos, muitos deles guerreiros experimentados, escaparam. Os atacantes dispararam 100

bombas-morteiros nas cadeias e usaram homens-bombas

para abrir o caminho, enquanto motins e incêndios internos confundiam os guardas.

Em 2013, os ataques do isis a forças de segurança em

todo o Iraque multiplicaram-se. Um assalto por forças

do governo a um acampamento de paz em Hawijah, a

sudoeste de Kirkuk, em 23 de abril, matou 50 pessoas e feriu 110, afastando muitos sunitas, inclusive grupos poderosos. Contraofensivas mal planejadas do governo, que sempre resultavam em detenções e maus-tratos a todos os homens sunitas em idade militar, mostraram-se contraproducentes. Os bombardeios esporádicos de Falujah e

Ramadi pelas forças governamentais em Anbar forçaram

cerca de 500 mil pessoas da província, cuja população é o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 97

- PATRICK COCKBURN -

de 1,6 milhão, a fugir para lugares mais seguros, onde frequentemente foram obrigadas a viver de modo rude, ou

com famílias inteiras apinhadas num único cômodo.

Ao longo de todo o Alto Eufrates, a comida tornou-se

escassa e cara e muitas escolas foram fechadas. O líder religioso sunita mais importantes de Anbar, Abdul Malak

al-Saad, que antes aconselhava moderação, insistiu que as eleições

parlamentares de abril de 2014 eram ilegítimas.

Nos meses que antecederam sua ofensiva geral, em

junho de 2014, havia alguma incerteza sobre o grau de

controle do isis sobre as áreas sunitas. Às vezes, o grupo escolhia propagandear sua força; em outras ocasiões, não. A tomada de Mosul e a facilidade com que ocorreu

foram claramente uma grande vitória simbólica para os

jihadistas, mostrando tanto sua própria eficácia quanto a fragilidade das gigantescas forças de segurança do Iraque.

No entanto, os detalhes sobre o que ocorreu preci-

samente na cidade permanecem enevoados, devido à

falta de reportagem confiável – algo que não surpreende, dada a campanha de assassinatos contra a mídia local.

Cinco jornalistas foram mortos em seis meses, após ou-

tubro de 2013, e 40 outros fugiram para o Curdistão e

a Turquia. Os mukhtars, líderes comunitários que são

frequentemente os representantes governamentais mais

importantes, também foram atacados, forçados a fugir

ou a cooperar com o isis. Minorias como os yazidis e os cristãos também se converteram em alvos.

Mosul tem importância particular para o isis por

ser berço de muitas famílias que integraram o exérci-

to sob Saddam Hussein, que tradicionalmente escolhia

o ministro da Defesa na cidade. Ainda que os comba-

tes do isis sejam muito brutais, para muitos em

Musul eles eram preferíveis às forças governamentais

98 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- O RESSURGIMENTO SUNITA NO IRAQUE -

de Maliki, dominadas por xiitas. O isis tomou o cuida-

do de não afastar a população local. Seu porta-voz, Abu Mohammed al-Adnani, advertiu os combatentes a se

comportarem moderadamente diante da população su-

nita, inclusive daqueles que haviam antes lutado ao lado do governo. “Aceitem o arrependimento e a retratação

dos que são sinceros e não incomodem quem não os in-

comoda. Perdoem o povo sunita e sejam gentis com os

grupos”, disse ele. Ainda é preciso saber se essa atitude funcionará. Mosul é uma cidade tradicional e conservadora, mas não intensamente religiosa. É difícil imaginar o isis governando-a sem criar fricções.

A emergência do controle do isis sobre o Iraque sunita deu-se rapidamente, e há até o momento poucos sinais

de um contra-ataque efetivo do governo. Os massacres

contra os civis xiitas continuam. Em março de 2014, um homem-bomba, numa minivan repleta de explosivos,

matou 45 e feriu 157 pessoas num posto de controle na

entrada da cidade xiita de Hil a, a sudoeste de Bagdá. A segurança governamental foi incapaz de encontrar e eliminar os esconderijos nos quais essas bombas instaladas em veículos são montadas.

Pode haver outra razão menos óbvia para o ressurgi-

mento espetacular do isis. Segundo uma fonte iraquiana qualificada, o processo foi auxiliado de modo significativo, em 2011 e 2012, pela inteligência militar turca, que encorajou oficiais iraquianos experimentados, possivelmente participantes de ações de guerrilha contra a ocupação norte-americana, a

trabalhar com o movimento. Pode ser mais uma teoria conspiratória do Oriente Médio, mas um aspecto dos movimentos de tipo jiha-

dista é a facilidade com que podem ser manipulados por serviços de inteligência estrangeiros.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 99

- PATRICK COCKBURN -

Ao falar no Iraque, no início de 2013, Mahmoud

Othman, um parlamentar veterano, afirmou que “cerca de metade do país não é realmente controlada pelo governo”.

Indagado sobre o porquê das forças de segurança de um

milhão de homens serem tão ineficazes, outro político, que preferiu o anonimato, disse: “É a colheita da corrup-

ção total. As pessoas pagam para entrar no exército [para receber um salário], mas agem como investidores, não

como soldados”. São palavras duras, mas evidências de sua verdade são oferecidas pelo fato de o ISIS controlar agora uma grande parte do país e de o exército iraquiano parecer impotente para fazer algo a respeito.

•

100 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

os jihadistas sequestram a rebelião Síria

vi.

OS JIHADISTAS SEQUESTRAM

A REBELIÃO SÍRIA

- PATRICK COCKBURN -

Logo depois dos ataques com gás sarin a distritos rebeldes de Damasco, em agosto de 2013, eu apareci num programa da tv norte-americana com Razan Zaitouneh, uma advogada atuante em direitos humanos e fundadora do Centro de

Documentação de Violações, que falava, via Skype, do bastião opositorista de Douma, no leste de Damasco.

Ela fez um relato apaixonado, constrangedor e total-

mente verossímil do que ocorrera: “Nunca vi tanta morte em minha vida”, disse, descrevendo cenas de pessoas

arrombando as portas de casas apenas para constatar

que todos, do lado de dentro, haviam sido mortos. Os

médicos, nos poucos centros de saúde, lastimavam ao

tentar, em vão, tratar as vítimas de gás com os escassos medicamentos de que dispunham. Os corpos, 15 a 20

por vez, eram empilhados em valas comuns. Ela recusou, com desdém, qualquer possibilidade de que os rebeldes

pudessem estar por trás do uso do sarin, perguntando:

“Você acha que somos loucos a ponto de matar nossos próprios filhos?”

Zaitouneh defendia prisioneiros políticos havia dez

anos e era uma jurista muito crível. Porém, em 8 de

dezembro de 2013, atiradores invadiram seu escritório

em Douma e a sequestraram, com seu marido, Wael

Hamada, e dois ativistas pelos direitos civis: Samira al-

Khalili, advogada, e Nazem al-Hamadi, poeta. Não se

soube nada, de nenhum dos quatro, desde então.

102 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- os JiHadiSas seqUesTraM a reBeLiÃo síria -

Embora negue qualquer envolvimento, o grupo sus-

peito de estar por trás do sequestro é o Exército do Islã, uma organização forte nos distritos de Damasco controlados pela oposição. Foi criado pela Arábia Saudita como um contrapeso ao Frente al-Nusra. O marido de Samira

al-Khalili, Yassin al-Hajj Saleh, disse à publicação online

Al-Monitor: “Razan e Samira eram parte de um movimento nacional secular, o que as levou a colidir com as facções islamitas que se inclinam para o despotismo”.

O sequestro e desaparecimento de Zaitouneh e de

muitas pessoas podem ter muitos paralelos em outras

partes da Síria, onde os islamitas mataram defensores

dos direitos civis ou os forçaram a fugir. Normalmente, isso ocorreu quando os ativistas fizeram críticas a seus assassinatos, torturas, aprisionamentos ou outros crimes.

As revoluções são notórias por devorar seus participantes pioneiros e mais humanos, mas poucas delas fizeram isso com a rapidez e ferocidade verificadas na Síria.

Por que o levante sírio – cujos primeiros defensores

exigiam a substituição da tirania por um Estado demo-

crático secular, não sectário e submetido ao império da lei – fracassou completamente na busca desses objetivos?

A Síria descambou para uma guerra civil sectária e de

pesadelo, em que o governo bombardeia suas próprias

cidades como se fosse território inimigo e a oposição armada é dominada por combatentes salafitas-jihadistas, que massacram alawitas e cristãos apenas por motivo de crença. Agora, os sírios têm de escolher entre uma ditadura violenta, na qual o poder é monopolizado pela

presidência e serviços de segurança brutais, e uma oposi-

ção que atira no rosto de crianças acusadas de pequenos atos de blasfêmia e que envia fotos de soldados decapitados aos seus parentes.

- PATRICK COCKBURN -

A Síria de hoje é como o Líbano durante a guerra civil de 15 anos, entre 1975 e 1990. Estive recentemente em Homs, antes uma cidade conhecida por sua diversidade vibrante, hoje cheia de “bairros fantasmas”, onde todos os prédios estão abandonados, atingidos por bombas ou fogo de artilharia. As paredes que permanecem em pé encontram-se

tão perfuradas por balas de metralhadora, que é como se carunchos gigantes tivessem devorado o concreto.

É uma terra de postos de controle, bloqueios e cercos, durante os quais o governo lacra e bombardeia enclaves controlados pelos rebeldes. A estratégia tem funcionado, mas a passo de lesma, o que deixa muito da Síria em ruínas.

Aleppo, que já foi a maior cidade do país, está em boa parte despovoada. As forças do governo avançam, mas

estão sobrecarregadas e não podem reconquistar o norte e leste do país, a não ser que a Turquia feche sua longa fronteira. Os sucessos do governo apenas fortalecem os jihadistas diante de outras forças mais moderadas, porque eles têm guerreiros endurecidos, que nunca se renderão. O

exército sírio avança por trás de uma barragem de bombas em Aleppo, mas suas tropas estão combatendo principalmente a Frente al-Nusra, filiada oficial da Al-Qaeda, e os salafitas do Ahrar al-Sham, apoiados pelo Qatar e Turquia.

O exército tenta repetir o feito em partes de Damasco e Homs, onde isolou e sitiou enclaves rebeldes, até chegar a acordos que tornaram próxima a rendição. Em contraste, o enclave rebelde no leste da cidade de Aleppo é mais substantivo e está mais perto tanto do centro das posições rebeldes, quanto da fronteira turca. Sua queda significaria o começo do fim da revolta, algo que seus apoiadores internacionais não querem permitir.

O estado degenerado da revolução síria deriva das profundas divisões políticas, religiosas e econômicas

anteriores a 2011, mas também da forma como foram exploradas pela intervenção estrangeira. Os primei-

ros protestos ocorreram em sequência aos levantes da

“Primavera Árabe” na Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen e

Bahrein. Espalharam-se rapidamente devido à reação

destemperada das forças de segurança do Estado, que atiraram em manifestantes pacíficos, provocando a revolta de comunidades inteiras e desencadeando a resistência

armada. O governo insiste que os protestos não foram

tão pacíficos como pareciam e que, desde o início, suas forças viram-se sob ataque armado. Há alguma verdade

nessa afirmação, mas se o objetivo da oposição era atrair Assad para uma resposta punitiva contraproducente, ela obteve muito mais sucesso do que poderia sequer sonhar.

A sociedade síria sempre foi menos coerente do que

sugeria para observadores estrangeiros. Suas divisões

não se dão apenas em torno de linhas de religião. Em

julho de 2011, o International Crisis Group, um *think tank* com base em Bruxelas, destacou, num relatório: “As autoridades sírias alegam que estão combatendo uma

conspiração islâmica, patrocinada a partir do exterior, mas, para a grande maioria, estão guerreando contra sua base social original. Quando chegou ao poder, o regime de Assad deu corpo ao setor rural marginalizado, seus

camponeses e a uma subclasse de explorados. A elite governante atual esqueceu suas raízes”.

Nos quatro anos de seca anteriores a 2011, a onu no-

to que até três milhões de agricultores sírios haviam sido empurrados à “pobreza extrema” e deixaram o campo para ocupar favelas nas periferias das cidades.

Os

salários da classe média não podiam competir com a in-

flação. Importações baratas, frequentemente da Turquia, inviabilizavam pequenas indústrias e contribuíam para

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 105

- PATRICK COCKBURN -

empobrecer os trabalhadores urbanos. O contato do

Estado com áreas inteiras da vida social havia se reduzido à presença de serviços de segurança corruptos e predatórios.

O International Crisis Group concordou que havia

“uma tendência ao levante islâmico”, mas não era essa a principal motivação dos protestos pacíficos que se convertiam em conflito militar.

Compare essa análise, do verão sírio de 2011, com o

que ocorreu três anos depois. Em 2014, a guerra havia

chegado a um impasse e a oposição armada era domina-

da pelo ISIS. Ideologicamente, não havia muita diferença entre esse grupo e outras facções jihadistas, como o

Ahrar al-Sham ou o Exército do Islã, cujo objetivo também é um Estado teocrático sunita, sob a lei da sharia.

Execrados no Ocidente por sua ferocidade sectária, esses combatentes foram muitas vezes bem recebidos pelas populações locais, por restaurarem a lei e a ordem, após os saques e o banditismo do Exército Livre Sírio – a fraca coalizão, sustentada pelo Ocidente, que chegou a reunir 1.200 bandos rebeldes. No Afeganistão, nos anos 1990,

as regras de ferro do Talibã foram inicialmente saudadas por muitos, pela mesma razão.

O grau de subordinação da oposição armada a seus

apoiadores, no final de 2013, é bem ilustrado pelas confissões de Saddam al-

Jamal, um líder da Brigada Ahfad

al-Rasoul e ex-comandante do fsa no leste da Síria. Uma entrevista fascinante com ele, realizada pelo isis e traduzida pelo blog *Brown Moses*, foi gravada depois de sua defecção para o grupo. A despeito de suas denúncias

enviadas sobre as ações anti-islâmicas por parte de

seus antigos aliados do fsa, a narrativa parece ser con-fiável. Ele fala como se fosse voz corrente que seu próprio grupo, o al-Ahfad, tivesse sido fundado por uma das

106 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- os JiHadisTas seqUesTraM a reBeLiÃO síria -

monarquias do Golfo Pérsico: “No início da Revolução

Síria, a coisa foi tocada pelo Qatar. Depois de um tempo, mudou para a Arábia Saudita”.

Jamal diz que as reuniões do conselho militar do FSA

tinham a presença inevitável de representantes dos servi-

ços de inteligência da Arábia Saudita, Emirados Árabes, Jordânia e Qatar, assim como de oficiais da inteligência dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França. Num desses

encontros, aparentemente em Ancara, capital da Turquia, Jamal relata: o vice-ministro da Defesa saudita, príncipe Salman bin Sultan, meio-irmão do chefe de inteligência, Bandar bin Sultan, dirigiu-se a todos e solicitou aos líderes da oposição armada que tinham planos de atacar as

posições de Assad que apresentassem suas necessidades

de armas, munições e dinheiro. A impressão que emerge

é de um movimento totalmente controlado pelas agên-

cias de inteligência árabes e ocidentais. O fato de tanto Bandar quanto Salman terem perdido seus postos pode

ser um sinal do reconhecimento, pela Arábia Saudita, do fracasso dramático dos

planos para derrubar Assad.

A guerra civil entre grupos jihadistas iniciada com um ataque coordenado às posições do isis, em janeiro de 2014, está afetando a sustentação de todos eles.

Combatentes estrangeiros que foram à Síria lutar contra Assad e os xiitas descobrem-se orientados a matar guerreiros sunitas com visões ideológicas idênticas às suas.

O isis enviou o homem-bomba, que matou Abdul ah Muhammad al-Muhay sani, representante oficial da Al-Qaeda na Síria, e um líder do Ahrar al-Sham. É uma evidência de como a Al-Qaeda central tem laços em di-

ferentes níveis, com organizações jihadistas às quais não está oficialmente associada. Tentativas da Arábia Saudita, Estados Unidos e Jordânia para criar um “frente sul” de o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadiS Ta | 107

- PATRICK COCKBURN -

insurgentes, que fossem ao mesmo tempo anti-Assad e anti-Al-Qaeda, fracassaram até agora, em parte devido aos temores da Jordânia quanto a se tornar um participante visível no conflito.

Os jihadistas que regressam estão descobrindo que o caminho de volta nem sempre é fácil, já que os governos de seus países de origem – por exemplo, os da Arábia Saudita ou Tunísia, que podem ter saudado sua partida, vista como meio de exportar fanáticos perigosos – estão agora chocados com o risco do retorno de salafitas aguerridos. Um ativista da cidade de Raqqa, norte da Síria, interessado em apressar a partida de voluntários tunisianos, mostrou-lhes um vídeo de mulheres em biquínis nas praias de seu país, sugerindo que sua presença puritana era necessária agora em casa, para evitar tais práticas permissivas.

Um sinal do escorregão da Síria rumo à violência

apocalíptica é o fato de que a representante oficial da Al-Qaeda, a Frente al-Nusra, ser agora considerada mais moderada do que o isis. Este último recuou no início de 2014, mas isso pode ter sido um movimento tático, para preparar a ofensiva no norte do Iraque. Ele ocupa um

vasto território no leste da Síria e oeste do Iraque, onde pode reagrupar-se e planejar contra-ataques. Em qualquer caso, a Frente al-Nusra sempre buscou mediações

com o isis e em geral não tenta enfrentá-lo. A guerra

civil jihadista tornou mais fácil a situação militar para o governo, já que seus inimigos estão se matando reci-procamente, mas Damasco ainda não tem recursos para

vencer a guerra. Em breve, enfrentará um isis fortalecido por suas vitórias no Iraque e ansioso para mostrar que pode alcançar o mesmo na Síria.

•

108 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- os JiHadisTas seqUesTraM a reBeLiÃO síria -

Muitos erros de avaliação sobre a Síria foram cometidos desde 2011, tanto no exterior quanto pela oposição. Talvez o mais sério tenha sido a crença de que o presidente Assad iria ser derrotado como Muammar Gaddafi na Líbia. Os

rebeldes e seus apoiadores externos esqueceram-se de que Gaddafi foi derrubado principalmente pela campanha

aérea da otan. Sem esta, os rebeldes não teriam durado mais do que algumas semanas. Entretanto, a crença de que Assad era fraco só começou a ser vista com ceticismo em 2013. Em 2012, os governos e jornalistas estrangeiros especulavam sobre o lugar que ele escolheria para seu exílio, ainda que ele controlasse todas as 14 capitais provinciais da Síria. O isis controla agora uma delas, Raqqa, no Eufrates, mas os principais centros populacionais ainda são mantidos pelo governo. Um problema para a oposição não

jihadista é que toda sua estratégia (se é que tinha alguma) baseava-se em criar outra situação do tipo Líbia. Quando fracassou, não tinha um plano b.

Embora Assad – assim como a oposição, em 2011 e

2012 – possa superestimar a força das cartas que possui, os terrenos político e militar parecem hoje muito mais favoráveis, de seu ponto de vista. O exército, as milícias favoráveis ao regime e aliados como o Hezbol ah estão

ampliando seu controle sobre Damasco e as Montanhas

Qalamoun, ao longo da fronteira com o Líbano, a pro-

víncia de Homs e sua capital. Essas conquistas, porém, são alcançadas muito lentamente, o que revela a carência, por parte do governo, de tropas de combate efetivas, com a consequente necessidade de evitar perdas. Os recrutas barrigudos no comando dos postos de controle

não parecem dispostos a lutar contra ninguém.

Ao invés de retomar as áreas sob domínio dos rebel-

des, o governo simplesmente as bombardeia, para que

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 109

- PATRICK COCKBURN -

a população civil seja forçada a fugir e fiquem apenas as famílias dos combatentes ou os pobres demais para

encontrar outro lugar para viver. Em seguida, corta-se o fornecimento de energia e água e se monta o cerco.

Em Adra, na periferia norte de Damasco, testemunhei,

no início de 2014, as forças da Frente al-Nusra invadirem um complexo residencial, avançando por meio de

um tubo de drenagem que terminava atrás das linhas do

governo. Lá, elas mataram alawitas e cristãos. O governo não contra-atacou: simplesmente continuou o cerco.

Há, nessas áreas, muitos cessar-fogos locais, que não es-tão longe de ser rendições. Num distrito chamado Barzeh, os combatentes do fsa mantiveram suas armas e um

comandante rebelde local disse-me: “Esperamos que li-

bertem 350 prisioneiros de Barzeh, mas tudo o que temos até agora são três corpos mortos”. Ele me perguntou, quase em desespero, se eu conhecia alguém na inteligência militar síria que pudesse saber o que ocorrera aos prisioneiros.

A paisagem política da Síria é muito mais complexa do

que pode parecer do exterior. Por exemplo, em fevereiro de 2014, numa cidade chamada Nabq, situada na estrada

de Damasco e que acabava de ser retomada, as forças do governo organizaram uma celebração de vitória protegida por sua milícia, a Força Nacional de Defesa. No entanto, os habitantes locais contaram-me que os rebeldes, que haviam prometido, uma semana antes, lutar até a última bala contra as forças de Assad, eram agora todos membros da milícia.

O padrão repete-se em todo o caminho até Homs e,

a leste, ao longo da fronteira síria, onde os rebeldes perderam vilas ou fortes pontos, como Krak des Chevaliers.

Apropriada cidade de Homs esteve sob controle governamental por algum tempo, com exceção de uma grande área chamada al-Waer, no Noroeste, onde centenas de

110 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- os Jihadistas seqüestraram a rebelião síria -

milhares de sunitas refugiaram-se. As similaridades entre a situação na província de Homs e o Líbano, du-

rante a guerra civil, são notáveis. Ao redor de Krak des Chevaliers, por exemplo, encontram-se vilas cristãs

próximas a comunidades sunitas turcomanas e, mais

próximas à fronteira com o Líbano, há casas com estátuas da Virgem Maria do lado de fora da porta, indicando que seus ocupantes são maronitas.

Quanto mais se viaja em direção ao norte, menos se veem progressos das forças governamentais. Claro: aqui, os rebeldes têm a enorme vantagem da

proximidade da fronteira

com a Turquia, no essencial aberta para uma miríade de operações de contrabando, tanto comerciais quanto militares. É significativo que muitas das batalhas intrarrebeldes tenham sido travadas em torno do controle das passagens de fronteira, que podem ser usadas para movimentar homens e armas e para garantir uma fonte de rendas.

Vastas áreas do país estão devastadas. Todo o norte de Damasco, por exemplo, parece uma foto de Stalingrado,

com edificações irreparavelmente atingidas ou derubadas. Os refugiados não retornam: não há porque

regressar. O governo também não oferece muito como

meio de reconciliação. Politicamente, seu argumento

principal é que, “ao menos, somos melhores do que o outro lado, que arranca a cabeça dos que pertencem a outra religião ou seita”. Isso obviamente atemoriza os alawitas, cristãos, curdos e outros, mas também atemoriza os sunitas que trabalham para o Estado. A grande fraqueza da oposição é o grau com que permitiu que o conflito se de-generasse em algo sectário vicioso. Um fator importante na guerra síria, que a torna diferente de confrontos anteriores, é que a ameaça de morte ou tortura pelo outro lado é a mais aterradora possibilidade, pois a população o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 111

- PATRICK COCKBURN -

vê inúmeros exemplos dessas atrocidades na internet.

Quem se relaciona com seus oponentes, principalmente

por meio de filmes de violência e morte, não está, provavelmente, preparado para um compromisso.

•

O que poderia ser feito para acabar com tudo isso? A

teoria segundo a qual armar a oposição levará Assad a

discutir a paz e sua própria partida pressupõe uma completa transformação no

cenário do campo de batalha.

Não é certo que isso aconteça algum dia, mas de qualquer forma exigiria anos de combates. A hipótese também

presume que a Rússia, o Irã e o Hezbolah desejam ver

seu aliado sírio derrotado. Dado que a insurgência é

agora dominada pelo isis, Frente al-Nusra e outros

grupos do tipo Al-Qaeda, é improvável que até mesmo

Washington, Londres e Riad queiram a queda de Assad.

Contudo, permitir que ele vença seria visto como uma

derrota pelo Ocidente e seus aliados na Turquia e mundo árabe. “Eles foram com muita sede ao pote quando disseram que Assad precisava cair para que sua política fosse revertida”, disse um ex-ministro saudita. Ao apresentar a retirada de Assad como uma pré-condição para a paz,

sem saber se isso poderia ocorrer, seus inimigos estavam, na prática, assegurando a continuidade da guerra. Pode ser que Assad não deseje um compromisso de paz, mas

ninguém está lhe oferecendo um.

•

Se a guerra não pode terminar, haveria como mitigar seu impacto sobre o povo sírio? Dado o corrente nível de

112 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- os JiHadistas seqUesTraM a reBeLiÃO síria -

violência, as negociações são sufocadas pelo que se chamava há um tempo, na Irlanda do norte, como “política

da última atrocidade”. O ódio e o medo são muito pro-

fundos para que alguém se arrisque a ser visto fazendo concessões. E, de qualquer forma, deve-se questionar se a Frente al-Nusra ou o isis estão interessados em negociar com alguém. Certamente, até pouco tempo atrás, a

resposta parecia ser firmemente negativa, mas, em maio de 2014, os últimos 1.200 combatentes e suas armas foram

retirados da Velha Cidade de Homs, enquanto os rebel-

des permitiram a entrada de comida em dois municípios

xiitas que sitiavam, Nubl e Zahra. Em outras localidades, prisioneiros pró-Assad foram libertados. Tais acordos e tréguas locais estão se tornando crescentemente possí-

veis, devido ao cansaço com a guerra. Provavelmente,

não serão mais do que temporários. No entanto, como

analisava um observador em Beirute, “houve mais de 600

cessar-fogos na guerra civil do Líbano. Eram sempre frá-

geis e as pessoas zombavam deles. Porém, salvaram um

grande número de vidas”.

A crise síria compreende cinco diferentes conflitos que se infectam e exacerbam uns aos outros. A guerra co-meçou como uma revolta popular genuína contra uma

ditadura brutal e corrupta, mas logo foi atravessada pela luta dos sunitas contra os alawitas, o que retroalimentou o conflito xiita-sunita em toda a região, com uma queda de braço entre os Estados Unidos, Arábia Saudita e Estados sunitas, de um lado, e o Irã, Iraque e os xiitas libaneses, de outro. Além disso, há uma guerra fria revivida entre o Ocidente e Moscou, exacerbada pelo conflito na Líbia e, mais recentemente, agravada pela crise na Ucrânia.

O conflito converteu-se em algo como a versão para o

Ocidente da Guerra dos Trinta Anos na Europa, há

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do JiHadisTa | 113

quatro séculos. Muitos atores estão lutando, cada um por distintas razões, para que todos fiquem satisfeitos pelos termos de uma paz e abandonem as armas ao mesmo

tempo. Alguns ainda pensam que podem vencer e ou-

tros simplesmente querem evitar uma derrota. Na Síria, assim como na Alemanha, entre 1618 e 1648, todos os

lados exageram sua própria força e imaginam que êxi-

tos temporários no campo de batalha abrirão caminho

para a vitória total. Muitos sírios veem agora o desfecho de sua guerra civil em boa parte nas mãos dos Estados

Unidos, Rússia, Arábia Saudita e Irã. Nisso, eles estão provavelmente certos.

•

a arábia saudita tenta voltar atrásx

vII.

A ARÁBIA SAUDITA

TENTA vOLTAR ATRÁS

- PATRICK COCKBURN -

Um filme aterrorizante de cinco minutos, feito pelo isis, mostra seus combatentes parando três grandes caminhões, no que parece ser a rodovia principal que liga a Síria e o Iraque. Um atirador corpulento e barbudo examina as carteiras de identidade dos motoristas, que estão de pé e nervosos, diante dele.

“Vocês são todos xiitas”, ele diz ameaçadoramente.

“Não, somos sunitas de Homs”, diz um dos motoristas,

num tom de voz baixo e sem esperanças. “Talvez Alá lhes dê a vitória”.

“Nós só queremos viver”, pede outro motorista. “Estamos aqui porque queremos ganhar nossa vida”. Então, o homem do isis testa-os, para verificar se são de fato sunitas.

“Quantas vezes vocês ajoelham para a reza do amanhe-

cer?” Suas respostas variam entre três e cinco.

“O que os alawitas estão fazendo com a honra da

Síria?”, pergunta retoricamente o atirador, que a esta altura já está acompanhado por outros combatentes. “Eles estão violando mulheres e matando muçulmanos. A fala

de vocês mostra que são politeístas”. Os três motoristas são levados para o acostamento e assassinados a tiros.

•

A oposição armada na Síria e Iraque agora é domi-

nada pelos jihadistas salafitas, combatentes islâmicos 116 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a aráBia saUdiTa TeNTa voLTar aTrás -

fundamentalistas comprometidos com a guerra santa.

Os que mataram motoristas não sunitas na estrada entre Bagdá e Damasco são um exemplo típico. Os governos

ocidentais podem não se preocupar muito com o número

de xiitas mortos, mas percebem que movimentos sunitas, com crenças similares às da Al-Qaeda de Osama bin Laden, constituíram, no Iraque e Síria, uma base muito maior do que aquela de que dispunham no Afeganistão à época do 11

de Setembro, quando se subordinavam ao Talibã.

A pretensão segundo a qual o chamado Exército Sírio

Livre, apoiado pelo Ocidente e supostamente secular,

liderava a guerra para derrubar o presidente Bashar al-

-Assad finalmente desvaneceu em dezembro de 2013,

quando os jihadistas invadiram os depósitos de su-

primentos do grupo e mataram seus comandantes. A

Arábia Saudita estava crucialmente envolvida, por sua

ascendência sobre os fundamentalistas, no movimento de oposição a Assad. Ela superou o Qatar como maior fonte de financiamento dos rebeldes sírios, no verão de 2013. No entanto, o envolvimento saudita já era muito mais profundo e de longo prazo: mais combatentes chegaram à Síria vindos da Arábia Saudita do que a partir de qualquer outro país. Os pregadores sauditas reivindicaram veementemente intervenção armada contra Assad, seja por meio de indivíduos voluntários ou de Estados. As crenças do wahabismo, a versão puritana e literal do Islã, reconhecida exclusivamente pelo sistema educacional e jurídico saudita, não são muito distintas das da Al-Qaeda ou de outros grupos jihadistas salafistas que atuam no Oriente Médio. O wahabismo rejeita completamente outros tipos de oração islâmica, assim como crenças não muçulmanas. Ele enxerga o xiitismo como heresia, adotando o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 117

- PATRICK COCKBURN -

atitude muito semelhante à dos católicos, que detestavam e queriam eliminar a Reforma protestante na Europa.

Não há dúvida de que a propaganda wahabista, frequentemente financiada, contribuiu para o aprofundamento e a violência crescente da luta entre sunitas e xiitas. Um estudo de 2013, publicado pelo diretório geral para políticas externas do Parlamento Europeu e intitulado “O envolvimento do salafismo/wahabismo no apoio e suprimento de armas para grupos rebeldes em todo o mundo”,

começa afirmando: “A Arábia Saudita tem sido uma

grande fonte de financiamento de organizações terroristas e rebeldes desde os anos 1980”. Acrescenta que o país ofereceu 10 bilhões de dólares para promover a agenda

wahabista e prevê que “o número de lutadores jihadistas doutrinados” irá crescer.

As origens da postura anti xiita da Arábia Saudita po-

dem ser rastreadas até a aliança entre os wahabistas e a Casa de Saud, que remonta ao século xviii. Porém, a data-

-chave para que os movimentos jihadistas se convertessem em atores políticos é 1979, com a invasão soviética do Afeganistão e a Revolução Iraniana, durante a qual o ayatolá Khomeini transformou o país numa teocracia xiita.

Nos anos 1980, desenhou-se uma aliança extremamen-

te duradoura entre Arábia Saudita, Paquistão (ou, mais propriamente, o exército paquistanês) e Estados Unidos.

Foi um dos principais apoios do domínio norte-ame-

ricano na região, mas também ofereceu um criadouro

para os movimentos jihadistas, dos quais a Al-Qaeda de Osama bin Laden foi, originalmente, uma cepa.

O choque de 11 de setembro de 2001 ofereceu aos

Estados Unidos um “momento Pearl Harbor”. A repul-

sa e o medo da população puderam ser manipulados

para implementar uma tendência neoconservadora já

118 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a aráBia saUdiTa TeNTa voLTar aTrás -

existente, tomando Saddam Hussein como alvo e inva-

dindo o Iraque. Uma razão para praticar torturas do tipo afogamento contra suspeitos que pertenciam à Al-Qaeda

era obter confissões que implicassem o Iraque – ao invés da Arábia Saudita – nos ataques.

A comissão que investigou o 11 de Setembro identificou a Arábia Saudita como fonte principal do financiamento à Al-Qaeda, mas nenhuma ação foi tomada a respeito. Seis anos após o ataque, no calor da guerra contra o Iraque em 2007, Stuart Levey, o subsecretário do Tesouro dos

Estados Unidos, responsável por monitorar e bloquear o financiamento ao terror, afirmou à abc News que, em relação à Al-Qaeda, “se eu pudesse de alguma maneira

estalar os dedos e cortar o financiamento a partir de um país, seria a Arábia Saudita”. Levey acrescentou que nenhuma das pessoas identificadas pelos Estados Unidos

ou pela onu como financiadores do terrorismo havia sido processada pelos sauditas.

Apesar dessa frustração de alto nível com as autoridades

do país, por não cooperarem, nada muito importante havia ocorrido até poucos anos atrás. Como mencionado

antes, num despacho revelado pelo Wikileaks em de-

zembro de 2009, a secretária de Estado Hillary Clinton escreveu: “A Arábia Saudita continua a ser uma base de apoio financeiro crucial para a Al-Qaeda, o Talibã, o LeT

[Lashkar-e-Taiba no Paquistão] e outros grupos terroristas”. Ela queixou-se de que, até então, embora a Arábia Saudita agisse contra a Al-Qaeda, só o fazia quando enxergava a organização como uma ameaça interna, nunca

contra as atividades da rede terrorista no exterior.

Um aspecto suplementar, que surgiu com força num despacho diplomático norte-americano vazado, foi a prioridade que os sauditas dedicam ao confronto com

- PATRICK COCKBURN -

os xiitas. Aqui, a paranoia vai fundo. Veja o Paquistão, o aliado muçulmano mais importante da Arábia Saudita,

sobre quem um diplomata da Casa de Saud afirmou: “Não

somos observadores no Paquistão, somos participan-

tes”. Antes do 11 de Setembro, apenas a Arábia Saudita, o Paquistão e os Emirados Árabes tinham reconhecido

oficialmente o Talibã como governo do Afeganistão. Há

algo histérico e exagerado sobre o temor saudita diante do expansionismo dos xiitas: estes são poderosos apenas num punhado de países, onde constituem a maioria ou

uma forte minoria da população. Entre 57 nações mu-

çulmanas, apenas quatro têm maioria xiita.

Ainda assim, os sauditas tinham fortes suspeitas sobre o presidente paquistanês Asif Ali Zardari e deixaram claro que teriam preferido uma ditadura militar no Paquistão.

A razão para seu desgosto era sectária, segundo o ministro do Exterior dos Emirados Árabes, xeique Abdul ah bin Zayed, que disse aos norte-americanos: “A Arábia Saudita suspeita que Zardari seja xiita, o que cria preocupações sobre um triângulo xiita na região, envolvendo o Irã, o governo Maliki no Iraque e o Paquistão sob Zardari”.

As hostilidades sectárias que veem os xiitas como

heréticos são combinadas com medo e aversão em re-

lação ao Irã. O rei Abdul ah da Arábia Saudita exortou continuamente os Estados Unidos a atacarem Teerã e

“cortarem a cabeça da cobra”. Confrontar a influência da maioria xiita no Iraque era outra prioridade. Aqui estava mais uma razão pela qual tantos sauditas simpatizavam

com as ações dos jihadistas contra o governo do Iraque.

A chegada ao Iraque de um governo xiita – o pri-

meiro no mundo árabe desde que Saladino derrubou a

Dinastia Fatímida no Egito, em 1171 – causou sério alar-me em Riad e outras capitais sunitas, cujos governantes 120 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a aráBia saUdíTa TeNTa voLTar aTrás -

desejaram reverter essa derrota histórica. O governo iraquiano percebeu com preocupação, em 2009, que quando

um imã6 saudita lançava uma fatwa exortando a morte

de xiitas, os governos sunitas da região mantinham um

“silêncio suspeito”, ao invés de condenar a sentença.

•

As revoltas árabes de 2011 exacerbaram o sectarismo, inclusive na Arábia Saudita, que sempre viu com apreensão a minoria xiita em sua Província Oriental. Em março de 2011, 1.500 soldados sauditas reforçaram as tropas da família real Al-Khalifa, no Bahrein, que esmagaram protestos pró-democracia promovidos pela maioria xiita na ilha. A natureza abertamente sectária do conflito tornou-se clara quando templos xiitas foram arrasados por traidores.

Os sauditas subestimaram o poder do governo Assad

na Síria e o apoio que ele passou a receber da Rússia, do Irã e do Hezbollah, no Líbano. No entanto, o envolvimento saudita, assim como o do Qatar e da Turquia, diluiu-se como ideologia dos protestos na luta por uma mudan-

ça secular e democrática. Ele converteu-se numa aposta sunita pelo poder, na qual as brigadas jihadistas tornaram-se a ponta de lança da revolta.

Previsivelmente, os alawitas e outras minorias sentiram que não lhes restava outra escolha exceto lutar até a morte.

No período seguinte, houve sinais reais de ira em

Washington diante das ações da Arábia Saudita e das monarquias do Golfo Pérsico, que financiavam e abasteciam os senhores da guerra na Síria. Os

Estados Unidos estavam cada vez mais temerosos de que tal atitude criasse 6. N. do E.: Quem coordena as orações em público é o imã, enquanto os teólogos cultos são conhecidos como ulemás.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 121

- PATRICK COCKBURN -

uma situação similar à do Afeganistão nos anos 1980, quando o apoio aos insurgentes terminou produzindo a

Al-Qaeda, o Talibã e os jihadistas. O chefe da inteligência norte-americana, James Clapper, estimou que o número de combatentes estrangeiros na Síria, vindos principalmente do mundo árabe, chegava a sete mil.

O secretário de Estado John Kerry criticou, em caráter privado, o príncipe Bandar bin Sultan, chefe da inteligência saudita a partir de 2012 e ex-embaixador de seu país em Washington, que articulava a campanha para derrubar o governo Assad. O príncipe Bandar reagiu, denunciando o presidente Obama por não intervir militarmente na Síria quando armas químicas foram usadas contra civis.

Porém, estava claro que os próprios sauditas passaram

a se preocupar com a possibilidade de os jihadistas – que eles haviam anteriormente autorizado a deixar o país

para somar-se à guerra na Síria – retornarem com suas

armas e ameaçarem os dirigentes do reino. Em fevereiro e março de 2014, numa reviravolta abrupta em relação à política anterior, a Arábia Saudita tentou interromper o fluxo de jihadistas que partiam em direção à Síria e ape-lou a todos os outros combatentes para que deixassem

o país. O rei Abdul ah baixou decreto considerando um

crime, para os sauditas, participar de conflitos no exterior. O chefe da inteligência, príncipe Bandar bin Sultan, que estivera encarregado de organizar, financiar e abastecer grupos jihadistas, foi deslocado inesperadamente da supervisão da política em relação à Síria e substituí-

do pelo ministro do interior, Mohammed bin Nayef, que

tinha melhor relacionamento com os Estados Unidos e

era conhecido por sua campanha contra a Al-Qaeda na Península Arábica.

122 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a aráBia saUdiTa TeNTa voLTar aTrás -

O príncipe Miteb bin Abdul ah, filho do rei Abdul ah e chefe da Guarda Nacional Saudita, também desempenhou um papel na reformulação de uma política para a Síria. As diferenças da Arábia Saudita em relação a outras monarquias do Golfo Pérsico estavam tornando-se mais explícitas quando os sauditas do Bahrein e Emirados Árabes retiraram seus embaixadores do Qatar, em março de 2014. Isso ocorreu principalmente devido ao apoio do Qatar à Irmandade Muçulmana no Egito, mas também devido ao financiamento e abastecimento dos grupos jihadistas sem controle na Síria.

Por volta de março de 2014, o subsecretário norte-americano para Terrorismo e Inteligência Financeira, David Cohen, cumprimentou a Arábia Saudita pelos progressos no corte das fontes de financiamento da Al-Qaeda

em suas próprias fronteiras. Porém, advertiu que outros grupos jihadistas ainda eram capazes de mobilizar financiadores no reino. Ele também frisou que a Arábia Saudita não era a única das monarquias do Golfo a apoiar os jihadistas, lembrando de maneira amarga que “nosso aliado

Kwait tornou-se o epicentro do levantamento de recursos para grupos terroristas na Síria. Cohen queixou-se particularmente da indicação de Nayef al-Ajmi para os postos de ministro de Financiamento Islâmico e de Assuntos

Islâmicos, destacando que “ele tem um passado de pro-

moção da jihad na Síria”. Na verdade, sua imagem aparece nos cartazes que apoiam a captação de recursos como um destacado financiador da Frente al-Nusra”. Sob pressão dos Estados Unidos, ele foi forçado a renunciar.

É provavelmente muito tarde para que a Arábia Saudita

execute uma reversão total de seu apoio aos jihadistas na Síria. As mídias sociais jihadistas agora atacam abertamente a família real saudita. Uma foto do rei Abdul ah o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 123

- PATRICK COCKBURN -

condecorando o presidente George W. Bush, há anos,

aparece com legenda capciosa: “Medalha por invadir

dois países islâmicos”. Outra foto, mais ameaçadora, numa conta de Twitter, foi feita atrás de um caminhão. Mostra combatentes armados e mascarados, com a seguinte legenda: “Com a graça de Deus, entraremos na Península

Arábica assim: hoje, o Oriente; amanhã al Qurayat e

Arrar [duas cidades do norte da Arábia Saudita].”

Certamente, os líderes xiitas duvidam que a reviravolta saudita tenha ocorrido num nível suficientemente profundo. Yousif al-Khoei, que dirige o Centro para Estudos Acadêmicos Xiitas, diz: “As recentes fatwas sauditas que deslegitimam os homens-bombas são um passo positivo, mas os sauditas precisam agir com seriedade para

reformular seu sistema educacional, que demoniza xii-

tas, sufistas, cristãos, judeus e outras religiões ou seitas.

Precisam interromper a pregação de ódio em inúmeras

rádios por satélite e deixar de permitir que os pregadores do ódio atuem livremente nas mídias sociais”.

Os líderes xiitas citam diversas fatwas lançadas por

clérigos sauditas em que aparecem como alvo, como

supostamente não muçulmanos. Uma delas declara:

“Propor proximidade entre xiitas e sunitas é similar

à proximidade entre o Islã e a Cristandade”. As igrejas cristãs são consideradas, pelos adeptos do wahabismo,

lugares de idolatria e politeísmo, devido às imagens de Jesus e sua mãe e ao uso da cruz, vistos como sinais

de que os adeptos da religião não oram para um único

Deus. Tal visão não está confinada à Arábia Saudita. No Bahrein, 71 clérigos sunitas pediram que o governo retirasse a permissão para construção de uma igreja cristã.

No mesmo país, em 2011, quando a família real al-Kha-

lifa esmagou os protestos pró-democracia promovidos

124 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- a aráBia saUdiTa TeNTa voLTar aTrás -

pela maioria xiita, o primeiro ato das forças de seguran-

ça foi destruir dezenas de mesquitas, templos e túmulos de homens sagrados para esse ramo do islamismo, sob

alegação de que não haviam recebido as licenças de construção corretas.

A “wahabização” da corrente principal do Islã suni-

ta é um dos movimentos mais perigosos de nossa era.

Al Al awi, historiador e especialista em disputas seculares, diz que, país após país, as comunidades sunitas

“adotaram princípios do wahabismo que não eram ini-

cialmente parte de seus cânones”. Um aspecto crucial na ascensão do wahabismo é o poder financeiro e político

da Arábia Saudita. Al awi diz que, por exemplo, se um

muçulmano piedoso quiser fundar um seminário ou

mesquita em qualquer lugar do mundo, não há muitos

locais fora da Arábia Saudita em que possa obter 30 mil dólares. Entretanto, se a mesma pessoa desejar opor-se ao wahabismo, terá de “lutar com recursos limitados”. O

resultado é um aprofundamento do sectarismo, à medida

que os xiitas são rotulados como não muçulmanos, e estes, de qualquer credo, são forçados a fugir, a ponto de países como o Iraque e a Síria estarem perdendo suas comunidades cristãs, que existiram por mais de dois mil anos.

Para Al awi, é ingênuo imaginar que pequenas mi-

norias xiitas, em países como a Malásia ou o Egito, não tenham sofrido a desaprovação das maiorias sunitas,

mas só recentemente elas foram perseguidas e margina-

lizadas. Ele diz que muitos xiitas vivem agora a sensação de um desastre iminente, “como os judeus na Alemanha,

em 1935”. Assim como na propaganda antisemita eu-

ropeia, há décadas, os xiitas são demonizados por

supostamente adotarem práticas abomináveis, como o

incesto ritual. Numa cidade próxima ao Cairo, em 2013, o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 125

- PATRICK COCKBURN -

quatro homens xiitas foram assassinados por uma mul-

tidão quando realizavam, em uma casa, suas cerimônias

religiosas tradicionais.

“O wahabismo tenta ignorar todo o *corpus* do ensinamento islâmico nos últimos 1.400 anos”, diz Al awi. A

ideologia dos movimentos do tipo Al-Qaeda no Iraque e

na Síria não é exatamente a mesma do wahabismo, mas

suas crenças são similares, apenas levadas ao extremo.

Há debates bizarros sobre se é proibido aplaudir ou o

uso obrigatório de sutiãs pelas mulheres. Assim como o Boko Haram, na Nigéria, os militantes no Iraque e Síria não veem proibição religiosa na escravização das mulheres como despojos de guerra.

Há sinais de que os governantes sauditas podem ar-

reponder-se de ter dado tanto apoio aos jihadistas, em sua tentativa de derrubar o presidente Assad na Síria. Por exemplo, no início de 2014, eles convidaram o ministro das Relações Exteriores do Irã a visitar o reino. No entanto, pode ser muito tarde: tendo ouvido seu governo

denunciar Assad como a raiz do mal na Síria, os jiha-

distas sauditas julgam “traição hipócrita” as atitudes do mesmo governo, que agora os ameaça com prisão quando regressam a seu país.

•

126 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

se sangrar, é manchete

vIII.

SE SANGRAR, é MANCHETE

- se saNGrar, é MaNcHeTe -

As quatro guerras travadas no Afeganistão, Iraque, Líbia e Síria nos últimos doze anos envolveram invariavelmente intervenções estrangeiras, abertas ou encobertas, em países profundamente divididos. Em cada caso, o envolvimento do Ocidente exacerbou diferenças preexistentes e empurrou partes hostis para a guerra civil. Em cada

país, toda a oposição ou parte dela foi composta de combatentes jihadistas “hard-core”. Quaisquer que fossem

os temas reais em disputa, os políticos apresentavam

as intervenções como primordialmente humanitárias,
em apoio a forças populares que confrontavam ditado-

res. Apesar do aparente sucesso militar, em nenhum dos casos a oposição e seus apoiadores foram capazes de consolidar o poder ou estabelecer Estados estáveis.

Todavia, outras similaridades conectam os quatro

conflitos: mais do que confrontos armados, todos eles foram embates de propaganda, em que jornalistas de meios impressos, tvs e rádios exerceram um papel central. Em todas as guerras, há uma diferença entre o que é reportado e o que de fato ocorreu, mas nessas quatro campanhas o mundo exterior foi brindado com informações completamente erradas, inclusive sobre a identidade dos

vitoriosos e dos derrotados.

Em 2001, os relatos da guerra afegã davam a impres-

são de que o Talibã havia sido decisivamente abatido,

apesar de muito pouco combate. Em 2003, acreditou-se

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 129

- PATRICK COCKBURN -

no Ocidente que as forças de Saddam Hussein haviam

sido esmagadas, quando na verdade o exército iraquia-

no, inclusive as unidades de elite da Guarda Republicana Especial, haviam simplesmente debandado e voltado

para casa. Na Líbia, em 2011, os milicianos rebeldes, tão frequentemente vistos na tv disparando metralhadoras

montadas sobre caminhonetes em direção ao inimigo,

tiveram um papel limitado na derrubada de Muammar

Gaddafi, que foi atingido principalmente pelos ataques aéreos da Otan. Quanto à Síria, em 2011 e 2012, governantes e jornalistas estrangeiros profetizaram, repetidamente e em vão, a iminente derrota de Bashar al-Assad.

Esses equívocos explicam por que houve tantas surpresas e reversões inesperadas dos fatos. O Talibã reergueu-se em 2006 por não ter sido derrotado, como compreensivelmente imaginava o resto do mundo. No final de 2001, pude dirigir, atemorizado, mas em segurança, de Kabul a Kandahar, mas quando tentei fazer o mesmo trajeto, em 2011, não pude avançar rumo ao sul, além do último posto policial nos subúrbios de Kabul.

Em Trípoli, dois anos atrás, os hotéis estavam lotados de jornalistas cobrindo a queda de Gaddafi e o triunfo das milícias rebeldes. Entretanto, a autoridade estatal não foi restaurada desde então. No verão de 2013, a Líbia quase interrompeu as exportações de petróleo, porque seus principais portos no Mediterrâneo haviam sido ocupados após um motim entre milicianos. O primeiro-ministro,

Ali Zeidan, ameaçou bombardear “do ar e dos mares” os navios petroleiros que os milicianos usavam para vender combustível no mercado negro. Não demorou muito tempo para que ele próprio fosse forçado a fugir do país.

A queda da Líbia em direção à anarquia foi escassamente coberta pela mídia internacional. Esta havia se

130 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- se saNGrar, é MaNcHeTe -

deslocado à Síria e em seguida ao Egito. O Iraque, onde foram montados há alguns anos escritórios de imprensa, também foi excluído do mapa da mídia, embora cerca de

mil habitantes sejam mortos a cada mês, principalmente como resultado do bombardeio de alvos civis. Quando

choveu durante alguns dias em Bagdá, em janeiro de

2014, o sistema de drenagem, supostamente restaurado

a um custo de sete bilhões de dólares, não resistiu: algumas ruas ficaram inundadas, até a altura dos joelhos, com água suja e esgotos. Na Síria, muitos combatentes da oposição, que haviam lutado heroicamente para defender suas comunidades, converteram-se em bandidos autorizados quando tomaram o poder em enclaves controlados por rebeldes.

Não é que os repórteres estivessem factualmente incorretos ao descrever o que haviam presenciado. Contudo,

o próprio termo “repórter de guerra”, embora não seja

usado com frequência pelos próprios jornalistas, ajuda a explicar a causa do problema. Além de sua conotação

“macho”, ele sugere a impressão errada de que os conflitos podem ser descritos adequadamente quando se volta

o foco para o combate militar. As guerras irregulares, ou de guerrilha, são sempre intensamente políticas. Um exemplo clássico refere-se aos estranhos conflitos cheios de interrupções que se seguiram ao 11 de Setembro.

Isso não significa desprezar o que ocorreu no campo

de batalha, mas indica que esses acontecimentos exigem interpretação. Em 2003, as tvs mostraram colunas

de tanques iraquianos esmagados e em chamas, após

os ataques norte-americanos na autoestrada principal

a norte de Bagdá. Se não fosse pelo cenário de deserto, os telespectadores

poderiam estar observando imagens

do exército alemão derrotado na Normandia, em 1944.

Porém, subi em alguns dos tanques e pude constatar que o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 131

havam sido abandonados muito antes de serem atingi-

dos. Era algo importante, porque mostrava que o exército iraquiano não estava preparado para lutar e morrer por Saddam. Também permitia prever o futuro da ocupação.

Os soldados iraquianos, que não se viam como derrotados, esperavam manter seus empregos numa era de Iraque pós-

-Saddam, mas se encolerizaram quando os Estados Unidos dissolveram seu exército. Oficiais bem treinados mergulha-ram na resistência, com consequências devastadoras para as forças de ocupação: um ano depois, os norte-americanos controlavam apenas ilhas territoriais no Iraque.

Num aspecto, a reportagem de guerra é mais fácil do

que outros tipos de jornalismo: o melodrama dos eventos conduz a história e atrai uma audiência. Pode ser arris-cado às vezes, mas o correspondente conversando com

a câmera, com bombas explodindo e veículos militares

em chamadas ao fundo, sabe que seu relato aparecerá com

grande destaque em qualquer noticiário. “Se sangrar, é manchete” é um velho adágio da mídia norte-americana.⁷

O drama das batalhas inevitavelmente domina as notí-

cias, mas a cobertura torna-se simplória se apenas parte do que está ocorrendo é revelada. Essas ultrassimplificações foram especialmente rígidas e enganosas no Afeganistão e Iraque, quando se juntaram à propaganda política que demonizou primeiramente o Talibã e, depois, Saddam

Hussein como encarnações do mal. Elas ajudaram a apre-

sentar o conflito em preto e branco, como guerra entre o bem e o mal, algo que foi particularmente fácil nos Estados Unidos, em meio à atmosfera histórica que se formou após o 11 de Setembro. As insuficiências paralisantes da oposi-

ção nos dois países foram simplesmente ignoradas.

7. N. do E.: “If it bleeds, it leads”, em inglês.

- se saNGrar, é MaNcHeTe -

Por volta de 2011, a complexidade dos conflitos no

Iraque e Afeganistão era evidente para os jornalistas em Bagdá e Kabul, ainda que não necessariamente para os

editores em Londres e Nova York. No entanto, a repor-

tagem das guerras na Líbia e Síria estava demonstrando uma forma de ingenuidade da mesma magnitude, ainda que diferente. Prevaleceu uma versão do espírito de 1968: os antagonistas que reprimiam a Primavera Árabe

eram subitamente considerados obsoletos, um admirável

mundo novo estava sendo criado em velocidade trepi-

dante. Os analistas sugeriam, otimistas, que, na era da televisão por satélite e da internet, as formas tradicionais de repressão, censura, encarceramento, tortura e execu-

ção não poderiam mais garantir o poder de um Estado

policial e até se tornariam contraproducentes. O controle estatal da informação e da comunicação havia sido subvertido por blogs e telefones móveis, e o YouTube fornecia os meios para expor, da forma mais imediata e gráfica possível, os crimes e violência das forças de segurança.

Em março de 2011, prisões em massa e tortura esmaga-

ram sem muito esforço um movimento pró-democracia

no Bahrein. Inovações nas tecnologias de informação

podem ter alterado o cenário marginalmente, em favor

da oposição, mas não a ponto de evitar a contrarrevolu-

ção, como deixou claro o golpe militar no Egito, em 3 de julho de 2013. O sucesso inicial das manifestações pro-duziu excesso de confiança e aposta exagerada na ação

espontânea. Foi desprezada a necessidade de liderança, organização, unidade e

políticas que não se limitassem a uma agenda humanitária vaga.

A História, inclusive a dos próprios países implica-

dos, tinha pouco a ensinar a essa geração de radicais e aspirantes revolucionários. Eles nada aprenderam com o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do JIHADISMO | 133

- PATRICK COCKBURN -

que ocorrera quando Nasser tomou o poder no Egito, em

1952, e não se perguntaram se os levantes árabes de 2011

poderiam ter paralelos com as revoluções europeias de

1848: vitórias fáceis que também foram facilmente revertidas. Muitos membros da inteligência na Líbia e Síria pareciam viver e pensar encerrados na câmara de ressonância da internet. Poucos expressavam ideias práticas sobre o caminho à frente.

A convicção de que um governo envenenado é a raiz de

todo o mal constitui a posição pública da maior parte das oposições, mas é perigoso acreditar em sua própria propaganda. A oposição iraquiana genuinamente acreditava

que os problemas sectários e éticos do Iraque derivavam de Saddam Hussein e que tudo ficaria bem assim que ele fosse afastado. As oposições na Líbia e Síria pensavam que os regimes de Gaddafi e Assad eram tão escancaradamente maus que havia se tornado desnecessário questionar se seus substitutos seriam melhores. Repórteres estrangeiros compartilhavam amplamente essas opiniões. Lembro-me

de quando mencionei alguns dos problemas dos milícia-

nos líbios para uma jornalista ocidental. “Você precisa lembrar-se quem são os rapazes do bem”, respondeu ela, repreendendo-me.

Podiam ser bons rapazes, mas havia algo estranho

relacionado à facilidade com que os opositoristas ofereciam postos favoráveis à mídia, seja na Praça Tahrir ou nas linhas de frente na Líbia. Os manifestantes em

Benghazi, segunda maior cidade da Líbia, empunhavam

cartazes escritos em inglês perfeito, que eles próprios não podiam ler, para deleite dos espectadores da tv. Em Addabiya, duas horas de carro ao sul de Benghazi, pela estrada costeira principal, os jornalistas estrangeiros frequentemente superestimavam o número de combatentes

134 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- se saNGrar, é MaNcHeTe -

da oposição, e os câmeras tinham de posicionar seus correspondentes para que a predominância da imprensa não

se tornasse evidente para quem assistia aos programas.

O maior perigo era ser conduzido sobre uma pick-up

equipada com metralhadora: os condutores quase sem-

pre entravam em pânico quando uma bomba explodia à

distância. Os milicianos líbios eram efetivos quando lutavam por suas próprias cidades e redutos, mas sem um

guarda-chuva aéreo não teriam durado mais do que al-

gumas semanas. O foco da mídia em colorir o confronto

desviou a atenção do fato central: Gaddafi foi derrubado por uma intervenção militar conduzida por Estados

Unidos, Grã-Bretanha e França.

Não há surpresa alguma nisso. As aparições públicas de políticos ocidentais junto a crianças sorridentes ou soldados triunfantes são invariavelmente produzidas para forjar cenários favoráveis. Por que os rebeldes árabes não teriam as mesmas habilidades em relações públicas? O problema é que os repórteres muito rapidamente aceitaram e difundiram as histórias de atrocidades contadas pela oposição.

Na Líbia, uma das narrativas mais influentes descre-

via a violação em massa de mulheres, em áreas rebeldes, por soldados do

governo que agiam sob ordens superiores. Uma psicóloga assegurava ter distribuído 70 mil questionários em áreas rebeldes, dos quais 60 mil haviam sido preenchidos e devolvidos. Havia 259 casos

de mulheres afirmando que tinham sido estupradas: a

psicóloga afirmava ter entrevistado 140 delas. Era claramente implausível que estatísticas tão precisas tivessem sido apuradas na anarquia do leste do país, mas a história foi repetida de maneira acrítica, contribuindo em muito para converter Gaddafi num pária. Foram vastamente

ignorados os relatos produzidos cerca de um mês depois o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 135

- PATRICK COCKBURN -

pela Anistia Internacional, Human Rights Watch e uma

comissão da onu, assegurando não haver evidência al-

guma do que fora relatado – algo que parece não passar de um esquema de propaganda muito bem-sucedido.

Em outra ocasião, os rebeldes apresentaram os corpos

de oito soldados do governo. Asseguraram que haviam

sido mortos por seus próprios companheiros, quando

tentavam passar para o lado da oposição. Mais tarde, a Anistia Internacional desenterrou um vídeo que mostra

os oito homens vivos, após serem capturados por rebel-

des. Eles foram certamente assassinados pouco antes de sua apresentação, e as mortes atribuídas às forças de Gaddafi.

O ingrediente essencial de uma boa história de atroci-

dades é ser chocante e não refutável imediatamente. Em 1990, foi amplamente relatado que bebês kuwaitianos

havia sido arrancados de incubadoras hospitalares por soldados iraquianos e abandonados no chão. De reper-cussão imensa, à época, a história só caiu em

descrédito quando se descobriu que a pessoa que assegurava ter testemunhado a cena era a filha do embaixador kuwaitiano em Washington, que sequer tinha passado pelo hospital à época. Os repórteres podem ter suas suspeitas, mas é quase impossível desmentir esses relatos de pronto. Eles também sabem: seus editores não gostam de admitir que uma história colorida, que os competidores provavelmente colocarão no ar, seja provavelmente falsa.

É fácil culpar “a névoa da guerra” e é verdade que todo conflito envolve acontecimentos confusos e mutantes,

cujas narrativas não podem ser checadas. Todos os envolvidos numa guerra têm um motivo mais forte do que

de costume para distorcer seus próprios feitos e falhas, e é usualmente difícil contestar seu comportamento. Ele quase nunca é notícia. “Alguma vez lhe ocorreu, senhor, 136 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- se saNGrar, é MaNcHeTe -

que enorme oportunidade uma guerra oferece a um

mentiroso?”, perguntou certa vez o general confederado Stonewall Jackson para um auxiliar.

Quando as pessoas estão atirando umas nas outras, é

evidentemente perigoso permanecer no local o tempo

suficiente para saber o que realmente está ocorrendo. Na Síria, estava entrevistando, em junho de 2014, o governador de Homs, quando ele inesperadamente afirmou

que o exército oficial havia tomado uma cidade an-

tes controlada pela oposição, chamada Tal Kalakh, na

fronteira com o Líbano. Sugeri que eu fosse e visse. A oposição dizia que uma batalha feroz estava em curso e a Al-Jazeera relatava que cortinas de fumaça elevavam-se da cidade. Gastei três horas dirigindo em torno de Tal Kalakh, que

estava sob completo controle governamental, e não ouvi um único tiro ou vi fumaça alguma. Parte da cidade havia sido fortemente atingida por bombardeio e as ruas estavam vazias, embora um simpatizante

do governo dissesse que era por que “as pessoas estavam fazendo sua sesta”.

Em Damasco, hospedei-me no distrito cristão de Bab

Touma, alvo de bombas-morteiros disparadas a partir de distritos rebeldes. Um amigo ligou para dizer que quatro pessoas haviam sido mortas por um homem-bomba a

algumas centenas de metros dali. Fui ao local imediatamente e vi um corpo sob um cobertor branco; do outro

lado da rua havia uma pequena cratera, que parecia ter sido feita pela explosão de um morteiro. A tv estatal síria insistia em dizer que o homem era um suicida, tendo por alvo uma igreja cristã; até seu nome foi fornecido. Por algum tempo, foi impossível saber o que havia acontecido o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 137

- PATRICK COCKBURN -

exatamente: a cobertura da cctv8, feita na rua, mostrava a queda de uma bomba, delineada por um instante em

contraste com a camisa branca de um transeunte. Ele foi morto de modo instantâneo e identificado erroneamente

com um homem-bomba. A tv síria mais tarde desculpou-se pelo ocorrido.

Em cada um desses casos, viés político e erros comuns combinaram-se para produzir uma visão deturpada dos acontecimentos, mas tinham muito pouco a ver com a “névoa da guerra”. O que realmente se pode depreender é que não há alternativa à reportagem em primeira mão.

Os jornalistas raramente admitem por completo, para

si mesmos ou para outros, o grau em que dependem de fontes secundárias e dos interesses próprios.

O problema torna-se mais complexo porque as pessoas que se veem em meio a eventos jornalisticamente importantes tendem a se considerar mais informadas do que são. Os sobreviventes de atentados suicidas em Bagdá eram capazes de me descrever em detalhes a expressão

facial do homem-bomba momentos antes de ele deto-

nar os explosivos, esquecendo-se de que, se estivessem tão próximas, teriam morrido. As melhores testemunhas

eram garotos vendedores de cigarros, sempre de olho em possíveis consumidores. Na verdade, a guerra não é muito mais nebulosa do que a paz – e às vezes é menos. É

difícil esconder os acontecimentos importantes, porque milhares de pessoas são afetadas por eles. E, começada a luta, as autoridades tornam-se cada vez menos capazes

de monitorar e bloquear os movimentos dos jornalistas.

É difícil manter segredos sobre quem controla qual 8. N.do E.: Chinese Central Television (cctv) é a maior rede de televisão da República Popular da China. Iniciou suas transmissões em 2 de setembro de 1958. Sua sede fica na cidade de Pequim.

138 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- se saNGrar, é MaNcHeTe -

território e quem está vencendo ou perdendo. Em mo-

mentos de perigo, seja em Belfast, Basra ou Damasco, as pessoas tornam-se agudamente conscientes de qualquer

ameaça a suas vizinhanças, sejam elas mínimas, como a

aparição de um novo rosto, ou eloquentes, como a chegada de uma unidade militar. Um governo ou um exército

podem tentar manter segredo afastando os repórteres,

mas pagarão o preço, pois o vazio de informações será

preenchido pelos relatos dos inimigos. O governo sírio colocou-se em desvantagem ao negar vistos à maioria

dos jornalistas estrangeiros, algo que só recentemente começou a ser revertido.

À medida que o perigo crescia no Iraque, após 2003,

espalhou-se um rumor segundo o qual os repórteres es-

trangeiros não eram testemunhas reais. Eles haviam se

limitado a produzir “jornalismo de hotel”, nunca indo

além de três ou quatro hotéis bem fortificados. Isso

nunca foi verdade. Além do fato de esses locais serem

alvos frequentes de homens-bombas, os jornalistas que

temiam sair tomavam a precaução inteligente de não ir

a Bagdá pela primeira vez. Eu costumava pensar que os

profissionais mais suscetíveis a serem mortos ou sequestrados eram os inexperientes, os que aceitavam riscos

ultrajantes ao tentar fazer seu nome. Porém, os melho-

res repórteres de guerra que conheci morreram, como

David Blundy, em El Salvador, em 1989, e Marie Colvin, na Síria, em 2012.

Ambos eram muito experientes. Seu

único erro foi ir tão frequentemente a lugares perigosos, nos quais havia um grande risco de um dia serem atingidos por uma bala ou uma bomba.

Lutas de guerrilha confusas e bombardeios esporádi-

cos de artilharia, em guerras sem fronteiras claras, são particularmente perigosos. Em 2004, quase fui morto

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 139

- PATRICK COCKBURN -

em Kufa, no Eufrates, por milicianos xiitas, alvoroçados após terem combatido contra marines norte-americanos

pouco mais cedo. Suspeitando do adorno de cabeça local que eu usava, estavam prestes a decidir que eu era um

espião. Tinha vestido o adorno como um disfarce básico, para viajar por vilarejos controlados por sunitas, na estrada entre Kufa e Bagdá.

A ideia de que jornalistas estrangeiros simplesmente

escondem-se em seus hotéis em Damasco, Bagdá ou

Kabul é absurda. Uma crítica mais substantiva é que eles escrevem muito sobre tiroteios e batalhas, os fogos de artifício da guerra, enquanto se esquecem do cenário mais amplo que pode determinar o desfecho. “Meu jornal não

faz o que chama de jornalismo banguê-banguê”, afirma-

va com grandiloquência um correspondente, explicando

por que nenhum de seus colegas cobria o combate na

Síria em primeira mão. Porém, o “banguê-banguê” im-

porta: a guerra não pode ser explicada sem a política, mas a política não pode ser compreendida sem a guerra.

No início da ocupação do Iraque, fui à estação elétrica Dohra, em Bagdá, depois que um soldado norte-americano foi morto e outro ferido. Foi um incidente pequeno numa guerra de guerrilhas incipiente, mas a aprovação

dos moradores locais, em torno da piscina de sangue

seco, era significativa. “Somos muito pobres, mas vamos celebrar cozinhando uma galinha”, disse um homem. “Se

Deus quiser, haverá mais ações como esta”.

Estar “embutido” com os exércitos norte-americano

ou britânico significava que os jornalistas terminavam vivendo as mesmas experiências dos soldados e pensando, em boa medida, as mesmas coisas. É difícil não se

identificar com pessoas que são importantes para sua segurança e com as quais se compartilha perigos comuns.

140 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- se saNGrar, é MaNcHeTe -

Os exércitos preferem o sistema de “embutir”, em parte, porque podem favorecer os repórteres mais simpáticos

e excluir os críticos. Para os jornalistas, ao contrário do que supõe a intuição, significa perder partes cruciais da guerra, já que um comandante experimentado de guerrilha irá, naturalmente, atacar onde as forças inimigas estiverem ausentes e enfraquecidas.

Qualquer um “embutido” com o exército tenderá a es-

tar no lugar errado, na hora errada. Em 2004, quando os marines norte-americanos atacaram a cidade de Fal ujah, matando muitos insurgentes, eles estavam acompanhados

pela maior parte do corpo de imprensa em Bagdá. Foi uma vitória famosa e muito divulgada. No entanto, o contra-

-ataque dos insurgentes, a captura de Mosul, uma cidade muito maior no norte do país, da qual os soldados norte-

-americanos haviam se retirado, foi amplamente ignorada pela mídia à época. Quando Mosul caiu pela segunda vez, em junho de 2014, poucos comentaristas sequer mencio-naram que havia sido ocupada por insurgentes dez anos

antes ou levaram em conta a implicação desse fato: o controle de Bagdá sobre a segunda cidade do país e principal reduto dos sunitas urbanos sempre fora precário.

-

A mudança mais sinistra relacionada à forma como a

guerra é percebida na mídia deriva do que foi considerado, há poucos anos, um grande avanço. A televisão por

satélite e o uso da informação oferecida pelo YouTube, blogueiros e mídias sociais foram vistos, no início da Primavera Árabe, como capazes de produzir inovações

libertadoras. O monopólio de informação imposto por

Estados policiais, da Tunísia ao Egito e ao Bahrein, tinha o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 141

- PATRICK COCKBURN -

sido quebrado, mas, como mostrou o desenvolvimento

do levante na Síria, a tv por satélite e a internet podem também ser usados para a propaganda e o ódio.

“Metade da jihad é mídia” é um slogan postado num

website jihadista. Tomado de maneira ampla, é plena-

mente correto. As ideias, ações e objetivos dos jihadistas fundamentalistas sunitas são difundidos diariamente por estações de tv via satélite, YouTube, Twitter e Facebook

Enquanto tais meios poderosos de propaganda existi-

rem, grupos similares à Al-Qaeda nunca sofrerão por

falta de dinheiro ou recrutas.

Muito do que é disseminado pelos jihadistas é propaganda de ódio contra xiitas e, menos frequentemente, contra cristãos, sufistas e judeus. Pede-se apoio à jihad na Síria, Iraque, Iêmen e em qualquer parte onde a guerra santa esteja sendo conduzida. Uma postagem recente mostra um

homem-bomba de olhar romântico, que foi “martirizado”

ao conduzir um ataque a um posto de polícia egípcio no Sinai. Na análise sobre uma seleção de postagens online, o que choca não é apenas violência e

sectarismo, mas também o profissionalismo com que são produzidas. Os

jihadistas podem pregar um retorno às normas do Islã

ancestral, mas sua habilidade no uso das comunicações

modernas e da internet os coloca muito à frente da maior parte dos movimentos políticos no mundo.

Ao produzir um registro visual de tudo o que faz, o isis ampliou enormemente seu impacto político. Seus militantes compreendem o significado das mídias sociais e filmes bem feitos e aterrorizadores para ilustrar o compromisso de seus lutadores, quando identificam e matam seus inimigos. A postura do governo iraquiano diante da mídia

é radicalmente distinta: tenta manter a moral, reduzindo os êxitos do isis, enfatizando o patriotismo e sustentando 142 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- se saNGrar, é MaNcHeTe -

que Bagdá nunca cairá. Propaganda pura desse tipo leva os espectadores, frequentemente, a mudar para a rede

de tv Al-Abrabya, baseada em Dubai, mas mantida por

sauditas, ou para outros canais que cobrem os eventos no país, o que dá vantagens à propaganda do isis.

Em contraste com a sofisticação da produção técni-

ca feita pelos militantes, o conteúdo é, com frequência, cruamente sectário e violento. Tome, por exemplo, três imagens do Iraque. A primeira mostra dois homens uniformizados, as mãos amarradas atrás das costas, mortos e estendidos no que parece ser um chão de cimento. O

sangue escorre de suas cabeças, como se tivessem sido

baleados ou degolados. A legenda diz: “Não há remédio

para os xiitas, exceto a espada – Vitórias de Anbar”.

A segunda mostra dois homens armados ao lado de

dois corpos, identificados pela legenda como membros

do movimento Despertar Sunita, que atua contra a Al-

Qaeda na província iraquiana de Salah a-Din. A terceira exibe um grupo de soldados iraquianos empunhando

uma bandeira regimental, mas com os dizeres troca-

dos, para torná-los ofensivos aos sunitas: “Deus maldiga Omar e Abu Bakr” (dois dos primeiros líderes sunitas).

Esse tipo de postagem na internet inclui frequen-

temente pedidos de dinheiro, lançados por clérigos e

políticos sunitas, para financiar os combatentes jihadistas. Um desses apelos assegurava ter arrecadado 2,5 mil dólares para cada um dos 12 mil combatentes que o grupo responsável pela ação enviaria à Síria. Outro incluía uma imagem de sete prateleiras, como numa loja de va-rejo, mas que, se examinadas mais de perto, revelavam

uma variedade diferente de granadas. A legenda sob a

fotografia dizia: “Os remédios dos mujahadin para os xiitas”. As imagens do isis também mostraram prisioneiros o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 143

- PATRICK COCKBURN -

conduzidos por combatentes mascarados lotando cami-

nhões e depois forçados a deitar com as faces para baixo em valas superficiais, com suas mãos amarradas nas

costas. As imagens finais mostram os corpos ensanguen-

ados dos soldados capturados, provavelmente xiitas,

que compõem o grosso dos recrutas iraquianos. A legen-

da indicava que o massacre era uma revanche pela morte de um comandante do isis, Abdul-Rahman al-Beilawy,

anunciada pouco antes da ofensiva surpresa com a qual

o grupo varreu o norte do Iraque, capturando os redutos sunitas de Mosul e Tikrit, em meados de junho de 2014.

Os jihadistas não usam apenas contas no Twitter e

Facebook. Duas estações de tv – Safa e Wesal – baseadas no Egito, mas financiadas pela Arábia Saudita e Kuwait, ao que se diz, empregam jornalistas e comentaristas hostis aos xiitas. A Wesal transmite em cinco línguas: árabe, farsi, curdo, indonésio e hausa. A resposta do governo iraquiano foi fechar algumas “emissoras de tv inimigas”, assim como o Facebook, YouTube, Twitter e outros serviços de internet, embora a população seja rápida em

encontrar meios para contornar a censura oficial.

Seguidores do isis continuamente inundam o Twitter

com imagens dos corpos de seus inimigos, mas também

usam esse meio para mostrar hospitais em funciona-

mento e um processo administrativo consultivo. Os

pregadores do ódio, do mesmo modo, podem mobili-

zar grande número de seguidores no YouTube. O xeique

Mohammad al-Zughbi, um blogueiro popular no Egito,

que produz vídeos, apela a Deus para proteger o país

dos “traidores e xiitas criminosos”, assim como dos judeus e cruzados. Outro sermão, intitulado “Oh, Síria, a vitória está chegando”, diz que o presidente Assad “está 144 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- se saNGrar, é MaNcHeTe -

buscando apoio dos persas, dos xiitas, dos traidores e dos criminosos xiitas”.

Essa retórica poderia ser desconsiderada se dirigi-

da apenas a uma audiência pequena e fanática, mas os

números de exibições mostram que são imensamente

populares. Observadores dos rebeldes na Síria perceberam quanto tempo eles gastam na internet, usando-a

para seguir o que acreditam estar acontecendo em outras regiões em conflito. Evidências suplementares sobre o

impacto da TV via satélite e dos websites jihadistas vêm de pessoas aprisionadas no Iraque. Como todos os prisioneiros, eles inclinam-se a dizer o que seus captores querem ouvir. Seus relatos em entrevistas na tv iraquiana soam verdadeiros.

Walled bin Muhammad al-Hadi al-Masmoudi, da

Tunisia, terceiro país que mais fornece jihadistas estrangeiros para a Síria, disse a um desses programas que, ao tomar a decisão de ir ao Iraque lutar, estava “profundamente influenciado pelo canal de tv da Al-Jazeera”. Junto com outros 13 voluntários da Arábia Saudita, Jordânia e Iêmen, ele não teve dificuldades em chegar até Fal ujah.

Em outra entrevista, Abdul ah Abam Salih al Qahtani,

ex-funcionário saudita, afirmou: “A mídia árabe e os websites jihadistas convenceram-me a vir”.

Alguns dos retratos de atrocidades que aparecem nas telas de computadores e tvs pelo mundo, supostamente horas depois dos fatos terem ocorrido, são fraudulentos.

Os êxitos do isis no Iraque são algumas vezes fabricados com material produzido na Síria ou Líbia, ou mesmo fora do Oriente Médio. Um correspondente no sudeste da Turquia visitou recentemente um campo de refugiados sírio, onde encontrou uma criança de dez anos assistindo a um clipe de YouTube, mostrando dois

- PATRICK COCKBURN -

homens sendo executados com uma motosserra. O co-

mentário afirmava que as vítimas eram sunitas sírios e os assassinos, alawitas. Na verdade, o filme era do México e os assassinatos haviam sido praticados por um chefe das drogas, para intimidar seus rivais.

Essas histórias fraudulentas de atrocidades têm um

efeito na guerra: um miliciano líbio que acredite que soldados do governo, contra os quais combate, têm ordens de estuprar sua esposa e filhas não fará muitos prisioneiros.

Porém, mais frequentemente, as imagens de assassinato

e tortura são precisas. Sua rápida disseminação explica a ferocidade do conflito na Síria e a dificuldade dos participantes para negociar um fim para a guerra civil.

As revoltas da Primavera Árabe foram uma estranha

mistura de revolução, contrarrevolução e intervenção externa. A mídia internacional tornou-se, com frequência, muito confusa sobre o que estava acontecendo. Os

revolucionários de 2011 tinham muitas falhas, mas eram altamente capazes de influenciar e manipular a cobertura da imprensa. A Praça Tahrir, no Cairo, e mais tarde a Praça Maidan, em Kiev, tornaram-se os teatros nos quais foi encenado um melodrama que opunha as forças do

bem às do mal, diante de câmeras de tv.

Bons repórteres ainda assumiam riscos imensos e às

vezes pagavam com suas vidas, tentando explicar que existia, nos fatos, mais do que um quadro simplificado, mas houve muita cobertura ruim da mídia, particularmente

nos primeiros dois anos da revolta. Um corresponden-

te frisou de modo cáustico que tentar descrever a partir de Beirute os eventos

pós-2011 na Síria, tendo rebeldes como fontes, era “como reportar a última eleição presidencial norte-americana do Canadá, baseando-se nos relatos da facção Tea Party do Partido Republicano”.

146 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- SE SANGRAR, É MANCHETE-

Previsivelmente, tais notícias eram tão enviesadas e inconfiáveis que o curso real dos acontecimentos tornou-se cheio de fatos inesperados e surpresas desagradáveis. Isso provavelmente continuará.

•

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 147

Choque e Guerrax

Ix.

CHOQUE E GUERRA

- PATRICK COCKBURN -

Na segunda metade de 2013, comecei a escrever sobre os jihadistas que estavam formando a oposição armada na Síria. Na mesma época, várias evidências mostravam que o Estado Islâmico, anteriormente conhecido como Al-Qaeda no Iraque, ganhava força rapidamente. Meu jornal, *The Independent*, pediu que eu nomeasse um “homem do ano” para o Oriente Médio, e eu escolhi Abu

Bakr al-Baghdadi, a sombria figura que havia se tornado líder do grupo em 2010. Alguns dias depois, em 3 de janeiro de 2014, o ISIS chegou a Falujah. O governo local mostrou-se incapaz de retomar o controle dessa cidade.

Isso não pareceu tão alarmante quanto poderia ser. O

primeiro-ministro iraquiano enfatizava a ameaça mortal de uma contrarrevolução sunita na província de Anbar,

para assustar a maioria xiita e atrair seu voto nas eleições parlamentares de 30 de abril, esquecendo-se da corrup-

ção no governo e da falta de serviços básicos. Achei que o fracasso em recapturar a cidade talvez fosse uma estratégia eleitoral e que um ataque definitivo seria lançado depois das eleições.

Porém, iraquianos bem informados disseram-me que

o fracasso na retomada de Fal ujah e em derrotar o isis em Anbar e no norte do Iraque não fora por falta de tentativas. Ao todo, cinco das 15 divisões do exército iraquiano tinham sido mobilizadas em Anbar. Enfrentaram perdas

pesadas e muitas deserções. Os soldados estavam sendo

150 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- cHoqUe e GUerra -

mandados à frente da batalha só com quatro cartuchos de munição para suas ak-47. Passavam fome, porque os comandantes tinham desviado o dinheiro da alimentação, enquanto alguns batalhões estavam atuando com

um quarto de suas forças. No Iraque, um país tão rico em petróleo, faltava combustível para os veículos militares.

“O exército vem sofrendo uma derrota significativa em Anbar”, garantiu-me um ex-ministro iraquiano, em abril.

Apesar desses alertas, fiquei chocado um mês depois, quando, em 10 de junho, Mosul caiu quase sem luta.

Todas as histórias depreciativas que eu tinha ouvido sobre o exército iraquiano – como as de que se tratava de uma instituição falsa, na qual os comandantes

compravam seus postos para poder enriquecer com propinas e

desvios – mostravam-se verdadeiras. Os soldados rasos

podem ter fugido em Mosul, mas não tão rapidamente

quanto seus generais, que logo apareceram em trajes civis em Arbil, a capital curda. Tornou-se evidente, nos anos anteriores, que o isis era comandado por uma mistura arrepiante de fanatismo religioso e eficiência militar.

Sua campanha para tomar o norte e o oeste daquele país foi habilmente planejada, escolhendo alvos fáceis e evitando posições bem defendidas, ou, como ele próprio

expôs, movendo-se “como uma serpente entre as pedras”.

Era evidente que os governos ocidentais tinham inter-

pretado mal a situação no Iraque e na Síria. Por dois anos, políticos iraquianos alertaram quem quisesse escutar

que, se a guerra civil continuasse, desestabilizaria o frágil

status quo do Iraque. Quando Mosul caiu, todo mundo culpou o primeiro-ministro Maliki. Ele realmente tinha muitas perguntas a responder, mas a causa real do fracasso em seu país foi a guerra do outro lado da fronteira.

A revolta dos sunitas sírios tinha causado uma explosão o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 151

- PATRICK COCKBURN -

similar no Iraque. Maliki tratava as províncias sunitas como um país conquistado, mas os sunitas iraquianos

não teriam se levantado novamente sem o exemplo e

o incentivo de sua contraparte na Síria. A ascensão do isis, que se tornou um grupo capaz de agir como tropa

de choque de uma revolta sunita geral, pode ainda ser

reversível, mas a sua ofensiva no verão de 2014 possi-

velmente acabou para sempre com o Estado dominado pelos xiitas, que tinham subido ao poder com a invasão norte-americana de 2003.

•

A queda de Mosul foi apenas o último de uma série de acontecimentos desagradáveis e inesperados no Oriente

Médio, que pegou a comunidade internacional de surpresa. A região sempre foi um terreno traiçoeiro para

intervenções estrangeiras, mas muitas das razões para o fracasso do Ocidente em ler a situação política do outro lado do globo são recentes e autoinfligidas. A resposta dos Estados Unidos aos ataques de 11 de Setembro, em

2001, visou alvos errados: Afeganistão e Iraque foram identificados como os Estados hostis a serem derruba-

dos. Enquanto isso, os dois países mais envolvidos com a Al-Qaeda e que favoreciam a ideologia por trás dos ataques – Arábia Saudita e Paquistão – continuavam quase ignorados e autorizados a agir livremente.

Ambos eram aliados antigos dos Estados Unidos e continuaram a ser – independentemente do 11 de Setembro.

Agora, a Arábia Saudita pode estar retirando seu pa-

trócinio aos combatentes da guerra santa na Síria e em outras partes do mundo, por medo de um efeito bume-rangue dentro do próprio reino. O primeiro-ministro

152 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- cHoqUe e GUerra -

paquistanês, Nawaz Sharif, pode insistir que está fazendo de tudo para livrar os serviços de segurança de sua nação de elementos extremistas, mas até que os norte-americanos e seus aliados no Ocidente reconheçam que esses

Estados são fundamentais na promoção do extremismo

islâmico, pouco progresso real será feito na batalha para isolar os jihadistas.

E não foram só os governos que entenderam tudo

errado. Os reformistas e revolucionários também se en-

ganaram ao considerar os levantes da Primavera Árabe

de 2011 como um golpe mortal nos antigos regimes au-

toritários da região. Por um breve momento, sectarismo e ditadura pareciam estar desmoronando: o mundo árabe

estava às portas de um novo futuro, livre de ódio religioso, em que inimigos políticos acertavam suas diferenças em eleições democráticas. Três anos depois, com os movimentos democráticos tendo recuado por toda a região, diante do sucesso da contrarrevolução e de uma violência sectária cada vez maior, esse entusiasmo parece ingênuo.

Vale a pena analisar por que alternativas revolucionárias progressistas, em oposição a Estados policiais e movimentos jihadistas como o isis, fracassaram tão completamente.

As revoluções e levantes populares de 2011 eram

genuínos como quaisquer outros da história, mas a

maneira como foram percebidos, em particular no

Ocidente, tinha erros muito sérios. O inesperado é da natureza das mudanças revolucionárias. Sempre acreditei

que, se eu podia perceber a chegada de uma revolução,

o chefe da inteligência das forças de segurança egípcias também podia – e ele faria todo o possível para eviá-la.

Revoluções de verdade ocorrem a partir de uma coin-

cidência imprevisível e surpreendente, com eventos de

distintas motivações acontecendo ao mesmo tempo,

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadisTa | 153

- PATRICK COCKBURN -

confluindo para derrubar um inimigo comum, como

Hosni Mubarak ou Bashar al-Assad.

As raízes políticas, sociais e econômicas dos levantes

de 2011 são muito complexas. Isso não ficou óbvio

naquele momento, em parte porque os comentaristas

estrangeiros exageraram o papel das novas tecnologias

de informação nesses eventos. Os manifestantes, habilidosos em propaganda, viram vantagem em apresentar os

levantes como revoluções de “veludo”. Na vanguarda, estavam blogueiros e tuiteiros educados e falantes de inglês.

O propósito deles: sugerir ao público do Ocidente que os novos revolucionários eram parecidos com ele, e que os acontecimentos no Oriente Médio, em pleno 2011, eram

algo como os levantes anticomunistas e pró-Ocidente no leste Europeu depois de 1989.

As exigências da oposição eram apenas sobre liberda-

des pessoais. Desigualdades sociais e econômicas foram raramente declaradas questões pertinentes, mesmo

quando eram as razões da ira popular contra o *status quo*.

Um ano antes da revolta síria, o centro de Damasco continuava cheio de lojas e restaurantes chiques, enquanto a maioria dos sírios via seus salários estagnados, em contraste com a alta nos preços. Agricultores, arruinados por quatro anos de seca, estavam se mudando para favelas

na periferia das cidades. A onu reportou que algo entre dois milhões e três milhões de sírios estavam vivendo em

“pobreza extrema”. Pequenas fábricas estavam fechando

por causa da concorrência das importações mais baratas da Turquia e China. A liberalização econômica, elogiada pelos capitais estrangeiros, concentrava rapidamente riquezas nas mãos de poucas pessoas bem relacionadas

politicamente. Mesmo membros da Mukhabarat, a polícia secreta, tentavam sobreviver com 200 dólares por mês.

154 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- cHoqUe e GUerra -

Um relatório do International Crisis Group apontou

que a elite governante síria “tinha herdado poder em vez de ter lutado por ele e imitava a classe alta urbana”. O

mesmo aconteceu com as famílias quase monárquicas e

seus associados que operavam de maneira parecida no

Egito, Líbia e Iraque. Confiantes na proteção de seus

Estados policiais, elas ignoraram o sofrimento do resto da população, especialmente dos numerosos jovens su-bempregados, apesar de bem formados, que quase não

acreditavam mais que poderiam ter uma vida melhor.

Uma ilusão simplória, de que a maioria dos problemas

desapareceria quando democracias tivessem substituído

os antigos Estados policiais, estava instalada no centro dos novos governos reformistas no Oriente Médio – seja no Iraque, em 2005, ou na Líbia, em 2011. Movimentos

de oposição, perseguidos localmente, ou vivendo à min-

gua no exílio, foram tranquilizados por tal noção, e era fácil vender a narrativa aos patrocinadores estrangeiros.

No entanto, uma grande desvantagem desse modo de ver

as coisas foi que Saddam, Assad e Gaddafi foram tão demonizados que se tornou

impossível criar qualquer coisa próxima de um compromisso ou transição pacífica do velho para o novo regime. No Iraque, em 2003, ex-membros do Partido Baath foram demitidos, empobrecendo assim

uma grande parte da população, que não teve alternativa a não ser lutar. A oposição síria recusou-se a participar das negociações de paz em Genebra, em 2014, enquanto Assad tivesse qualquer papel nelas – apesar das áreas do país sob controle do regime reunirem a maioria da população. Essas políticas de exclusão eram também uma maneira de garantir empregos para os garotos da oposição, mas acabaram aprofundando divisões sectárias, étnicas e tribais, fornecendo mais ingredientes à guerra civil.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 155

- PATRICK COCKBURN -

Qual cola poderia manter juntos esses Estados pós-revolucionários? O nacionalismo não é bem visto no Ocidente, considerado uma máscara do racismo e do militarismo, supostamente fora de moda numa era de globalização e intervenções humanitárias. Porém, as intervenções no Iraque em 2003 e na Líbia em 2011 acabaram sendo muito similares às conquistas imperialistas do século XIX. Houve discussões bizarras sobre

“construção de nações” a serem realizadas ou assistidas por potências estrangeiras que claramente tinham seus próprios interesses em mente, assim como a Inglaterra quando Lloyd George orquestrou a partilha do Império Otomano.

Uma justificativa para os líderes árabes que tomaram

o poder nos anos 1960 é que eles poderiam criar Estados poderosos, capazes, finalmente, de dar realidade à independência nacional. E eles não fracassaram totalmente.

Gaddafi teve um papel crucial na elevação dos preços do petróleo em 1973, e

Hafez al-Assad, pai de Bashar, que tinha tomado o poder na Síria dois anos antes, criou um Estado que pôde manter-se numa prolongada luta contra

Israel pela predominância no Líbano. Para os oponentes desses regimes, nacionalismo era simplesmente um plano de propaganda de ditadores implacáveis, preocupados apenas em manter seu poder. No entanto, sem o nacionalismo – mesmo em lugares onde a união da na-

ção é quase uma ficção histórica –, falta uma ideologia que permita aos Estados disputarem o foco de lealdade

com seitas religiosas e grupos étnicos.

É fácil criticar os rebeldes e reformistas do mundo

árabe por fracassarem em resolver os dilemas que en-

frentavam ao derrubar o *status quo*. Suas ações parecem confusas e pouco efetivas quando comparadas com a revolução de Cuba ou a luta pela libertação no Vietnã, mas 156 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- cHoqUe e GUerra -

o terreno político no qual eles tiveram de operar nos últimos 20 anos era particularmente traiçoeiro. A dissolução da União Soviética, em 1991, significou que o endosso

ou tolerância dos Estados Unidos – e só deste país – era crucial para a tomada do poder. Nasser pôde voltar-se

para Moscou para garantir a independência do Egito na

crise de Suez, em 1956, mas, depois do colapso socialista, países menores não achavam mais um lugar para si entre Moscou e Washington. Em 1990, Saddam Hussein disse

que uma das razões para invadir o Kuwait era que tal em-preendimento não seria mais viável depois que o Iraque fosse confrontado com o poder norte-americano. Ali, ele errou nos cálculos diplomáticos, mas sua previsão foi, de certa forma,

realista – pelo menos até que o exército americano fosse rebaixado pelo fracasso de Washington

em alcançar seus objetivos no Afeganistão e Iraque.

•

A deterioração da situação no Iraque e Síria pode ter

ido longe demais agora, para que se recriem Estados genuinamente unitários. O Iraque está se despedaçando.

Depois de tomar a cidade petrolífera de Kirkuk, que há

muito clamam como sua capital, os curdos nunca irão

entregá-la, nem os outros territórios disputados, onde eles sofreram limpeza étnica. Enquanto isso, o comando do governo sobre as terras sunitas do norte e do centro do Iraque evaporou, com a desintegração do exército iraquiano. O governo pode continuar a manter a capital e

as províncias de maioria xiita ao sul, mas terá grandes dificuldades para restabelecer sua autoridade sobre os vilarejos e cidades sunitas do país. Safa Rusoul Hussein, conselheiro adjunto de Segurança Nacional do Iraque,

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃo JiHadiTa | 157

- PATRICK COCKBURN -

afirma que, “quando cem combatentes do isis tomam

uma área, eles normalmente recrutam cinco ou seis vezes o número de sua força original. Esses recrutas não são combatentes de linha de frente e podem juntar-se apenas para proteger suas famílias, mas os números do grupo

crecem rapidamente”.

Ajuda exterior para o governo do Iraque é imprevisí-

vel. Intervenção estrangeira pode vir tanto do Irã como dos Estados Unidos. Como um Estado semelhante, de

maioria xiita, o Iraque importa mais para Teerã do que a Síria, e o Irã emergiu como o poder externo mais influente em Bagdá desde a invasão norte-americana

de 2003. O

presidente iraniano, Hassan Rouhani, garantiu que seu

país agirá para combater “a violência e o terrorismo” do isis. De fato, por uma semana a máquina de rumores de

Bagdá clamava que batalhões iranianos já estavam no

Iraque, mesmo que ninguém os tivesse realmente visto.

Quanto aos Estados Unidos, o cansaço interno com a

guerra descarta o retorno de tropas terrestres ao Oriente Médio, apesar de o país ter enviado conselheiros. Mesmo ataques aéreos são problemáticos, porque o isis opera

como um exército de guerrilha, sem movimentos facil-

mente visíveis de pessoal ou equipamento. Sua liderança tem muita prática em ficar fora de vista. Sua ofensiva tem sido um sucesso porque foi acompanhada de um amplo

levante de ex-oficiais do exército iraquiano, que combateram os norte-americanos, e jovens de vilarejos e cidade sunitas de todo o país. Atacar essas forças com aviões ou drones só enfureceria ainda mais a comunidade sunita. E, se combatentes do isis começarem a ser mortos por ataques norte-americanos, pode não demorar muito para que uma certa organização famosa comece a

mandar homens-bomba para destruir alvos nos Estados

158 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- cHoqUe e GUerra -

Unidos. Em qualquer um dos casos, a probabilidade de

sucesso do exército norte-americano é remota. É impor-

taante lembrar que, mesmo com bases aéreas e 150 mil

soldados no país – o que não há mais hoje –, Washington fracassou em vencer a guerra de oito anos ali.

Além de tudo isso, os Estados Unidos provavelmente

não vão querer aparecer como os defensores do domínio

xiita sobre a minoria sunita, especialmente quando a personificação disso é um governo mais sectário, corrupto e disfuncional do que o regime de Saddam jamais foi. Pode haver menos violência do Estado do que antes de 2003,

mas só porque ele é fraco. Os métodos do governo Maliki são igualmente brutais: as prisões iraquianas estão cheias de pessoas que confessaram falsamente sob tortura ou

ameaça. Vilarejos sunitas perto de Fal ujah estão apinhados de famílias com filhos no corredor da morte.

Um intelectual iraquiano que planejava abrir um

museu na prisão de Abu Ghraib, para que nunca se

esquecessem as barbaridades do regime de Saddam, des-

cobriu que não havia mais espaço disponível: as celas já estavam cheias de novos detentos. O Iraque continua

sendo um lugar extraordinariamente perigoso. “Nunca

imaginei que, dez anos depois da queda de Saddam, você ainda pudesse mandar matar alguém em Bagdá por cem

dólares”, contou-me um iraquiano que também estava

envolvido no projeto abortado do museu.

A desintegração do país em regiões xiitas, sunitas e

curdas será, quase com certeza, um processo doloroso

e violento. Confrontos sectários serão inevitáveis onde as populações se misturam, como em torno de Bagdá,

com sete milhões de habitantes. Parece improvável que o Iraque possa ser dividido sem derramamento de sangue

e milhões de refugiados. Um possível resultado é uma

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 159

- PATRICK COCKBURN -

versão iraquiana da violência que acompanhou a divisão da Índia em 1947.

A situação é igualmente sombria na Síria. Há muitos

conflitos e atores envolvidos para que quaisquer termos de paz sejam aceitos. O confronto é frequentemente com-parado com a guerra civil libanesa, que durou de 1975 a 1990, tirando-se disso o conforto moral de que, por mais sangrento que o conflito tenha sido, todos os lados ao final se cansaram e baixaram as armas. Porém, a guerra não acabou exatamente assim: foram a invasão do Kuwait por

Saddam Hussein, em 1990, e a decisão do governo sírio

de se unir a uma coalizão liderada pelos Estados Unidos para expulsá-lo que levaram Washington a tolerar que os sírios extinguissem a última resistência a seu domínio no Líbano. Não é um paralelo muito reconfortante.

Não há dúvida de que o povo sírio, tanto dentro quanto fora do país, está completamente exausto e desmoraliza-do pela guerra civil e faria praticamente qualquer coisa para acabar com ela. Entretanto, a população não está

mais em posição de determinar seu próprio destino. A

Arábia Saudita e o Qatar estão armando e treinando uma nova “oposição militar moderada”, que supostamente

enfrentará Assad, o isis e outros grupos jihadistas. No entanto, não está claro se essa oposição “moderada” tem qualquer substância, exceto como peões rigidamente

controlados por poderes estrangeiros.

Só o tempo dirá se o presidente Assad é forte o sufi-

ciente para superar o atual impasse na Síria, apesar de isso parecer pouco provável. Até agora, as forças de combate do exército sírio foram capazes de lutar apenas numa frente de cada vez, enquanto se torna cada vez mais óbvio que movimentos como a Al-Qaeda – mais exatamente

isis, Frente al-Nusra e Ahrar al-Sham – podem operar

- cHoqUe e GUerra -

livremente através das fronteiras sírias com Iraque e Turquia. Eles têm um vasto território para manobra. Enquanto a guerra continuar, grupos fanáticos, como o isis, com legiões de combatentes preparados para sacrificar suas vidas, continuarão tendo vantagem sobre os moderados, que estariam mais abertos a negociações.

Nessa situação, a importância da opinião pública síria diminuiu crescentemente. No entanto, ela ainda pode valer de algo. Um dos poucos eventos positivos a ocorrer no país no começo do verão sírio de 2014 foi a evacuação da Cidade Velha de Homs por 1.200 combatentes, que tiveram permissão para levar seu armamento pessoal para território rebelde. Ao mesmo tempo, duas cidades xiitas pró-regime, Zahraa e Nubl, cercadas há dois anos pela oposição, puderam receber comboios humanitários. Além disso, 70

reféns capturados em Aleppo e Lataquia foram libertados.

É encorajador o fato de diferentes grupos rebeldes terem sido suficientemente coerentes para negociar e implementar um acordo, algo considerado impossível até agora. Esse tipo de negociação de paz local pode não parar o conflito geral, mas salva vidas pelo caminho.

•

Nenhum dos partidos religiosos que tomaram o po-

der, tanto no Iraque, em 2005, como no Egito, em 2012, conseguiu consolidar sua autoridade. Em toda parte, rebeldes buscam apoio de inimigos estrangeiros do Estado que estão tentando derrubar. A oposição síria pode apenas refletir as políticas e divisões de seus patrocinadores.

A resistência ao Estado foi tão rapidamente militarizada pelos movimentos de oposição que foi impossível experimentar uma liderança nacional e um programa político. O

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do JiHadiTa | 161

- PATRICK COCKBURN -

descrédito do nacionalismo e do comunismo, combinado

à necessidade de dizer o que os Estados Unidos querem

ouvir, deixou esses movimentos à mercê dos fatos, sem

nenhum projeto de uma nação não autoritário capaz de

competir com o fanatismo religioso dos militantes sunitas do isis e movimentos similares financiados por países petroleiros do Golfo. Agora, os resultados se espalham além da fronteira com o Iraque. O Oriente Médio está

entrando num longo período de fermentação, no qual

cada contrarrevolução pode mostrar-se mais difícil de

consolidar que a própria revolução.

•

162 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

posfácio

pOSFÁCIO

- PATRICK COCKBURN -

O longo cerco à cidade curda síria de Kobani pelo isis, que perdurava no momento em que este livro era finalizado, foi o primeiro revés sério contra o avanço jihadista. Ao longo de quatro meses, eles haviam alcançado uma série de vitórias. Em campanhas rápidas no verão iraquiano, o isis derrotou os exércitos do Iraque e da Síria, os rebeldes sírios e a peshmerga curdo-iraquiana, estabeleceu um Estado que se estendia de Bagdá a Aleppo e da fronteira síria com a Turquia até o deserto ocidental do Iraque.

Grupos étnicos e religiosos dos quais o mundo nunca

tinha ouvido falar, ou conhecia pouco, como os yazidis de Sinjar e os cristãos caldeus de Mosul, tornaram-se

vítimas da crueldade e do fanatismo sectário do isis.

Em setembro, foi a vez dos 2,5 milhões de curdos, que haviam conquistado uma autonomia de fato em três cantões no norte da Síria, um pouco ao sul da fronteira com a Turquia. Um desses cantões, cujo centro é a cidade de Kobani, tornou-se alvo de um ataque determinado.

Em 6 de outubro de 2014, os combatentes do isis haviam levado a luta até o centro da cidade e sua queda iminente foi prevista pelo presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, enquanto o secretário de Estado norte-americano, John Kerry, falava da “tragédia” de Kobani, mas, nervoso, tentava reduzir a importância de sua captura.

Quando um conhecido combatente curdo, Arin Mirkan, explodiu a si mesmo, cercado pelo avanço dos soldados

166 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Posfácio -

do isis, o gesto foi tomado como um sinal de desespero e derrota iminente.

Também pareceu que os planos dos Estados Unidos para combater o isis estavam em ruínas, já que os lutadores do grupo, além de próximos de capturar Kobani,

havam infligido uma nova derrota pesada ao exército

iraquiano a oeste de Bagdá. Os ataques aéreos lançados por Washington contra o isis, em 8 de agosto, no Iraque, e 23 de setembro, na Síria, não eram tão efetivos como se pensava. O plano do presidente Obama para “reduzir e

destruir” os militantes não havia mostrado os primeiros sinais de sucesso. Tanto na Síria quanto no Iraque, o isis ainda ampliava seu controle, ao invés de vê-lo reduzido.

Reforços do isis corriam a Kobani, num esforço para

alcançar uma vitória decisiva sobre os defensores remanescentes da cidade. Os jihadistas estavam dispostos a sofrer baixas pesadas nos combates de rua e

ataques aé-

reos, para que a cidade pudesse somar-se ao cordão de

vitórias que haviam alcançado desde a captura de Mosul, a segunda maior cidade do Iraque, em 10 de junho. Parte da força do movimento fundamentalista é o sentimento de que há algo inevitável e divinamente inspirado

em suas vitórias, seja contra a superioridade numérica dos adversários, em Mosul, ou contra o poder aéreo dos Estados Unidos, em Kobani.

Diante da possibilidade de uma vitória do isis em

Kobani, oficiais graduados dos Estados Unidos tentaram explicar o fracasso de seu país em salvar os curdos da cidade, provavelmente os mais fortes oponentes dos jihadistas na Síria. “Nosso foco na Síria é reduzir a capacidade do Estado Islâmico em projetar poder, comandar, sustentar e reforçar a si próprio”, disse o vice-conselheiro de Segurança Nacional, Tony Blinken, num típico discurso

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 167

- PATRICK COCKBURN -

para mascarar derrotas. “A trágica realidade é que, no curso desse esforço, haverá lugares, como Kobani, onde poderemos, ou não, ser capazes de lutar efetivamente”.

Isso nunca aconteceu. Washington não podia permiti-

tir que o isis alcançasse outra vitória, após a retórica de Obama sobre a redução e destruição do movimento. Em

19 de outubro, aviões c-130 lançaram 21 toneladas de

armas e equipamentos para a resistência dos rebeldes em Kobani. Ao mesmo tempo, os turcos pareciam rever sua

hostilidade anterior diante dos defensores curdo-sírios de Kobani e anunciaram que permitiriam a um destacamento da peshmerga reforçar a cidade em conflito.

No momento em que escrevo, Kobani não caiu, em-

bora forças do isis permaneçam entrincheiradas em boa

parte da cidade. Infelizmente, para os Estados Unidos, a cidade não é o único lugar em que os ataques aéreos

não estão sendo capazes de segurar os militantes. Numa ofensiva no Iraque, lançada em 2 de outubro, mas pouco reportada no mundo exterior, o isis capturou quase todas as cidades e vilas que ainda não controlava na província de Anbar, uma vasta área no oeste, que perfaz um quarto do país. Havia tomado a cidade de Hit e boa parte da capital provincial, Ramadi, pela qual lutara por muito tempo.

Outras cidades, vilas e bases na margem do Eufrates, a oeste de Bagdá ou nas proximidades, caíram nos dias seguintes, frequentemente após frágil resistência do exército iraquiano, que se provou disfuncional como sempre, mesmo com apoio aéreo dos Estados Unidos.

Logo, apenas a cidade de Haditha e a base militar de Al-Assad, próxima a Hit, estavam em mãos do governo.

Num estudo intitulado “Colapso das forças de segurança do Iraque quando o Estado Islâmico controla a maior parte da Província de Anbar”, Joel Wing concluiu que foi 168 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Posfácio -

“uma enorme vitória para o isis, por dar aos insurgentes controle virtual sobre a região e impor séria ameaça ao oeste de Bagdá”.

A batalha por Anbar, que estava no coração da rebelião sunita contra a ocupação norte-americana após 2003,

terminou com uma vitória decisiva do isis. O grupo to-

mou vastas áreas em janeiro, enquanto os contra-ataques do governo fracassaram miseravelmente, com cerca de

cinco mil vítimas nos seis primeiros meses do ano. Cerca de metade da população da província, de 1,5 milhão,

fugiu e se converteu em refugiada. Os próximos alvos podem ser os enclaves sunitas no oeste de Bagdá, começando por Abu Ghraib, que fica na periferia, mas abre caminho para o centro da capital.

O governo do Iraque e seus aliados externos sentem-se

confortados pelo fato de terem ocorrido alguns avanços contra o isis no centro e norte do país. No entanto, a norte e nordeste de Bagdá, o sucesso não foi obtido pelo exército iraquiano, mas por milícias xiitas altamente sectárias, que não fazem distinção entre os membros do grupo e o

restante da população sunita. Elas falam abertamente em se livrar dos sunitas em províncias de população diversa, como Diyala. O resultado é que os sunitas iraquianos não têm alternativas, exceto aliar-se ao isis ou fugir, se quiserem sobreviver. O mesmo ocorre a noroeste de

Mosul, na fronteira com a Síria, onde as forças curdo-

-iraquianas, auxiliadas pelos ataques aéreos dos Estados Unidos, recuperaram a importante passagem fronteiriça

de Rabiá, mas apenas um árabe sunita permaneceu na

cidade. Limpezas étnicas e sectárias tornaram-se norma de guerra, tanto no Iraque quanto na Síria.

O sítio a Kobani expôs a fraqueza da aliança contra

o isis liderada pelos Estados Unidos. No começo dos

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 169

- PATRICK COCKBURN -

bombardeios na Síria, o presidente Obama vanglo-

riou-se de formar uma coalizão de poderes regionais

sunitas como Turquia, Arábia Saudita, Qatar, Jordânia, Emirados Árabes e Bahrein, mas todos esses países têm

agendas diferentes da norte-americana. Destruir o isis não é sua prioridade. As monarquias sunitas árabes podem não gostar do grupo, porque ele ameaça o *status quo*

político, mas, como lembra um observador iraquiano,

“agrada-lhes o fato de que o Estado Islâmico cria mais problemas para os xiitas do que para eles próprios”.

Dentre os países supostamente unidos ao lado dos

Estados Unidos, o mais importante – de longe – é a

Turquia. Ela compartilha com a Síria uma fronteira de

820 quilômetros, por meio da qual rebeldes sírios de

todo tipo, inclusive do isis e Frente al-Nusra, passavam com facilidade. Em 2014, os turcos endureceram o controle de fronteira, mas, a partir de seus sucessos no verão, o isis não precisa mais de santuários, suprimentos ou voluntários do exterior no mesmo grau do que antes. Ao

longo do cerco a Kobani, tornou-se claro que a Turquia considerava as organizações políticas e militares sírio-

-curdas – o Partido de União Democrática (pyd)⁹ e as

Unidades de Proteção Popular (ypg)¹⁰ – mais ameaçado-

ras do que os fundamentalistas islâmicos.

Além disso, o pyd é o braço sírio do Partido dos

Trabalhadores do Curdistão (pkk), que luta desde 1984

9. N. do E.: O Partido de União Democrática é formado por curdos sírios nacionalistas que lutam pela criação do Curdistão na região norte da Síria. É afiliado ao PKK, considerado uma organização terrorista pela Turquia, Estados Unidos, União Europeia e otan.

10. N. do E.: As Unidades de Proteção Popular são uma organização armada ligada ao pyd que luta na região do Curdistão na Síria.

- Posfácio -

pela autodeterminação curda na Turquia. Desde que as

forças do governo sírio retiraram-se dos cantões curdos na fronteira com a Turquia, em julho de 2012, Ancara teme o impacto do autogoverno dos curdos sírios sobre sua população curda de 15 milhões de pessoas. O presidente Recep Tayyip Erdogan claramente preferiria que o isis controlasse Kobani, em vez do pyd. Quando cinco membros do

pyd, que tinha lutado em Kobani, acabaram capturados

pelo exército turco ao atravessarem a fronteira, em outubro, foram denunciados como “terroristas separatistas”.

A Turquia cobra dos Estados Unidos um preço alto por

sua cooperação, como a zona de amortecimento que con-

trola na Síria, onde os refugiados sírios vivem e rebeldes anti-Assad são treinados. Erdogan gostaria que houvesse uma zona de exclusão aérea na Síria, o que significaria outro movimento contra o governo de Damasco, já que o isis não tem nenhuma força aérea. Se implementado, o plano

significaria que a Turquia, apoiada pelos Estados Unidos, entraria na guerra civil síria ao lado dos rebeldes, ainda que as forças anti-Assad sejam dominadas pelo isis e pelo Frente al-Nusra, o filiado local da Al-Qaeda. Este último grupo liderou um ataque à capital provincial de Idlib, controlada pelo governo sírio, em 27 de outubro. Quase alcançou a vitória e executou sumariamente setenta funcionários do governo em seu quartel-general.

Vale ter em mente, ao examinar os planos da Turquia,

que suas ações na Síria têm sido, desde 2011, uma mes-

cla autodestrutiva de soberba imperial e inépcia quase cômica. No início do levante, ela poderia ter exercido papel de moderadora entre o governo e seus oponentes. Ao invés disso, apoiou a militarização da crise e dos jihadistas e considerou que Assad seria rapidamente derrotado.

Isso não aconteceu e o que teria sido um levante popular o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 171

- PATRICK COCKBURN -

passou a ser dominado por senhores da guerra sectários, que floresceram nas condições criadas pela Turquia. Ao início, Erdogan pensava que poderia desconsiderar a ira dos curdos turcos despertada pelo fato de o entenderem cúmplice do isis contra os curdos sírios.

O processo de paz na Turquia, que manteve um cessafogo com o pkk desde 2013, agora entrou em colapso.

Por que Ancara não se preocupa com isso? Ela pode

acreditar que o pkk está muito fortemente envolvido na luta na Síria para retomar uma guerra em outra frente.

Por outro lado, se a Turquia entrar na guerra civil síria contra Assad, um aliado crucial do Irã, líderes deste país disseram que ela “pagará um preço”. Isso provavelmente significa que o Irã irá apoiar sigilosamente uma insurgência curda armada na Turquia. Um político iraquiano

comentou: “Os iranianos têm phd nesse tipo de guerra”.

Saddam Hussein cometeu um erro em certa medida similar ao de Erdogan, quando invadiu o Irã em 1980, o que levou Teerã a reacender uma rebelião curda, que

Bagdá havia esmagado por meio de um acordo com o xá

Reza Pahlevi, em 1975. Uma intervenção militar turca

na Síria não acabaria com a guerra lá, mas poderia muito bem espalhar a luta pela Turquia.

Ao atacar Kobani, a liderança do isis queria provar

que podia continuar derrotando seus inimigos, sem se

importar com os ataques aéreos norte-americanos. Seus

combatentes cantavam desafiadoramente: “O Estado

Islâmico permanece, o Estado Islâmico cresce”, enquanto corriam a Kobani para repor as perdas pesadas sofridas.

No passado, o isis havia sido ágil taticamente ao alterar o curso de batalhas que sequer se considerava capaz de vencer ou se retirando de metade do território que

controlava na Síria, ao sofrer uma ofensiva de outros

172 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Posfácio -

rebeldes, na primeira metade de 2014. Contudo, a bata-

lha de cinco semanas por Kobani provavelmente durou

tempo demais e foi muito divulgada para que seus mi-

litantes se retirassem sem perder prestígio. O apelo do Estado Islâmico aos muçulmanos sunitas na Síria, no

Iraque e em todo o mundo funciona em parte com base

num sentimento de que suas vitórias são presentes de

Deus e inevitáveis. Por isso, qualquer derrota afeta a alegação de apoio divino.

A vitória final do isis em Kobani, que parecia inevitá-

vel no início de outubro, não havia se consumado no final do mês, apesar de os militantes sustentarem que estavam apenas mapeando os últimos bolsões de resistência. O

grupo estava sofrendo claramente baixas pesadas nas

lutas de rua e ataques aéreos dos Estados Unidos. A entrega de armas e equipamentos ao braço sírio do plk

fortaleceu a força militar e a moral dos curdos. A Casa Branca tornou-se mais impaciente com a mal explicada

preferência da Turquia pelo isis, diante dos curdos.

Antes disso, os comandantes do isis haviam sido capa-

zes de dispersar seus homens e esconder seu equipamento.

Por volta de 23 de outubro, a campanha de ataques da coalizão liderada pelos Estados Unidos executara 6.600

missões, mas destas apenas 632, menos de 10% do total, resultaram em ataques contra alvos no solo. Ainda assim, ao tentarem tomar Kobani, os líderes militares do isis tiveram de concentrar suas forças em posições identificáveis, o que as tornou vulneráveis ao ataque. Num período de 48

horas, houve 40 ataques aéreos norte-americanos, alguns a apenas 50 metros da linha de frente curda. Tais bombardeios poderiam bloquear a tomada de Kobani pelo

isis e fazê-lo, em teoria, em Erbil ou mesmo Bagdá, mas o fracasso da “GUerra ao Terror” e a asceNsÃO JiHadisTa | 173

- PATRICK COCKBURN -

resultado era duvidoso. Há limites para as possibilidades de uma campanha aérea.

O Estado Islâmico continuava a se expandir em outo-

bro, apesar da intervenção militar dos norte-americanos, que ainda tropeçavam em sua tentativa de dar assistência militar aos que combatiam o isis, como o exército

da Síria. Ao mesmo tempo, Washington deveria, supos-

tamente, apoiar a tentativa de derrubar o regime de

Damasco. Porém, se era sério o esforço para derrotar o extremismo jihadista, não havia alternativa. O isis tinha muitos inimigos – tantos que, em longo prazo, deveriam ser capazes de vencê-lo. No entanto, sua desunião e agendas distintas sugerem que o Estado Islâmico está se convertendo rapidamente num fato geográfico e político estabelecido no mapa.

Outubro de 2014

•

174 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Posfácio -

Nota à primeira edição

Em 26 de janeiro de 2015, depois de 134 dias de resis-

tência, a guerrilha curda, concentrada nas Unidades de Proteção Popular (ypg), expulsou as tropas do isis da cidade de Kobani. Uma surpresa para o mundo, inclusive

para a coalizão liderada pelos norte-americanos. Foi a derrota mais significativa imposta ao Estado Islâmico na Síria desde sua meteórica campanha.

Ao longo da ofensiva do isis contra Kobani, iniciada

em setembro de 2014, mais de 600 combatentes curdos

e mil jihadistas haviam morrido em combate. A vitória, conquistada por grupos constituídos majoritariamente

por mulheres, teve um significado paralelo à política e à guerra: foi um contraponto ao desprezo dos membros do

isis e radicais sunitas à condição feminina.

As mulheres de Kobani não se converteram em escrava-

s sexuais, como ocorre em outras frentes de batalha

dos jihadistas. Responderam, lutando, a essa atrocidade contra os direitos humanos.

A vitória foi muito comemorada nas redes sociais, qua-

se simultaneamente ao anúncio da expulsão do isis pelo porta-voz oficial do ypg, Polat Can, por meio do Twitter.

Na página do Facebook denominada “Kurdish Resistance

& Liberation”, postaram-se as fotos e vídeos dos últimos confrontos e da festa de comemoração. A cidade ficou em ruínas, mas o ânimo dos curdos, renovado pela espetacular campanha, pode converter-se no marco de nova ordem política no norte da Síria, junto à fronteira com a Turquia.

•

posfácio

AGRADECIMENTOS

- AGRADECIMENTOS-

Este livro foi concebido originalmente como uma descrição do poder crescente dos movimentos jihadistas

posfácio

similares à Al-Qaeda no norte da Síria e no Iraque. Sua importância parecia esquecida pelos políticos, mídia

e opinião pública ocidentais. Em particular, eu desejava rastrear a rápida ascensão do isis, a ira crescente da

comunidade sunita no Iraque e a incapacidade do governo para combater uma nova e poderosa insurgência.

Na Síria, eu desejava frisar que a oposição armada havia caído sob domínio dos movimentos jihadistas, enquanto

os moderados, que o Ocidente pretendia fortalecer, têm pequena influência no terreno das operações.

No entanto, o que parecia uma opinião marginal em

2013 e no início de 2014 apareceu ao mundo com a cap-

tura de Mosul, em 10 de junho de 2014, e a proclamação, naquele mês, de um Califado que ignorava a fronteira

entre Iraque e Síria. As principais conclusões de meu

livro, apresentadas antecipadamente, pareciam confir-

mas de modo espetacular pelos acontecimentos, mas a

guerra não terminou e as linhas de batalha moveram-se

para frente e para trás. Muitos atores dentro e fora do país envolveram-se, e tanto o Iraque como a Síria têm

um modo especial de produzir fatos inesperados e surpresas desagradáveis.

Desenvolvi muitos dos temas deste livro ao dar conferências para a Fundação Alwan para as Artes, em 2014, em Nova York, e ao escrever artigos para *The Independent* e *London Review of Books*. Agradeço muito o estímulo e apoio.

•

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 177

glossário

GLOSSÁRIO

- PATRICK COCKBURN -

Alauísmo: subdivisão do islamismo xiita própria da Síria e de seu entorno. É minoritária mesmo em sua terra.

Essa forma de islamismo é professada pela família Al-

Assad e, por conta disso, acabava tendo influência na Síria anteriormente à guerra civil. Tem peculiaridades teológicas em relação às outras subdivisões dos xiitas que a fazem ser questionada e seus adeptos serem perseguidos por outras vertentes do Islã, sobretudo por certos ramos sunitas.

Ahrar al-Sham (Movimento Islâmico dos Homens

Livres do Levante): movimento islâmico nascido em 2013, durante a guerra civil síria, é mais uma das for-

ças beligerantes anti-Assad, com dezenas de milhares de combatentes islamistas e salafistas.

Bashar al-Assad: (Damasco, 11 de setembro de 1965), líder sírio desde 2000,

sucedeu imediatamente seu pai, Hafez Al-Assad, que governou o país de 1971 até sua

morte. É presidente do país e secretário-geral do Partido Baath local. Médico educado em Londres, conduz um

regime político fechado, embora de caráter laico, o qual garante o bem-estar de minorias étnicas e religiosas -

como sua própria família, que é alauíta - e os cristãos.

Figura controversa, pesam contra ele acusações de cri-

mes contra a humanidade praticados na atual guerra

civil, enquanto, por outro lado, é apontado como um lí-

der austero, que mantém a estabilidade em um cenário

desde sempre tenso. Atualmente, comanda o que resta de um dos últimos regimes nacionalistas árabes.

Exército Livre Sírio (Free Syrian Army - fsa): foi uma das principais forças de oposição ao regime de Bashar Al-Assad, na Síria, designado pelo Ocidente como o futuro

180 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Glossário -

ocupante do poder no país. Chegou a reunir mais de cem mil soldados. Tem natureza laica e defende a adoção de uma forma mais secular e aberta do que o regime baathista. Opõe-se igualmente aos movimentos jihadistas.

Por isso, acabou sendo marginalizado, perdendo armas e terreno para as milícias islâmicas.

Fatwa: parecer consultivo voltado a esclarecer a interpretação mais correta das normas islâmicas, geralmente proferido por um clérigo autorizado.

Frente Al-Nusra (Ou Jabhat an-Nurah li-Ahl ash-

-Shām, que significa : “A Frente da Vitória para o Povo da Grande Síria”): organização jihadista surgida na atual guerra civil síria, em 2012, opondo-se ao

regime de Bashar Al-Assad. Segundo Patrick Cockburn, é a representante oficial da Al-Qaeda na região.

Islamismo Sunita: professado pela maior parte dos muçulmanos, deriva da palavra árabe “sunnah”, que significa “hábito”, “prática usual”, “costume” ou “tradição”.

Possui subdivisões importantes, com sensíveis diferen-

ças entre si, mas pode ser considerado o veio principal da religião islâmica. É a vertente mais popular na Península Arábica, Indonésia e no Magreb.

Islamismo Xiita: vertente minoritária do islamismo, cujo nome vem da palavra árabe “seguidor”, pois tal

ramo funda-se na figura de Ali ibn Abi Talib, genro de Maomé, o qual é considerado o sucessor do Califado.

Os xiitas atribuem autoridade espiritual à família e aos descendentes do Profeta, os quais seriam infalíveis. É

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 181

- PATRICK COCKBURN -

majoritário em poucos lugares, nomeadamente no Irã,

Iraque, Azerbaijão e no Bahrein.

Imã: do árabe “aquele que fica ou vai na frente”. Para os sunitas, é o condutor dos rituais e preces nas mesquitas, enquanto para os xiitas são os descendentes do Profeta com autoridade e infalibilidade.

Jihad: do árabe “esforço” ou “empenho”; o termo possui um significado técnico próprio no Corão, livro

sagrado do Islã, no qual representa a missão do fiel mu-

çulmano de se autogovernar e, também, de universalizar os preceitos islâmicos para toda a humanidade. No final do século 20, o termo apareceu de modo recorrente com

o avanço de certas organizações armadas islâmicas, ge-

ralmente sunitas, as quais usaram a Jihad como discurso legitimador da sua luta contra governos nacionalistas

árabes, potências ocidentais ou mesmo a antiga União

Soviética. As primeiras organizações do tipo a aparecerem nos noticiários internacionais foram a Al-Qaeda e

a resistência antissoviética do Afeganistão (da qual de-sembocou o Talibã). Hoje, o isis, a Frente Al-Nusra e

o Boko Haram são importantes exemplos desse tipo de organização. A mídia corporativa internacional assimi-

lou o termo Jihad, simplificando-o grosseiramente como sinônimo de “guerra santa (islâmica)” ou como uma postura belicosa geral e comum à maioria dos muçulmanos,

o que não encontra qualquer respaldo linguístico, filosófico ou sociológico.

Jihadista (ou mujahid [plural: mujahadin]): aquele que pratica a jihad, no sentido de realizar ações militares de defesa do Islã.

182 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- Glossário -

Muammar Gaddafi: (Sirte, Líbia, 1942 – Sirte, Líbia, 2011). Falecido líder líbio, chegou ao poder na esteira do avanço do nacionalismo árabe, conduzindo por mais de 40 anos um regime fechado, de cunho laico e não-alinhado. Foi assassinado barbaramente em 2011

na guerra civil líbia, a qual eclodiu na esteira dos efeitos da Primavera Árabe. Possui um legado ambíguo, de

ter sido um ditador cruel e excêntrico, enquanto, por

outro lado, conduziu a Líbia a ostentar o maior Índice de Desenvolvimento Humano (idh) do continente africano. Teve uma postura antiamericana, mas

quando foi

derrubado, inclusive por uma conspiração de rebeldes

locais e do Ocidente, havia se reaproximado das potências ocidentais e do sistema global.

Nacionalismo Árabe: movimento que teve expressões com Nasser no Egito, Gaddafi na Líbia e o baathismo, dentre outros movimentos. Assentava-se em certos pilares

comuns, como as ideias socialistas, com peculiaridades árabes, republicanismo autoritário, o anti-imperialismo e a laicidade do Estado. Depois de seu auge no imediato pós-guerra, gradualmente entrou em decadência.

Partido Baath: ou Partido Socialista Árabe Baath (do árabe “renascimento”); fundado na Síria em 1947,

propunha a mistura do nacionalismo árabe, o anti-im-

perialismo, o pan-arabismo - isto é, a união dos países árabes - e o socialismo de inspiração árabe. Tinha cará-

ter firmemente laico e republicano, embora autoritário.

Além da Síria, teve ramificações no Iraque e no Líbano, justamente na região de atuação do isis. Porém, devido às suas divisões e vacilações, praticamente desapareceu, embora ainda seja hegemônico na Síria.

o fracasso da “GUerra ao Terror” e a ascensão do Jihadista | 183

- PATRICK COCKBURN -

Saddam Hussein: (Tikrit, Iraque, 1937 – Bagdá, Iraque, 2006). Líder iraquiano entre 1979 e 2003, ano em que foi deposto pelas forças armadas norte-americanas, as quais invadiram o país na Guerra do Iraque – também conhecida como a Terceira Guerra do Golfo. Com a invasão,

passou meses foragido, até ser capturado pelo exército dos Estados Unidos, ficando anos sob sua custódia, até ser entregue a um tribunal iraquiano, que o condenou

à força. Saddam foi parte do Partido Baath do Iraque,

ocupando cargos de relevo até ascender à chefia máxima do país. Ironicamente, foi fiel aliado norte-americano, ao contrário dos nacionalistas árabes, até a Segunda Guerra do Golfo, em 1992, com a invasão do Kuwait, quando se

converteu em inimigo de Washington, até ser deposto e

levado à morte pelos seus ex-protetores.

Salafismo: do árabe salaf (predecessores), que diz respeito ao profeta Maomé, seus aliados e às primeiras gerações deste, sendo um designativo genérico para vários movimentos islâmicos que, ao longo da história, defendem uma volta às origens da religião, desconsiderando várias inovações práticas e teológicas. O termo salafista é muito amplo, sendo a mais influente corrente atual o wahabismo.

Sufismo: corrente esotérica do Islã, não diz respeito a uma divisão própria da doutrina religiosa islâmica, mas a práticas místicas, interiores e contemplativas, comuns ou possíveis a todos os ramos daquela religião, muito

embora seja mais comum entre os sunitas. O sufismo,

contudo, é praticado muitas vezes em segredo e seus

adeptos são frequentemente perseguidos, sobretudo por

ramos fundamentalistas.

184 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

- PATRICK COCKBURN -

Wahabismo: subdivisão do islamismo sunita, de caráter

salafista, fundada pelo estudioso Muhammad ibn Abd Al-Wahhab, no século 18, na região central da Península Arábica. O movimento busca fazer o islamismo retomar

suas raízes originais, desprezando os ensinamentos das escolas e, não raro, hostilizando os muçulmanos que

não partilham de sua visão particular do Islã – no que se incluem, sobretudo, os xiitas. Sua disseminação está ligada à ascensão do clã Al-Saud, o qual pactuou com

Al-Wahhab, há um longo período. O Estado surgido do clã, a Arábia Saudita, tornou-se fiel aliado do Ocidente.

Também se proclama guardião de Meca, em torno da qual foi erguido. O wahabismo exerce significativa influ-

ência no mundo islâmico, inspirando não só o regime de seu país, mas movimentos como o isis ou o Boko Haram.

•

185 | A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO

SOBRE O TRADUTOR

Antonio Martins é jornalista e editor do site *Outras*

Palavras (www.outraspalavras.net). Foi fundador da edição brasileira do *Le Monde Diplomatique* e participou da construção de outras iniciativas de mídias livres, como *Carta Maior* e *Ciranda*. Integrou, pelo movimento attac, o grupo de organizações brasileiras que lançou, em 2001, o Fórum Social Mundial — sendo integrante de

seu Conselho Internacional.

•

Document Outline

- [Sumários](#)
- [Histórias não contadas](#)
- [Mapas](#)
- [Apresentação: Uma serpente entre as pedras](#)
- [prefácio: Os 100 Dias](#)
- [I. A ascensão do isis](#)
- [II. A Batalha de Mosul](#)
- [III. Em Estado de Negação](#)
- [IV. A Marcha dos Jihadistas](#)
- [V. O ressurgimento sunita no Iraque](#)
- [VI. Os jihadistas sequestram a rebelião Síria](#)
- [VII. A Arábia Saudita tenta voltar atrás](#)
- [VIII. Se Sangrar é Manchete](#)
- [IX. Choque e Guerra](#)
- [Posfácio](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Glossário](#)
- [Sobre o tradutor](#)